

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AFFONSO CELSO

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

Poesias Escolhidas

PRIMEIRA COMMUNHÃO — ITHAMAR

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1902

Poesias Escolhidas



AFFONSO CELSO

AFFONSO CELSO

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

Poesias Escolhidas

PRIMEIRA COMMUNHÃO — ITHAMAR

II. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

73, RUA DO OUVIDOR, 71
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1902

POESIAS ESCOLHIDAS

PRIMEIRA PARTE

VERSOS AVULSOS

AMIGOS!

Amigos!... Quantos... quantos tive
Nos bellos tempos!... Mas, depois,
Foi começar fatal declive,
Permaneceram tres, ou dois.

Não me lastimo. Na amizade,
Como no amor, o coração
Reduz a um ponto a immensidade,
N'um ser confina a multidão.

O sentimento, si é completo,
Concentra e apura o seu calor :

— Quem dividiu em róda o affecto,
Só folhas deu, não deu a flôr.

Em cada braço um companheiro...
Para que mais?! Nem ha lugar...
— Basta, no transe derradeiro,
Ter duas mãos para apertar.

LIVROS

De livros mil vivo cercado,
Dias e noites passo a ler,
Mas, francamente, o resultado
Coisa não é de agradecer.

Nenhum me dá — paz e conforto,
Nenhum me diz si eu amanha
Vivo estarei ou si, já morto,
Terá cessado o meu afan.

Nada afinal sabeis ao certo
Sobre das almas o tropel...
Do vosso cume vê-se perto;
Chatas montanhas de papel.

Vans pretensões! Orgulho fôfo!
Do ser mesquinho que vos fez
Tendes o mesmo vil estofo,
Tendes a mesma pequenez.

Cada vez mais, de balde, avulta
Vossa maré... Fudo invadis ;
Mas não tornais quem vos consulta
Nem menos mau, nem mais feliz.

Que um cataclysmo vos destrúa,
Mal não fará... Sem o sentir,
Serena a vida continúa :
Lutar, soffrer, sonhar, mentir...

ALMA VARIA

Uma só alma?! Que engano!
Muitas almas todos têm :
Muda-se a alma de anno em anno,
Morrem umas, outras vêm.

Tive uma alma côr de arminho
Pura assim nunca se viu ;
Mas essa alma... Passarinho,
Bateu as azas, fugiu.

Tive uma alma ardente e bella
Como o sol jamais brilhou,
Mas essa alma... Pobre véla,
Zuniu um vento e a apagou.

Hoje, esta alma que me habita,
Donde veio?... Quem m'a deu?
— E' como estranha visita,
Mais velha e triste do que eu!

A CONFIANÇA

Sem ti, a mente se afunda,
Minada em seus alicerces :
Feliz daquella em que exerces
Tua ascendencia fecunda.

De quem te adopta por guia
Quão segura a directriz!
Sim! Feliz o que confia,
Feliz, tres vezes feliz!

Mas, como o vidro, és frangivel.
Não raro, a um gesto, a uma phrase,
De chofre vai-se-te a base;
Cais, e, depois, é terrivel.

O vidro quebrado córta
A mão que incauta o apertou...
Oh! como a confiança morta,
Coração, te retalhou!

Tudo fallacia e chiméra...
— Tem talvez sorte bemdita
Esse que em nada acredita,
Nada esperou, nada espéra.

A INDIFFERENÇA

Ficar a tudo indifferente,
Pensar que, nunca intelligiveis,
Incertas são, e discutiveis,
Todas as coisas, igualmente ;

À ser nenhum sentir apêgo;
Nada temer, nada esperar,
Sem que este humor, este socego,
Successo algum possa alterar ;

Nem na razão, nem nos sentidos
Ter fé jamais, mas pôr estudo
Em duvidar, sempre, de tudo :
— Falas, sorrisos ou gemidos ;

Não ter o minimo conceito
Seja do bem, seja do mal ;
Fazer, com animo perfeito,
Renuncia eterna e universal ;

Nem ver no tumulo um asylo,
Mas, bem iguaes Morte e Existencia
Considerar, — sem preferencia,
Pouco importando, isto ou aquillo

— Eis como expõe o seu programma
Um grande espirito... Mas quem,
Representando o humano drama,
Conseguirá tanto desdem?!

Indifferença, o nosso nivel
Teu reino olympico ultrapassa,
Divino dom, suprema graça,
Chamo-te, em vão... E's impossivel!

Esse que sabe com tal plano
Levar na terra os dias seus,
Melhor que o despota romano,
Deve sentir tornar-se Deus.

A VONTADE

Vontade, ingenua apparencia,
Ou presumpçosa illusão,
Dá-se tudo na existencia
Sem a tua intervenção.

Não foi por bradar : eu quero !
Que se formou o meu ser ;
Graças a ti, nada altero ;
Não me impedes de morrer.

Em que amanhan vente ou chova
Te é dado acaso influir ?
Força possues que remova
Surpresas que tem de vir ?

Affirmam : Vontade forte
De muita coisa é capaz ,
Mas contra a molestia e a morte
Que é que póde? Que é que faz?!

Não sabes siquer um dedo
Preservar de infima dor.
A que paixão mettes medo?
Venceste algum dia o amor?!

Vives, contudo, tão ancha,
Como a exigir parabens,
Quando o destino desmancha
Todos os planos que tens!

Constantemente enganada,
Tão impostor é teu ar,
Que deves ser apupada
Quando esta farça acabar.

A GRATIDÃO

A Vida nos emancipa
Da crença no teu valor ;
E's como a negra tulipa,
Rara, phantastica flôr.

Beneficio, esteril velho,
Tua semente não medra
Parece a que cai na pedra
De que nos fala o Evangelho!

Gratidão, só é possível
Como sombra te pintar ;
Sombra, sim, vaga, intangivel,
Que fôge, si a vão pegar.

Quem se firma em ti, baqueia,
Semelhante ao que edifica
(Tambem o Evangelho o explica)
Seu lar com bases de areia.

Ouvindo sempre « Sou grato! »
Cem annos póde viver
Alguem, — e nunca, de facto,
Gratidão, te conhecer.

NADA!

Foi no formoso romance
Le livre de mon ami
Do fino Anatole France,
Que estes conceitos colhi :

« Amanhan! Em outra idade,
Nesta expressão — que magia!
Era dizel-a e surgia
Desconhecida deidade,

Que risonha me acenava,
— Vem! murmurando. Confiante,
A' Vida, naquelle instante,
Sincero amor eu votava.

Não pensava que o destino
Ser-me severo pudesse!
Piedade elle não conhece ;
Comtudo, não o incrimino.

Em mim, como em tanta gente,
Não fez feridas sem nome ;
A's vezes, mesmo, afagou-me,
Elle, o grande indifferente!

Si me negou muita graça,
— A par de coisas funestas
Outras me deu... E ao pé destas
São as mais — cinza e fumaça.

Perdi, no entanto, a esperança,
E amanha é uma expressão
Que hoje em mim só frio lança
De tristeza e inquietação... »

Inda és feliz, nobre artista,
Tens um passado a sorrir!
Só te mostras pessimista
Com relação ao porvir.

Ha quem, num presente escuro,
Soffra sem este fado

Nem saudades do passado,
Nem illusões no futuro.

Dando a tudo o mesmo peso
A mesma igualdade van,
Confunde, num só desprezo,
Hontem com hoje e amanha!

UMA ROÇA

Que faceirice feminina,
Candura, graça, encanto, emfim,
Na grande rosa purpurina
Que condecóra o meu jardim!

Dorme, respira, á nossa imagem ;
Quieta não fica em seu lugar ;
Possue no olor uma linguagem ;
Sabe tambem, de certo, amar.

Lgrimas verte... Sofre? E' viva?
Nutre illusões? Caricias quer?
— Tem na expressão doce e lasciva
Todo o mysterio da mulher.

Sugar-lhe orvalhos matutinos
Faz-me phantastico prazer,
Pois numerosos labios finos
Num beijo só cuido sorver.

DÔR DE AMAR

Que profundas as singelas,
Doces tróvas do sertão!
Lembra-me agora uma dellas
Que indaga : *o amor dóe* ou não?

E diz : (a forma innocente
Não me occorre exacta já),
« Queira bem e viva ausente
Si elle dóe ou não — verá. »

Só ausente?! E' na presença
De quem nos soube encantar

Que, ás vezes, dóe mais intensa
A dôr terrível de amar.

Elle, então, é malfazejo,
Fére, allucina, corróe...
Deus te livre, sertanejo,
De saber quanto *elle* dóe.

O SOMNO

Somno propicio, doce pausa,
Quando o teu jugo me retém,
Nem eu padeço, nem sou causa
De que por mim padeça alguém.

Em mim se infiltra o teu carinho,
Melhor que um beijo de mulher ;
Dás illusões, mais do que o vinho,
De esquecimento és esmolér.

E's aprazível, manso, fresco ;
Comtudo o nome ha quem te dê
De irmão da morte, — parentesco
Que causa horror, não sei porque.

Si, na verdade, ella contigo
Tem esse laço, — meiga e san
E', com certeza... Oh! meu amigo,
Porque não trazes tua irman?!

A ALEGRIA

E's, neste mundo, uma estrangeira,
Pareces hospede fugaz!
De quem já fôste companheira,
Firme e leal a vida inteira?!
Oh! inconstante! Oh! bandoleira!
Ninguem te vê nas horas más.

O olhar do sabio te evapóra,
Dás preferencia ao do imbecil ;
Porque razão surgiste agora,
E, inexplicavel, vais-te embora?
Fragil rainha de uma hora,
Como fixar o teu perfil?

De quando em quando, breve instante,
Meu coração visitar vens ;

Mas entras pallida, hesitante,
Caricias dás febricitante,
E partes já... Furtiva amante,
De te mostrar receio tens.

Oh! Alegria, só conheço
De ti ephemero clarão!
E o meu viver teria preço
Si, ao pé de mim, desde o começo,
Em me surgindo algum tropeço,
Me conduzisses pela mão.

Amo-te, e muito, a companhia,
Mas pôe-te fóra do meu lar
Tua rival — Melancolia,
Que, presa a mim, te repudia,
Lembrando a biblica porfia
Da velha Sara com Agar.

PHANTASMAS

« Não ha phantasmas! » diz muita gente,
« Parvas crendices do imaginar... »
Mas quem phantasmas vê, toca, sente,
« Sim, ha phantasmas! » deve afirmar.

Quando, alta noite, medito e estudo,
Eil-os que em bando cercar-me vem.
Mysterio exhalam... Que ar frio e mudo!
Queridos traços confusos têm.

Atravessaram cerradas portas,
Pairam no espaço, como balões,
Sudarios vestem... São coisas mortas,
Tristes, estranhas aparições!

Oh! reconheço-as... Outr'ora, vivas,
Me acarinhavam... Quanto as amei!
Hoje amedrontam, são afflictivas,
Porque me turbam a paz? ... Não sei...

Crença, Esperança, Gloria, Virtude,
Cobiça, a um tempo, divina e atroz;
Socias, Princezas... (Oh! Juventude!)
Musas, Amantes... Sois vós... sois vós...

Das éras idas volvei ao fundo.
Porque tornardes? Já bem soffri...
Almas penadas, sois do outro mundo,
Sombras ingratas, fugi... fugi...

IMPRECAÇÕES

Muito soffreste,
Doce Jesus!
Sim! fel bebeste,
Fôste ultrajado,
Fôste açoutado,
Por fim, pregado
Fôste na cruz.

Fôste tentado
Por Satanaz,
Mais vil julgado
Que Barrabás!

Abandonou-te
Toda affeição ;

POESIAS ESCOLHIDAS

Pedro negou-te,
Judas beijou-te,
Na horrível noute
Da traição.

Sim! padeceste
Tamanha dôr
Que até verteste
Sangue em suor.

Sim! supportaste
Mil provações,
Mas encontraste
Compensações :
Só praticaste
Quanto querias ;
Após tres dias
Ressuscitaste.

Horas bem calmas
Viveste-as bem...
Refresca as almas
Ver-te em Belem!
Votou-te palmas
Jerusalem.

Que infancia bella!
Mãi como aquella
Quem é que a tem?!

Gente singela
Deu-te seus dons;
Quantos disvelos
Simples e bons!

Causa até zelos
Vêr quão tu és
Feliz, na scena
Da Magdalena
Com seus cabellos
Sobre teus pés.

Sim! tua historia
Contem prazer :
Morrer com gloria
Não é morrer.
Quando a doutrina
Que a morte ensina
Vence e domina,
Gozo é soffrer.

Tiveste a sorte
De nunca a morte
Vir a teu lar,
Entes queridos,
Entre gemidos,
Te arrebatat.

Nunca a teus braços
Viste fugir

Quem em pedaços
Põe um porvir.
Nunca o azedume
De um sonho vão ;
Nunca o negrume
Da solidão ;

Nunca o ciúme,
Nunca a ambição,
Nunca de um cume
Tombar no chão.

Mas, sobretudo,
Que forte escudo
Na sina má,
Ter fé ardente
De que a semente
Florescerá.
Que força ingente
Tal fé nos dá!
Nesse que a sente
Dôres não ha.

Teus soffrimentos,
Nem por momentos,
Em coisa alguma
Comparo aos meus;
Mas, Christo, em summa.
Tu eras Deus!...

Jesus, rêvezes
Aos teus iguaes
Soffrem, ás vezes,
Em cada dia,
Pobres mortaes,
E alguns dir-se-hia
Que soffrem mais.

Por isso, agora,
Com quem implora
Nalgum perigo
Socorro teu,
Faze o que, outr'ora,
Jesus, contigo,
Piedoso amigo,
Fez Cyreneu.

TEM DÓ

Tu, cujo olhar agudo,
Tu, cuja lucidez
Vara qualquer escudo
Do pensamento mudo,
Tu que devassas tudo,
Tu que nas almas lês,

Sabes que mais sincero
Não se é possível ser :
N'um vão esforço austero,
Lucto e me desespéro !
Senhor, Deus meu, eu quero,
Mas, ai! não posso crer.

Energica, a vontade
Diz á razão : tem fé!

E a duvida me invade
— E' uma enfermidade,
Uma incapacidade,
Dura injustiça até!

A duvida que aceita
A propria sujeição ;
Que timida se ageita,
E o raciocinio engeita,
Não é a fé perfeita ;
Essa não quero--a, não!

Como é que se acredita
Sem nunca vacillar?
— Eis o que est'alma afflicta
Procura e necessita.
Oh! essa fé bemdita
Meu Deus, onde a encontrar?

A fé que não hesite,
De equivoco incapaz,
A fé que não imite
Os fructos do Asphaltite
A fé que, sem limite,
Dê força, luz e paz!...

II

Oh! tu que no infinito
Reges o sol e o pó,
Senhor, ouve este grito
De um pobre ser constricto
Que em ti pôe o seu fito
Tem dó, Senhor, tem dó!

Tem dó desta incerteza,
Tem dó desta oppressão,
Tem dó desta fraqueza,
Tem dó desta tristeza,
Tem dó dest'alma preza,
Tem dó desta prizão!

Tem dó da vil materia
Que ao nada se reduz,
Da intelligencia etherea
Que, envolta na miseria
Da terra deleteria,
Se arrasta, erma de luz.

Apaga-me a tendencia
Para a tristeza e a dôr,

Aclara-me a consciencia,
Socega-me a impaciencia,
Norteia-me a existencia,
Soccorre-me, Senhor!

Deus meu, tem dó. Mitiga
Mesmo este frenesi...
Oh! basta de fadiga!
Minh'alma, essa mendiga,
No seio teu a abriga,
Senhor, me chama a ti!...

A AMBIÇÃO

Oh gloria de mandar ! Oh van cobiça,
Desta vaidade a quem chamamos fama!

CAMÕES.

Desejo vão de ser notado,
De commandar, de apparecer,
Qual, afinal, teu resultado?
Qual teu valor, qual teu prazer?

Vai-se aviltando quem te escuta...
Si elevação, ás vezes, dás,
E' só depois, de febre e lucta,
De modo ephemero e fallaz.

Quem se emmaranha em tua rede,
Leis não conhece, olvida o lar ;

O teu licor não mata a sede :
Faz beber mais, até matar.

A historia humana está repleta
Dos crimes teus... Victimias mil
Produz teu vulto, deusa inquieta,
Tyranna hypocrita e servil.

Prestar-te ouvido pude outr'ora!
Cedo, porem, te conheci :
Oh! vai-te embora, vai-te embora...
Só se é feliz, longe de ti.

Quero que impére na minh'alma,
Livre do mundo, a virgem san,
Chamada Paz, chamada Calma,
Não tu, funesta cortezan,!

NUM LEQUE

Que leque de mau gosto!
A bafejar-te o rosto
 Dá frescor!
E' justo que se quebre :
— Devia sentir febre,
 Dar calor. .

MORRER

O que vê a minh'alma confrangida
É que se morre muita vez na vida !

BATRINA.

Sim! morrer não é somente
Transformar-se a carne em pó
Muitas vezes morre a gente,
Ninguém morre uma vez só.

E' morte muita partida,
E' morte muito pezar,
E' morte a crença perdida,
E' morte não mais amar.

A vida é um morrer constante;
Começou mal se nasceu,

Representa cada instante,
— Um tanto que se morreu.

Li isto nem sei já onde...
Quão exacto!... E aquelle a quem
A memoria não responde
Não morre um pouco tambem?!

De muitos consiste a lida
Em tantas mortes soffrer
Que, na extrema despedida,
Elles não deixam a vida
Mas deixam só de morrer.

ENCORE ET TOUJOURS

Ainda e sempre!... Isto não passa,
Força indomavel traz em si :
Uma loucura, uma desgraça...
 Não te esqueci...

Razão, dever, desdem, remorso,
Tudo lhe oppuz... Luctei, soffri...
Sabe só Deus quanto me esforço :
 Não te esqueci...

Digo que és má, calo o teu nome,
Vivo a fingir, fujo de ti,
E atroz saudade me consome :
 Não te esqueci...

Dirás talvez : « Não é verdade! »
Nem saberás que isto escrevi,
Mas, eis a triste realidade :
— Não te esqueci, não te esqueci!...

MINHA IDADE

Muita gente, por acinte,
Não diz quantos annos tem :
Eu, nuns dias, tenho vinte,
Noutras dias, tenho cem.

Remoçam-me alguns carinhos;
Fico melhor do que Fausto,
Mas, logo após, volvo, exaustto,
Ao tempo dos Affonsinhos.

Ao pé dos seres que eu amo,
Eis-me rapaz sem igual;
Junto dos outros, proclamo
Mathusalem meu rival.

Joven não raro, amanheço,
Repleto de ousados planos,
E, á tarde, passaram annos,
Gasto me sinto; — envelheço.

Que força, que ardor, agora!
Que pulsação juvenil!
Que desmaio, sem demóra,
Que abatimento senil!

Minh'alma tem primavéras,
Berços e occasos ; — lugares
Com cyprestes seculares ;
Auroras e extinctas éras.

Da idade a ninguem derive
Nem tristeza, nem prazer ;
A verdade é que quem vive
Sempre está para morrer.

DEZEMBRO

Dezembro! Mez derradeiro!
A gente em todo este mez
Dá balanço ao anno inteiro,
Lembra o que fez e não fez.

E diz : Meu Deus, mais um anno
Breve estará terminado,
Largo pedaço amputado
Do curto existir humano!

Quanta saudade apagada
Dezembro avivar-se faz!
E' como a volta da estrada
Convicia a e'ber para traz!

Sim! E' mez de cousas sérias :
A Conceição de Maria
Celebra no oitavo dia,
Mas é tambem mez de férias.

Tem um padrão, alem disto,
Que de orgulho o deve encher :
Foi o mez que Jesus Christo
Preferiu para nascer!

MINHA ESTRELLA

Ha no céu uma estrellinha
Que, entre mil e mil iguaes,
Logo encontro, pois é minha,
Minha só, de ninguem mais.

Que fulgor sereno e amigo!
Contemplando-a sou feliz!
Quantas coisas eu lhe digo...
Quanta... quanta... ella me diz.

Della a imagem, si o semblante
Negra nuvem lhe toldou,
Fulge em mim, como um brilhante
Que em minh'alma se incrustou.

Quando eu soffro, e ella me fita,
Se evapóra todo o mal,
Companheira tão bonita,
Doce amiga tão leal!

Meu consolo, meu thesouro,
Meu sorriso em sorte má,
Nunca mais nosso namoro,
Nunca, nunca findará.

Dou-te a vida que me resta.
Mesmo até, quando eu morrer,
Hei de achar alguma fresta
No sepulcro, e te entrever.

Todos têm a sua estrella,
Deus a todos quer servir :
— A questão é conhecê-la,
Dentre as mais a distinguir.

PRESENTIMENTOS

Presentimentos! A vida é rica
De factos desses. Todos os têm.
Mas o mysterio quem lhes explica?
Como apparecem? Donde provêm?

Sente quem delles foi assaltado
Que de altas coisas chega aos umbraes.
Serão avisos de um morto amado?
Do anjo da guarda serão signaes?

Sobre elles toda a sabedoria
Cifrar costumam nesta licção :
Não raro enganam os de alegria,
Mas os de magoa seguros são.

Alma em que abundam presentimentos,
Desvenda arcanos, sonda o porvir :
Cada presagio faz que uns momentos
Do chato mundo logre sahir.

Amo-os. Nefastos ou indistinctos,
Nelles amostras praz-me entrever
Dos penetrantes, nóbres instinctos
Que noutra vida terá meu ser.

TUAS ARMAS

Pequenino capacete,
Microscopico punhal,
Eis, ao pé de um ramalhão,
Sobre aquelle tamborete,
Tua agulha e teu dedal.

Com gratidão e respeito,
Contemplo os gentis objectos :
Como os manejas com geito!
São teus amigos do peito!
Teus confidentes dilectos.

Emquanto cózes, eu ando
Tranquillo, a pensar assim :
Si ella cóze, está scismando

E, em scismas, de quando em quando,
Talvez' suspire por mim.

Em longas horas ingratas,
Buscando-os, achas remedio...
Mimosas coisas pacatas!
E' com ellas que tu matas
O tempo, a tristeza, o tedio...

Do mundo fugindo á bulha,
Armas possues contra o mal
(Disso a certeza me orgulha)
Na ponta da tua agulha,
No escudo do teu dedal...

SILENCIO

Silencio, patria do mysterio,
Dizem que o nada symbolisas,
Mas, infinito, sem balisas,
Profundo, augusto, é teu imperio!

No seio teu, tudo começa,
E tudo : — brados de motim,
Glorias, estrepitos, — depressa,
No teu regaço cai, por fim.

Sacrario, ás vezes, do heroismo,
Supremo asylo da hombridade,
Já te chamaram, com verdade,
Licção do povo ao despotismo!

Salve! propicio domicilio
Da magoa austera e do aspirar!
— O meu segredo (altivo exilio!)
Jaz prisioneiro em teu solar...

DESEJO E RECEIO

Ha mezes que não te vejo,
E, agora, me faz soffrer,
Ao mesmo tempo, o desejo
E o medo de te rever.

De saudades vive cheio
Meu peito, sem outra lei,
Mas encontrar-te receio
Diversa da que deixei.

Conservo da imagem tua
Tão primorosa impressão
Que não quero diminuir,
Temo alguma alteração.

Não te ver é sacrificio ;
Mas que será si a teus pés
Chegando, eu tivér indício
De que a mesma já não és?!

Como padeço em segredo!
Como vacilla o meu ser
De te rever entre o medo
E a magoa de te não ver!...

DÓR SEM CONSOLO

Em Ramá se ouviu um clamor,
um grande lamento : vinha a ser
Raquel chorando a seus filhos
sem admitir consolação pela falta
delles. (S. *Mathews*, II, 18.)

Senhor, si ao meu soffrimento
Consolo só podeis dar
Num completo esquecimento,
Fazendo o meu pensamento
Todo um passado riscar ;

Si certas scenas o olvido,
Para acalmar os meus ais,
Deve extinguir, fementido,
Como si nunca vivido
Tivesse eu em scenas taes ;

Si nem siquer da saudade
Guardar pôsso a murcha flôr,
(Que, ao cheiro della, não ha de
Passar a minha anciedade)
Oh! nesse caso, Senhor,

Minh'alma repelle a cura,
Prefere a recordação :
— Soffrerá sua tortura,
Como a Raquel da Escriptura
Sem querer consolação!

SEMPRE!

Sei que pensar em ti não devo,
Nem o teu nome murmurar,
Que faço mal, quando isto escrevo,
Que é criminoso o meu enlevo,
Que nada mais posso esperar ;

Sei que de todo indiferente
Teu coração tornou-se a mim ;
Sei que é forçoso que me ausente,
Que nem sequer te cumprimente
Si te encontrar... Não é assim?!

Sei... E me faz tão dura sorte
Penas cruéis... Mas também sei
Que tudo vence, que é tão forte

(Dil-o o Evangelho) quanto a morte
Isto que sinto e sentirei.

Durou apenas um instante
Nossa loucura, mas foi tal
Que, como um acido cortante,
N'alma gravou-me, penetrante,
Um profundissimo signal.

Oh! a certeza me consterna
De que jamais serei feliz!
Só a saudade me governa...
Guardo de ti lembrança eterna
Nessa indelevel cicatriz.

NOSSO ROMANCE

Foi curto, sim, nosso romance!
Mas quanto ardor! quanta paixão!
Vivi, ás vezes, num relance,
Mais que vivera até então.

Inolvidaveis episodios!
Horas de calma, horas febris!
Sonhos, receios, zelos, odios...
Soffri, a um tempo, e fui feliz.

Fugaz miragem, sem alcance,
Sem esperança e sem porvir...
Mas só por ti, breve romance,
Valeu a pena á terra eu vir.

Sim! foi de extrema brevidade
Do lado teu... Mas, quanto a mim,
Resta um epilogo — Saudade!
Que nunca... nunca ha de ter fim.

ORPHAN!

Pobre janella, onde o semblante
Não fulge mais do meu amor,
E's um anel cujo brilhante
Cahi do engaste sem valor.

Moldura á qual tirou-se a téla,
Vaso sem flor, deserto lar,
De um pobre cego essa janella
Pensar me faz no ausente olhar.

Um nicho outr'óra ; hoje uma bôca
De triste cóva enxergo ali...
Pobre janella, és negra, és ouca,
Funereo vento vem de ti.

Si em ti diviso estranhas caras,
Sinto agitar-me a repulsão
Do crente, ao ver do templo as aras
Soffrendo atroz profanação.

Oh! fica sempre bem fechada,
Que eu digo, então, a me illudir
« Ella voltou, está deitada,
Mai vai, em breve, te entreabrir... »

CABELLOS BRANCOS

Cabellos brancos, numa cabeça
Bella e inda joven, como assentais!
Nada contendes que a desmereça,
Novo attractivo lhe accrescentais.

Picante enfeite, só com sorrisos
De vós se fala ; não sois desar :
Nevoas incertas, vagos avisos,
Brandos prenúncios, fazeis scismar.

Como aos preludios da extrema valsa
Que ao baile indica fechar-se o ardor,
Comvosco, ás vezes, tudo se exalça,
Vão-se os fadigas, renasce o Amor.

Cabellos brancos! Quanta poesia
Nos teus, querida! Mais bella estás!
Causam tão doce melancolia
Que de tão doce jubilos faz.

Fios de prata... Porque os arrancas
Si mil brancuras ha no teu ser?...
— Nelles, pennugens das azas brancas
Que tens e escondes sonho entrever.

VAGABUNDANDO

Ah ! quanta vez ando a gyrrar
De rua em rua,
Na multidão buscando achar
A face tua.

De abatimento e de afflicção
Que acerbo mixto,
Si volvo ao lar (que solidão!)
Sem te ter visto!

Diviso um vulto, ouço uma voz :
E' ella! E' ella!
Doce illusão que logo após
Se dismantela.

Vagar dest' arte, ancioso e só,
Vale um castigo ;
Não tenho paz, mereço dó,
Mais que um mendigo.

E penso, ás vezes, que, talvez,
Si eu te encontrasse,
Só mostrarias altivez
Na meiga face.

Apressarias mesmo até
O passo lindo...
Qual, si um perigo vendò ao pé,
Fôsses fugindo.

Seria atroz, mas inda assim
Por toda parte
Caminharei, sem outro fim
Que o de encontrar-te.

Só na esperança de entrever
A sombra tua,
Vagabundar me faz prazer
De rua em rua.

Andarei tanto que rival,
No andar constante,
Hão de chamar-me do fatal
Judeu errante

Quero (e este voto ouve-o, Senhor,
— E' tão mesquinho!...) :
Cheirar, passando, aquella flôr,
No meu caminho!

PORQUE?!

(No dia de meus annos.)

Eis quasi o topo da ladeira...
— Depois, sem nunca descansar,
Da falda opposta pela beira,
Que vai do tumulo á fronteira,
Toca a descer, toca a rolar.

Si para traz os olhos lanço,
Nada diviso a me sorrir ;
Cada vez mais, me abato e lanço...
Qual o meu fim? Porque é que avanço?
Melhor não fôra desistir?...

Si antigamente, moço e forte,
Nada de bom executei,

Hoje, da fé sem o suporte,
Sob a pressão do grande córte,
Como esperar no que farei?

E hei de seguir... Não ha remedio!
Vantagem nisso não se vê...
— Mais que a fadiga, doe-me o tedio...
Senhor, no insipido intermedio,
Porque teimar?! Porque? Porque?!

TRANSMUTAÇÃO

Havia alguém tão contente
Que, ao contemplar esse alguem.,
Vinha logo a toda gente
Contentamento também.

Mas esse alguém pouco a pouco
Nos ares se dissolveu...
Eu conheço o pobre louco
Com quem o caso se deu.

Peior mil vezes que a morte,
Vi-lhe o ser se evaporar,
E um outro a implacável sorte
Do extinto pôr no lugar.

De mim, ao envez de outr'ora,
Só tristeza hoje deflue :
— Vive o ser que eu sou agora
Chorando o ser que eu já fui.

ANHANGÁ

— — —

Era anhangá, entre os selvagens,
O deus da caça, o protector
Dos animaes contra as pilhagens
E as vexações do caçador.

Muitas historias estupendas
Delle se contam, por ahi.
— A mais gentil dessas legendas
Quereis saber? Pois bem, ouvi :

Persegue um indio uma veada
Que amenentava un veadinho...

Fogem os dois... Não ha caminho
Vão pela matta emmaranhada.
Rasgam o corpo em muito espinho.
Correndo sempre...

A mãe, coitada,
Correr podia mais depressa,
Mas o filhote é pequenino,
Vacilla, esfalfa-se, tropeça,
E o caçador veloz, ladino,
Já quasi a flecha lhe arremessa.

E correm... correm... Repentino,
O arco se enteza, a flecha vôa...
O veadinho cai ferido,
Emquanto a mãe que se atordoa,
Sem ter o lance percebido,
Segue a fugir, correndo á toa,
E o rastro seu ficou perdido.

Da preza, então, se apoderando,
O indio se pôe a comprimil-a,
Gritos atrozes lhe arrancando...
A mãe, bem sabe, ha de attrahil-a,
Por esse embuste miserando,
Lá do escondrijo onde se asyla.

Eil-a que vem... Eil-a... Não tarda.
Em acudir do filho ao grito,
Que mãe nenhuma se acobarda,
Si o filho ouvio chamal-a afflicto.

VERSOS AVULSOS

O caçador, occulto, a aguarda,
E, quando perto a vê, perito,
O arco dispara...

A flecha... zás...

O coração della trespassa...
Exulta o indio... Bella caça!

Mas a cadaver que ali jaz
Corpo de bicho não parece.
E' gente!... E' gente... Que desgraça.
E' uma velhinha... Quem será?!
O indio se achega e reconhece
A sua propria mãe querida
De quem assim tirara a vida
Por um castigo de Anhangá!

PRINCESSE LOINTAINE

Moi, j'aime la lointaine princesse !
Edmond ROSTAND.

Tudo de mim te afasta !
Esta paixão nefasta,
Tudo lhe diz que basta,
 Que césse...
Mas, com ardor perenne,
Ella persiste infrene...
Tu és minha *Lointaine*
 Princesse.

Embora a eterno exilio,
O mundo o nosso idyllio,
Tão triste e sem auxilio,
 Condemne,

Meu ser que te estreméce,
Constante permanéce :
Tu és minha *Princesse*
Lointaine...

MINHA FROTA

A's vezes, minha mesa
Transformo em arsenal,
E me consagro á empresa
Da construcção naval.

Fabrico lindas naves
Cuja tripolação,
Mais leve do que as aves,
Tem singular condão.

Extraordinaria frota,
Pouco lhe importa o mar,
Seguindo igual derrota,
No chão, no ceu, no ar.

Vai ter a qualquer plaga
Sem véla e sem vapor,
E fica, si naufraga,
Murcha qual uma flor.

E' para vós, meus filhos,
Que, assim, tanto batel
Constrúo... Tombadilhos
E o mais, tudo papel.

Emquanto, marinheiros
Das minhas frageis naus
Brincais, sois sobranceiros,
Aos pensamentos máus.

Quizera que arredios
Do mundo, sempre, e em paz,
Vogasseis nos navios
Que o vósso pai vos faz.

Bem haja quem navega
Nessas embarcações,
Da vida na refrega
Mantendo as illusões!

CARTAS A MINHA FILHA

I

Minha filha, a tua carta
Causou-me enorme prazer,
Meu coração não se farta
De a ler e tornar a ler.

Queres versos? Mas eu ando
Tão prosaico e sem calor
Que, em minh'alma, vai murchando
Da inspiração toda flôr.

Já dos annos o destroço
Sente-se em mim, e só faz
Bellos versos quem é moço,
Quem de illusões é capaz.

Quem já traz cabellos brancos,
Geralmente só produz
Versos frios, tristes, mancos,
Sem harmonia e sem luz . .

Agora, a minha poesia,
Despida de sonhos vãos,
No meu lar se compendia,
Móra em ti e em teus irmãos.

Sim, meiga filha adorada,
O meu poema tu és,
Minha travessa ballada,
Viva estrophe de dois pés.

Poeta é quem, puro e crente,
Do mundo entre os pantanaes,
Cheia sempre tem a mente
De visões angelicaes ;

E' quem devassa o infinito,
Das sombras rompendo o véu,
E, sobre a terra proscripto,
Passa momentos no céu.

Dessas divinas chimeras
Muito apartado me vou;
Fui poeta noutras éras,
Hoje poeta não sou

Ou antes, filha dilecta,
Confesso que me illudi :
Hoje ainda sou poeta
Quando estou ao pé de ti.

II

Quando, filhinha, partiste,
Deixaste saudade taes,
Que tudo se tornou triste
Na habitação de teus pais.

Embora em tenha certeza
De que estás por gosto ahi,
Vivo cheio de tristeza,
Por viver longe de ti.

A immensa falta que fazes
Não a consigo exprimir ;
Somente os pais são capazes
De o entender e o sentir.

Depois da tua partida
Passou-se menos de um mez
Minh'alma está convencida
Que ha dois seculos, ou tres.

Nada as lagrimas me enxuga ;
Não te ouvir e não te ver
Muitas cans e muita ruga
Tem feito me apparecer.

As cartas que tu me escreves
Algum consolo me dão,
Mas tão raras e tão breves!
Não bastam, não bastam, não!

E', porem, em teu proveito
Que vives longe de mim ;
Eu, por isso, me sujeito...
Que remedio?!... Seja assim.

Pois desejo mais ardente
Teu pai, filhinha, não tem
Que ver-te sempre contente,
Buscar em tudo o teu bem.

III

Não imaginas, de certo,
Quanto me péza existir,
Não te sentindo bem perto,
Sem te ver e sem te ouvir.

A's vezes, filha, me invade
Tão intensa inquietação,
Tão exigente saudade,
De te olhar tal precisão,

Que quasi ao collegio corro,
E digo, chegando lá :
« Entreguem, sinão eu morro,
Minha filha já e já... »

A's vezes morto de fome,
Me assento para jantar,
E a vontade se me some
Não te achando em teu lugar.

Teu quarto, depois, me chama,
Entro nelle, e, com ardor,
Fito o armario, o tecto, a cama,
Os quadros, o toucador.

Com as palpebras molhadas
Longo tempo fico ali,
Lembrando as tuas risadas,
Minh'alma enchendo de ti...

E' preciso que não césesses
De estudar, cada vez mais,
Para que breve regrésesses
E reconfortes teus pais...

O PRISIONEIRO

Porque offendeu gentil princeza
Joven ousado e sem porvir,
Numa sinistra fortaleza
Foi condemnado a se extinguir.

Todos o esquecem bem depressa;
Crença é geral que já morreu,
E de pensar elle não cessa
No altivo crime que o perdeu.

Louco, a rolar no calabouço,
Mordendo, em vão, seus ferros vis,
Compridos annos vive o moço,
Si é que é viver o do infeliz.

Ella, a princeza, indiferente,
Vem da prisão passeiar ao pé...
Tudo olvidou... Nada presente,
Si elle existiu nem sabe até.

Daquelle amor, audaz culpado,
Verás a historia escripta aqui :
Jaz no silencio encarcerado,
Mas vivo está... Sofre por ti...

SUPPLICIO INJUSTO

No antigo Egypto, a infanticida
De modo estranho era punida,
Pois a faziam carregar,
Ao corpo seu bem amarrado,
O corpo nu do assassinado,
Por longos dias, sem cessar.

Da mãe culpada, aquelle abraço,
Que lhe infiltrava, a cada passo,
Da sua victima a algidez,
A provação não se descreve :
Louca ficava em prazo breve,
Cahia morta, muita vez.

Tortura atroz da barbaria!
Mas, certas almas hoje em dia

Supplicio igual podem soffrer :
De nenhum crime são culpadas,
E eil-as, comtudo, condemnadas
A um peso funebre trazer.

De uma eu conheço a negra sorte :
Tinha um amor, de cuja morte
Causa não tôi... No entanto, o horror
Da velha lei do Egypto sente :
— Vive abraçada, estreitamente,
Com o cadaver desse amor!

GENTIL CHAPEU

Que chapéu gentil
Sobre ti pousava!
— De uma aza subtil
Te armava!

Que gentil chapéu!
Era um jardimzinho;
Entre a terra e o céu
Um ninho.

Que chapéu gentil!
Era borboleta
Sobre senhoril
Flor preta.

Que gentil chapéu!
Coisa não corporea,
Tendo de um tropheu
A gloria!

Que chapéu gentil!
De frescor borrifa
Tem vivaz perfil,
E o grypha.

Que gentil chapéu!
Si não falta o ensejo,
Me tornara réo
De um beijo!

Que chapéu gentil!
Mas, sem tua cara,
Como triste e vil
Ficara!

Que gentil chapéu!
Mas te quero ornada
Só de ti... Sem véu,
Sem nada...

ALÉGRIA E TRISTEZA

É dentro de nós que existe
A alegria ou a tristeza
Que a nossa alma alegre ou triste
Pensa estar na natureza.

(J. DOS SANTOS, *Versos populares.*)

Pensam muitos que ha lugares
Ondé alegre a gente fica,
Quando em outros, — não se explica, —
Só tristeza embebe os ares.

Crença injusta! Na verdade,
Não é causa a natureza
Da alegria ou da tristeza
Que, furtiva, nos invade.

Quanta vez o céu mais puro,
Como acinte nos molesta!
Quanta vez nos põe em festa
Vêr de novo um sitio escuro!

Vem de mim si a terra, a esmo,
Clara face, ou negra, toma :
Nella apenas sinto o aroma
Que se exhala de mim mesmo.

Tudo, a uma alma que perfuma,
Com perfumes se assignala;
Mas si é bruma o que ella exhala,
Tudo assoma em véus de bruma.

CAPELLA BRANCA

Capella branca, toda enfeitada,
Tão cheia, out'róra, de devoção,
Hoje, em desprezo, dismantelada,
Como teus restos sinistros são!

Hontem, festejos, luz, rezas, hymnos,
Nuvens cheirosas em espiraes...
Hoje, morcegos, trevas... Os sinos
Rachados pendem ; não tangem mais.

Donde proveio miseria tanta?
— E' que bem longe, noutro lugar,
Em nova ermida, foi posta a santa
Que era o motivo daquelle altar.

Capella branca, — torvo reducto,
Lar de phantasmas, hoje te vês ;
Foi-se-te a vida, pôz-te de luto
Mais que orphandade, mais que viuvez...

Capella branca, toda enfeitada,
Conheço uma alma que foi assim :
Tinha uma santa... Que idolatrada!
— Foi-lhe tirada...
Pobre de mim!...

O GORRO DE PAPAI

COMEDIA EM UM ACTO, PARA SER REPRESENTADA
POR CRIANÇAS

Levada pela primeira vez á scena na villa Petiote, em Petropolis, 1 de
Janeiro de 1898, servindo de actores os filhos do autor.

PERSONAGENS

ALICE.....	11 annos.
ELISA.....	7 —
JOAQUIM.....	6 —
OSCAR.....	9 —

Pequena sala de espera, com uma porta, entre duas janellas, dando para
o escada que leva á rua, e outra porta, em frente, communicando com o in-
terior da casa. Poucos moveis. Sobre uma mesa, a um canto, uma caixa de
papellão. Fechadas ambas as portas.

PREAMBULO

OSCAR.

Minhas senhoras, meus senhores,
E' leve peça mui pequena,
Esta que vai subir á scena,
Pequenos são os seus actores.

Tambem possúe pequeno engenho
Quem a escreveu... Mil complacencias,
Antes de entrar, por isso, venho
Pedir a Vossas Excellencias.

Tudo pequeno... Mas enorme
Mostre-se a vossa fidalguia...
Pensais assim?! — Está conforme...
Silencio! A coisa principia.

SCENA PRIMEIRA

ALICE, ELISA, JOAQUIM

ALICE.

Papai e mamãi partiram,
Recommendo á criada :
« Não saia daqui, por nada! »
— E o que ella fez vocês viram.

ELISA.

Que foi? Que foi que ella fez?

ALICE.

Deixou papai ir-se embora,
Para tambem, sem demora,
Sahir... Eis-nos sós, os tres!

JOAQUIM.

Oh! bem pouco isso me importa :
Sem ella é melhor, eu acho.

ALICE.

Sim! E' melhor. Mas o diacho
E' que fechada esta porta,
Pela qual se vai lá dentro,
Por descuido ella deixou,
E, quanto á porta do centro,
Tambem, por fóra, a fechou.
(*Elisa e Joaquim vão verificar.*)

JOAQUIM.

Está fechada! E' verdade!

ELISA, *espiando.*

Avisto na fechadura
A chave...

JOAQUIM, *sacudindo a porta.*

Que porta dura!

ELISA.

Eis-nos presos... Que maldade!

ALICE.

E não voltará tão cedo!
Confie a gente em criados!...

ELISA.

Estamos' bem arrançados!

ALICE.

Que fazer?! Não tenham medo.

ELISA.

Nesta sala nada existe
Com que se tente brincar.

JOAQUIM.

Eu cá não ficava triste
Si o gato pudesse entrar.

ELISA.

O gato! E' mesmo um capricho
Gostar-se de um gato assim!

ALICE.

Você gosta desse bicho
Mais que de nós, oh! Joaquim.

JOAQUIM, *depois de uma pausa.*

Eu gosto do gato
Que é manso, que é bom ;
Si o pello lhe cato
Que meigo *ron-ron!*...

Finorio sujeito,
Jamais em jejum,
Com elle me deito,
Sem medo nenhum.

Si o gato me arranha,
Bem caro lhe sai!
E o pobre, si apanha,
Não chama seu pai.

Das vis ratazanas
Valente aggressor,
Em troças maganas
O gato é doutor.

Si a mão não lhe estendo
Não vem, nem a páu ;
Só eu é que entendo
Seu doce *midu*.

Oh! nunca de ingrato
Ninguem me chamou ;
Amigo do gato
Serei, fui e sou!

ALICE.

Muito bem! Mas que concerto
Nos pode o gato trazer?
— Vai ser longo o nosso aperto,
Que é que havemos de fazer?!

ELISA.

Da minha linda boneca
Sinto já saudade immensa.

ALICE.

Si eu dormisse uma somnéca...

JOAQUIM.

Si isto fôsse na dispensa...

ELISA.

Vamos chegar á janella?...

ALICE.

Qual! A janella enfastia,
E mamãi se zangaria,
Si nos encontrasse nelia.

JOAQUIM.

Porque?

ALICE.

Não sabe?! O menino
Que anda vendendo gazetas,
Passa sempre e faz caretas
A provocar-nos, sem tino.
Diz tanta palavra feia,
Revela tanta tolice...

JOAQUIM.

Você, — parece, — receia
Esse menino... Eu, Alice,
Si mamãi o tolerasse,
Delle um amigo faria,
Do gato na companhia...

ELISA.

Sempre o tal gato! Ora! dá-se...

ALICE.

Em summa : a gente precisa
Aqui o tempo matar.
— Que lembra você, Elisa?
Qual, Joaquim, o seu pensar?!

ELISA.

Que você conte, eu proponho,
Alguma historia.

JOAQUIM.

Eu tambem.

ELISA.

Mas bonita como um sonho...

JOAQUIM.

E bem comprida.

ALICE.

Pois bem!

*(Semtam-se no chão os tres. Depois de um silencio,
Alice começa.)*

ALICE.

Era um dia um viuvo, outr'ora,
Que não soffrendo a viuvez,
Procurou outra senhora,
Casando segunda vez.

Duas filhas pequeninas
Elle tinha. A nova esposa,
Maldosa, — por qualquer cousa
Dava nas pobres meninas.

Perto havia uma figueira
Que figos estava a dar,
E a madrasta resingueira
Forçando-as a trabalhar,

Mandou-as, tristes anginhos,
Sem licença do marido,
Aos figos botar sentido
Por causa dos passarinhos.

Passarinhos enxotando
Por longos dias, sem fim,

As duas, de quando em quando,
Cantarolavam assim :

« Xô! Xô! Xô! Xô! — Passarinho,
Não toques com teu biquinho ;
Vai-te embora p'ra teu ninho...
Xô! Xô! Xô! Xô! Passarinho! »

Quando picado algum figo
Succedia apparecer,
Soffriam duro castigo,
Ficando até sem comer.

Viviam como captivas,
Quando o pai extensa viagem
Fez... E a mulher... Que coragem! ..
Mandou enterral-as vivas!

Volta o pai, mas illudido
E' pela esposa, que diz
Terem-lhe as filhas morrido
Duma molestia infeliz.

E accrescenta « eram tão boas!
Como chorei! Coitadinhas!
Tomaram muitas mézinhas,
Mas Deus o quiz : — carregou-as!.... »

Triste o pai, não pediu provas,
Consolando-se afinal...

E das duas sobre as covas
Foi nascendo um capinzal.

Nasceu do cabelo dellas!
Que verde e lindo! E dizia,
Quando o vento o sacudia,
Estas palavras singelas :

« Xô! Xô! Xô! Xô! Passarinho,
Não toques com teu biquinho,
Vai-te embora p'ra teu ninho...
Xô! Xô! Xô! Xô! Passarinho! »

Eis da casa um capineiro
Que o capinzal quer carpir,
Mas larga a fouce ligeiro,
Por essas vozes ouvir.

E vai correndo... correndo...
Ao patrão referir tudo;
Este, porem, carrancudo,
Manda, no caso não crendo :

« Capim tão verde e tão fórte!
Você o senso perdeu...
Volte já, depressa o corte... »
— Foi o negro e obedeceu.

Mal de novo mette a fouce,
De pavor os olhos cerra,

Pois ouve, em baixo da terra,
Cantar a voz triste e doce :

« Capineiro de meu pai,
Não me cortes meus cabellos,
Que já tiveram disvelos,
Capineiro ouve o meu ai...
Cabellos que a mãe penteava,
Veio a madrastra e enterrou.
Porque tornou-se tão brava?
Porque meu pai a esposou?
Porque me faz a estrangeira
Padecer desta maneira,
Pelo figo da figueira
Que o passarinho picou?!... »

O capineiro assombrado
Corre outra vez a chamar
O patrão que, muito instado,
Quiz a cousa examinar.

Outra vez o canto suave,
Da fouce aos golpes, começa;
E elle, então, mais que depressa,
Grita ao negro : « Cave!... cave!... »

E encontra... (Entre as maravilhas,
Maior não pode existir) —
Vivas inda ambas as filhas,
Das côvas dentro, a sorrir.

De um milagre isto provinha
(E o pai, ao dizel-o, chora)
Da Virgem Nossa Senhora
Que era das duas madrinha.

E, quando de casa á porta
Percebeu os passos seus,
A madraستا cahiu morta,
— Justo castigo de Deus! ...

*(Após a historia, novo silencio. As crianças
suspiram profundamente e se levantam.)*

ELISA, bocejando.

E' bonita a historia sua,
E o final muito me agrada,
Mas não se acaba a massada,
Nossa prisão continúa.

JOAQUIM.

Papai e mamãe não voltam.
Da criada nem signal!
Si depressa não me soltam
Faço um berreiro infernal.

ALICE.

Um berreiro! Forte asneira,
Que inda mais nos vai massar...

JOAQUIM.

Queira você, ou não queira,

Vou berrar! berrar! berrar!

ELISA.

Espere... A caixa redonda
Que ali sobre a mesa está
Talvez um brinquedo esconda ...

ALICE.

Vamos ver...

JOAQUIM.

Vamos ver já.

(Abrem a caixa e tiram um gorro bordado.)

JOAQUIM.

Que lindeza, minha gente!
Isto agora nos distrae!

JOAQUIM.

Bonito gorro! E' presente
Que mamãe faz a papai!

ALICE.

E', supponho, uma surpresa...
Pois mamãe nol-a occultou,
E a criada nesta mesa,
Por desleixo, abandonou.

JOAQUIM, *tomando o gorro.*

Vou em mim botar o gorro

Para á janella mostrar-me...

ALICE, *detendo-o.*

Joaquim!

JOAQUIM.

Si busca afastar-me,
Eu grito, esbravejo, morro.

ALICE.

Que extravagante projecto!

ELISA.

Joaquim, oihe, — o gorro cai!

JOAQUIM.

Não me amolem.

ALICE.

Fique quieto!

ELISA, *querendo tirar-lhe o gorro.*

Largue o gorro de papai!...

(Joaquim, a despeito da resistencia das irmans, apodera-se do gorro, e, com elle na cabeça, precipita-se para a janella. Elisa e Alice vão-lhe no encalço. Debatem-se. O gorro cai na rua.)

ALICE.

O gorro foi-se! — Perdido!

ELISA, *olhando a rua.*

Cahiu num monte de pó!

ALICE, *para Joaquim.*

Mostre-se, ao menos, sentido!

JOAQUIM, *levantando os hombros.*

Quem manda deixar-me só!

ELISA.

Em mamãe que grande abalo!

Em papai que irritação!

ALICE.

O gorro, como apanhal-o?

Você fez mal, meu irmão!

(icam alguns instantes pensativos, graves.)

ELISA, *volvendo á janella.*

Ih! Alice, ha bocadinho

No chão o gorro jazia,

Mas sumio-se... Furtaria

Alguem que o viu no caminho?!

ALICE, *indo á janella tambem.*

Exacto!... A cada minuto,

Mais a cousa se complica...

Sabe Deus no que isto fica...

Da travessura eis o fructo!

ELISA.

Sim! O caso não é graça,
Joaquim, com certeza, apanha...

JOAQUIM.

Que querem vocês que eu faça?
Preferem que deite manha?!...
— Si aqui o gato estivesse
Iria o gorro buscar ;
Só elle mostra interesse
Por mim : — não me faz chorar!

ALICE.

O gorro perdido... e estamos
Fechados, — eis a questão.
Que providencia tomamos
Nesta horrivel posição?...

ELISA.

E' a ausencia da criada
Que este embaraço produz.

ALICE.

Que massada!

JOAQUIM.

Que massada!

ELISA.

Nossa Senhora!

JOAQUIM.

Jesus!

(Batem á porta da rua. As crianças estremecem.)

ALICE.

Quem será? Uma visita?

ELISA.

Talvez um ladrão!

ALICE.

Que boba!

Um ladrão calado rouba,

Bater ás portas evita.

(Batem de novo. Joaquim e Elisa espreitam pela fechadura, receiosos.) —

JOAQUIM.

Um menino me parece.

ALICE.

Menino?! Que fazer vem?

JOAQUIM.

Quem sabe si nos conhece?

(Batem outra vez, com força.)

ALICE.

Quem é?

OSCAR, *de fóra.*

Sou eu.

ALICE.

Mas eu, quem ?...

ELISA, *continuando a espreitar.*

E' elle! Reconheci-o!
(E esta agora é muito bôa!)
— E' o tal menino vadio
Que as gazetas apregôa.

ALICE.

Papai e mamãi não querem
Que nem siquer o enxerguemos ;
Que dirão, quando soubérem
Que a sós em casa o acolhemos?

ELISA.

Mas talvez esse menino
Possa trazer-nos soccorro,
Abrindo a porta e do gorro
Dizendo qual o destino.

ALICE.

Tem razão. O caso é grave
Não ha remedio. (*Gritando*) Oh! senhor,
Ahi tem na porta a chave
Queira abrir, faça favor.

SCENA SEGUNDA

OS MESMOS E OSCAR.

OSCAR, *entrando.*

Bom dia! Quasi desisto
De entrar. Que longa demora!
(*Entregando o gorro.*)
Meu fim é trazer-lhes isto
Que achei jogado lá fóra.

ALICE.

Muito e muito lhe agradeço ;
O senhor nem é capaz
De imaginar qual o preço
Do serviço que nos faz.

ELISA.

Como é bonito o seu acto!
Agradecel-o nem sei...

JOAQUIM.

Si o senhor gosta de gato,
Meu gato lhe emprestarei.

OSCAR.

Não mereço tanto afago,

Nem os quero engazopar,
Este barrete lhes trago
Depois de muito hesitar.

A tentação agitou-me
De o guardar, mas, afinal,
Venci-a, porque meu nome
Sai amanha no jornal.

ALICE.

Como assim?...

OSCAR.

Tenho pericia
Nessa materia. Vão ler
Amanhan esta noticia,
Que, por Deus, ha de render :

« Tendo achado em abandono
Uma touca de ouro cheia,
O menino Oscar Gouveia
Foi entregal-a a seu dono.

A touca era linda e cara :
Uma acção tão meritoria,
Nos nossos tempos tão rara,
Presta-se ás honras da historia! »

ELISA.

Não tem ouro, nem é touca...

Que mentira ! Quem se atreve...

OSCAR.

Menina, cala essa boca,
Nos jornaes assim se escreve.

Ninguem em cousas de imprensa
Entende mais do que entendo,
Desde o berço folhas vendo ;
Por isso, si dão licença,

Direi : (*Gritando.*) E' ella quem ergue,
Por todos os municipios,
Da liberdade os principios
Oh ! filha de Gutenberg !

JOAQUIM, *rindo.*

Que engraçado capadocio !
Como é bregeiro o seu tom !
Parece que esse negocio
De vender folhas — é bom.

OSCAR.

Das circumstancias depende,
Mas enche sempre de orgulho :
Muito bom, quando ha barulho,
Qualquer folha então se vende.

(*Com emphase galhofeira.*)

Terriveis factos,

Espalhafatos,
Assassinatos,
Inundações,
Incendios, guerra,
Tudo o que aterra,
Tremor de terra,
Revoluções ;

Descomposturas,
Fortes e duras,
Lá nas alturas
Crises fataes :
Estas noticias
Valem caricias,
São as delicias
 Dos meus jornaes !

Quando isso apanho
Dinheiro ganho,
Nunca me acanho
De o confessar :
Com tal trabalho :
Não me enxovalho
Da imprensa o orvalho
Vivo a espalhar.

ALICE.

Em plena infancia se entrega
Coitado! a um labor sem termo!

OSCAR, *mudando de tom.*

Tenho meu pai velho e enfermo
E minha mãe quasi cega.

Habitamos num cortiço,
Onde nem sempre se come :
E' certo soffrermos fome
Quando me falta serviço.

Da familia sou o chefe,
Trabalho por causa della.

(Volvendo ao primitivo tom galhofeiro.)

Mas como sou tagarella!
Levar devia um tabéfe!

Meu tempo é dinheiro e o gasto
Com falatorios sandeus ;
— Sem mais detença, me afasto,
Adeus, amigos, adeus!

*(Commovidas, não sabem as crianças que dizer.
Joaquim, como que tomado de resolução subita,
aproxima-se de Oscar.)*

JOAQUIM.

Quero que espere um momento,
Não se retire inda não.

OSCAR.

Para que?

JOAQUIM.

Eu arrebento

Si o largo assim...

(Com calor, ás irmans.)

Oh! na mão

Alice e Elisa lhe peguem
E gritando : Viva Oscar!
Comigo, á força, o carreguem
Alguns instantes no ar.

Tolice embora pareça
Daqui hoje elle não sai
Sem, como premio, á cabeça
Pôr o gorro de papai.

*(Collocam á força o gorro na cabeça de Oscar.
Carregam-n'o. Em seguida, dando-se as mãos,
gyram em torno d'elle, cantando.)*

ALICE, ELISA E JOAQUIM, *em côro.*

Quem nos priva
De gritar :
Viva! Viva!
Viva Oscar!

Não se esquiva
De escutar :
Viva! Viva!
Viva Oscar.

(Oscar apartando-os e fugindo.)

OSCAR

Basta, basta, meus amigos,
Da gloria sinto a embriaguez,
Mas a gloria tem perigos.
Adeus! Virei outra vez.

SCENA TERCEIRA

OS MESMOS, MENOS OSCAR.

ALICE.

De nossos pais á chegada, —
Já pensei, — não os illudo.

ELISA.

E' melhor não dizer nada.

ALICE.

E' melhor contar-lhes tudo.

JOAQUIM.

Vão ficar muito zangados...

ALICE.

Qual! Zanga de pais não dura ;
— Por nós mesmos informados
Devem ser desta aventura.

ELISA.

Porque?

ALICE.

Mudando de juízo,
De certo a Oscar auxiliam
E não mais, com este aviso,
Na criada elles confiam.

Tenho já certa experiencia...
— (De Oscar pegou-me a linguagem)
— Já sei o que na existencia
Damno produz ou vantagem.

Sempre falar a verdade
De muito póde servir :
— A mais fina habilidade
Consiste em nunca mentir.

SEGUNDA PARTE

RIMAS DE OUTR'ORA

A' MINHA ESPOSA

Sim! tornou-se-me leve a cruz que eu vinha
A carregar por íngreme ladeira,
Graças ao teu auxilio, ó companheira,
Cyreneu de meu fado, — esposa minha.

Sobre a data gentil de nosso enlace
Já dos annos avulta a cinza fria ;
Mas, desde então, não se passou um dia,
Sem que eu aquelle dia abençoasse.

Meu ser sem ti era incompleto. Agora
Deparas-lhe ao viver força e motivo :
— E's o porto de paz definitivo,
Onde o batel de meu desejo — ancóra.

Nos sorrisor e lagrimas da lacta
Tão gemeas sempre as almas nos tem sidc,
Que não ha n'uma o minimo vagido
Que n'outra logo após não repercuta.

Em derredor do nosso affecto puro,
Que o lar nos enche de calor e brilhos,
Gyra a constellção de nossos filhos,
Illuminando os limbos do futuro.

Sim! sou feliz! feliz si n'um; degredo,
Onde o amanhã só de incertezas traja,
Dizer-se possa que venturas haja...
Sim... tão feliz que ás vezes tenho medo.

Como a dos corações, em nosso ninho,
Conformidade estreita e harmoniosa,
Nem nas pet'las iguaes da mesma rosa,
Nem nas azas irmans de um passarinho.

Anjo meu tutelar, mimo que abriga
Recta razão, espirito valente,
Socia fiel, segura confidente,
O' minha santa, ó minha doce amiga,

Meu talisman, meu dom precioso e raro,
Minha estrella polar, minha riqueza,
Meu sonho, minha flôr, minha princeza,
Minha fé, meu orgulho, meu amparo,

Quem me déra que vinculo tão forte
As vidas nos unisse a vida inteira,
Uma n'outra a embeber de tal maneira
Que as desatar não conseguisse a morte!

As nossas almas n'amplidão etherea,
Do pesadelo terrenal despertas,
Hão de oscular-se bem melhor, libertas
Das subalternas formas da materia.

E, na vida de além, que continúa
Eternidade afóra, sem limite,
Quero-as tão juntas que até Deus hesite
Em dizer qual a minha, qual a tua.

TÉLAS SONANTES

QUADROS BÍBLICOS

I

Da turba amotinada a imprecação rebôa
Persegue uma mulher que vai fugindô, á tôa.

No alarido infernal da humana tempestade,
Quem erguer óusaria a voz da caridade?!

Da perseguida a coma esparge-se e fluctua ;
Parece uma aza negra ; açoita a espadua nua.

O terror e o cansaço aljofram-lhe o semblante.
Que funda lividez! Arrasta-se arquejante.

Dissereis contemplando o vulto desvairado
Que a estatua do pavor havia-se animado .

De seu rosto gentil nas contracções havia
Cravados os signaes das garras da agonia.

Por vezes, um momento, exausta, ella descança :
Mas volve-se, estremece, e corre : a turba avança!

Perto está de cahir, quando na estrada avista
Jesus, e solta ao vel-o um brado de conquista.

Pondo as mãos n'um humilde e supplicante aceno,
Em soluços se arroja aos pés do Nazareno.

Agrupa-se em redor o povo. Alteia a fala :
« Adultera, infiel, deixai apedrejal-a.

Deixai apedrejal-a, assim a lei prescreve! »
Mas Christo, sem ouvir, nem vêr, no chão escreve.

« Lance a primeira pedra, — emfim diz, socegado,—
Aquelle que entre vós se julgue sem peccado. »

Sorprendido e confuso o povo se dispersa
Só persiste a culpada, em desespero immersa.

« Mulher não peques mais, murmura a voz serena
De Jesus,—vai-te em paz:ninguem,vê, te condemna.»

E, ouvindo aquella voz, na mente escurecida
Da infeliz, perpassou um rapido clarão.
Causara-lhe revolta a pena. E, arrependida,
Eil-a chorando agora em face do perdão.

II

No corpo de Suzanna a lympha da corrente
Em osculos subtis enrosca-se fremente.

Nas ondas do ribeiro as ondas do cabelo
Determinam talvez murmurações de zelo.

A vaga quer cingil-a : em volta se avoluma :
Qual vence na brancura ? a cutis d'ella ? a espuma ?...

As aguas sobre o collo encantador, galantes,
Collocam-lhe um collar de esplendidos brilhantes.

E para a regia fronte offertam-lhe diademas
Formados pelo sol, de extraordinarias gemmas.

No leito do regato a fina areia clara
Cobre-lhe os tenues pés, do seu thezouro avara.

Si a bonita mulher o corpo seu mergulha,
Em frenesis o rio apaixonado arrulha.

E tenta responder-lhe aos gestos e sorrisos
Florindo-se loução de rendilhados frisos.

Mas um avido olhar a hebréa, de repente,
Lambendo-lhe a nudez, na praia occulto, sente

Alguem, furtivo e audaz, espreita com delicia,
O excitante primor da sua impudicicia.

E Suzanna estremece : o olhar do estranho expelle
Lasciva emanação a arripiar-lhe a pelle.

Em vão, toda, rubor, procura com espanto
Na vaga transparente a protecção de uma manto.

Emfim, do banho sahe, confusa, mal segura,
Do olhar, cada vez mais, sentindo a mordedura.

E emquanto, gottas mil nas formas, a banhista
Julgando que não vêr importa em não ser vista,
Cruza as mãos sobre o seio e fecha os lindos olhos
As vestes vai buscar da riba entre os abrolhos,

III

O aspecto esculptural do moço israelita
Patenteia o vigor que os musculos lhe habita.

Cabelleira opulenta a fronte lhe domina
Com o basto resplendor de uma juba leonina.

E se o vento a sacóde e faz com que se estorça
Desgrenhada, semelha a flammula da força.

No cerebro do heróe a intrepidez impera,
Como a lava revel n'um seio de cratera.

Quando a chamma da raiva em seu olhar serpeia
O incendio do pavor nos corações ateia.

Vêde que densa turba amedrontada fóge...
Quem ha que a rebater-lhe a exaltação se arroje?!

Quem ha que se lhe opponha?! Athletico e convulso,
Brame de fortaleza um pelago em seu pulso.

Tudo abate e destróe seu formidavel braço...
Rival da catadupa o estrondo de seu passo.

Todos o fogem, pois, prezas de horror infindo.
Mas formosa mulher se achega. Vem sorrindo.

Que delicada e meiga!... Ao vel-a, no entretanto,
A colera do heróe se acalma por encanto.

No seu rosto, que innunda a exuberante coma,
Carinhosa expressão de regozijo assoma.

Humilde, como a ovelha ao gesto da pastora,
Docilmente obedece á joven seductora.

A' tremenda altivez dos impetos protervos
Seguiu-se-lhe a passiva annullação dos servos.

Faceira, a gracejar, ella esquivanças finge,
Porém elle amoroso e supplicante a cinge.

No collo seu, emfim, recosta a fronte mansa
Qual da mãe no regaço uma gentil creança.

E á gotta d'agua o mar com timidez escuta,
Curva-sê á flôr o raio, á brisa ouve o trovão :
Contra a belleza a força inutilmenfê luta,
E um beijo de Dalila escravo faz Sansão!

IV

Rugara-se de El-Rei a larga fronte augusta
E o seu turbado aspecto os cortezãos assusta.

Quem foi o causador do desprazer que o dobra?!
- Não resistas, culpado; — executor, á obra!

Quem foi?! Tremula a voz, a turba se interroga,
Enquanto em fluidos máos o olhar d'El-Rei se afóga.

Quem foi?! Ninguém responde... Irado El-Rei se mos-
Pois estranha amargura o coração lhe prostra. [tra

E' noite em seu pensar, feita de angustias, erma
De estrellas e luar, — noite de um'alma enferma.

Não lhe desbrocha o riso em distracção alguma;
Curva o seu pensamento a escravidão da bruma.

Causa-lhe enfado o amor, não o consola a réza;
Como um grilhão, o sceptro insupportavel peza.

Onde allivio encontrar?! De seu poder tamanho
Invencivel moteja o desalento estranho.

Aos céos desesperado implora em vão remedio,
Sentindo-se afundar no tremedal do tédio.

E soffre horrivelmente ao torturante frio
D'esse exquisito mal, estúpido e sombrio.

Que fazer, Santo Deus?! E a morte El-Rei implora,
Mas — doce melodia ao lado ergueu-se agora.

Simplees modulações de rustico instrumento!
Mas, pouco e pouco, El-Rei presta-lhe ouvido attento

Em serena cadencia, encantadoras notas
Abrem azas subtis para amplidões remotas.

Ouve enlevado El-Rei... E, á consonancia vaga,
Pouco e pouco tambem seu amargor se apaga.

Que funda mutação o fino sortilegio
Da musica operou sobre o semblante regio!

Como si um genio bom de súbito o curasse,
Na su'alma trevosa uma alvorada faz-se.

Sorri-se, enfim, ditoso, á vibração sónica,
Como jamais sorrido havia assim outr'ora.

E os olhares d'El-Rei a calma recuperam,
De jubilos se enflora o pensamento seu :
E onde gloria, e riqueza, e amor nada puderam,
De singela harmonia a ingenua voz venceu.

PAYSAGEM TRISTE

Chovia. Os pingos d'agua
Pontilhavam de vastas reticencias
As paginas da altura.
Havia tons de magua
Do azul na face carregada e escura.
Vogavam somnolencias
De tedio, nas aragens glaciaes
E os nimbos pelo espaço disparzidos
Pareciam bandidos,
A que os fuzis serviam de punhaes.

O máo humor que o turba o céu disfarça
Velando o rosto sob a trama fina,
Emquanto o vento, qual garoto, esgarça,
Veloz correndo, as tranças da neblina.

As pardacentas nuvens ondulantes
A' lei da viração,
De titans lembram tunicas gigantes ;
Ou boiam nos espaços
Como rasgados, tremulos pedaços
De immenso pavilhão.

As arvores molhadas, tristemente,
Inclinam a cabeça,
Quando em cordões a chuva, como um pente,
Lhes vai entrando pela coma espessa.

As gottas incessantes,
Modulando monotona toada,
Dir-se-hiam batalhões de diamantes
Marchando á desfilada.

Embebe tudo um fundo desconforto...
E em distancia trovões irregulares
Representam descargas militares
Nos funeraes cyclopicos de um morto.

Cahiu a noite. Aos rapidos crepusculos
Do clima tropical que fogo expira,
Não se percebe a distensão de musculos
De quem, como elles, sobre um chão se estira.

Vem de subito a treva. Envolve os montes,
Desce dos céos ao infimo reducto ;

E breve a terra, o bosque, os horizontes,
Trajam todos de ludo.

Da luz que morre aos derradeiros rastros,
Como que o mundo soffrego e ancioso,
Busca ouvir, n'um silencio magestoso,
O colloquio dos astros.

Só, a trechos, interminos rumores
Rolam pela amplidão ;
E, percutindo vagos estridores,
São, porventura, um echo indefinido
Do alvoroço, da vida, do alarido
Que n'outros orbes retumbando estão.

Tudo envergara escuros vestuários
Do tufão imminente á orchestra insana ;
Mas, indeciso e só, n'uma choupana,
Crepitava um clarão aos sopros varios.

E a rubra luz no seio da floresta,
Pégo de sombras turbidas formado,
Lembrava um desses monstros legendarios,
Em cuja negra testa
Fuzilava um só olho ensanguentado !

DOR INFANTIL

« Dormir, Mamã, eu quero
E o berço não balanças ;
Já todas as creanças
Dormindo, ha muito, estão
Só eu debalde espero,
De medo e somno cheio...
Foi grande o tal passeio
Que deu o meu irmão :

« Coitado! Tão doente,
Dormiu hontem sereno,
E o corpo seu pequeno
Levado foi então ;
Chorava toda a gente
Mas, si eu o olhava afflicto,

Diziam : que bonito
Repousa o teu irmão!

« O ingrato foi-se embora
E nem falou commigo...
Eu sou tão seu amigo
E espero... espero em vão!
Porque tanta demora?
Sem elle triste eu vivo :
Mamã, porque motivo
Não volta o meu irmão?! »

E a mãe, ouvindo aquillo,
Silente ia chorando,
N'um impeto o apertando
De encontro ao coração...
Mas elle, já tranquillo,
No instante após dormia
E, em sonhos bons, sorria
Talvez ao seu irmão.

EM FAMILIA

São horas de jantar...
A indocil meninada
De tudo quer provar.
Mas eil-a socegada

A mãe a cada qual já deu o seu quinhão
E, sentando-se emfim, diz, com satisfação
« Prompto ! posso comer ; todos estão servidos :
Ninguem falta... »

Entretanto, alguém pelos vestidos
Põe-se a puxal-a.

Então, erguendo-se outra vez,
Novo prato ella faz com toda a placidez
E entrega sob a mesa as carnes que tempera
A um pequenino cão que ancioso estava á espera.

FRUCTOS DA EPOCA

Grave entrou no salão. Cheio de enfado,
Dá-lhé os dedos o paí :
A mãe sorri-se, e, com fingido agrado,
Resmunga — *como vai?!*

O menino, soltando alegre brado,
Entre os seus braços cae,
E, com olhos de hypocrita, um creado
Fita-os, e lento sae.

E a moça?! Nada disse ;
Curvou-se apenas. Mas se o pai ouvisse
Do olhar dos dois a escadanlosa fala,

De certo apresentara
E com estreitas relações ligara
O dorso d'elle á rigida bengala.

A FELICIDADE

No carro, ao vir da igreja...

Do noivo a noiva ao pé, nas d'elle presa a mão,
La scismando assim :
Em intima expansão,

« Inolvidavel dia!
Meu sonho eil-o afinal completo! Que alegria!
Sobre a terra quem hoje é mais feliz do que eu?! »

N'isto o carro parou, e o prestito cedeu
O passo, respeitoso, a um outro.

Na janella
A moça debruçou-se e virginal capella,
Irman da sua, o olhar ferio-lhe.

Era, porém,
No singelo caixão de um funerario trem.

A JOIA

I

Ao pé de uma vidraça, estavam mãe e filho,
O olhar todo cubiça, acarinhando o brilho
E os bordados subtis das joias. Que esplendor
Na fina exposição! Artístico primor
Ha nas facetas mil da rara pedraria :
Era o sonhar em prata, em ouro a phantasia,
Chimeras de coral, caprichos de rubim,
Scismares de esmeralda e perolas ; enfim,
Um mimo tentador, uma visão tirada
De opulenta legenda arabica...

II

Enlevada,

A creança lançava alternativo olhar
Ao panorama é á mãe, incerta, a interrogar,
Si o maternal amor não suspeitara ainda
Quanto desejo atroz ia-lhe n'alma.

Finda

A eloquente mudez da supplica, outra vez
Os olhos embebeu, frementes de avidez,
Dos labores da joia, e, morbida, attrahida,
Tal como a mariposa á lampada accendida,
Sentiu, a pouco e pouco, ir se tornando audaz...
Resolveu-se a final, e, com um gesto vivaz
De subitaneo arrojo, a voz erguendo, disse,
N'uma fala de mel e angelica meiguice,
De as pedras commover :

« Mamã, vou lhe pedir

Um immenso favor... »

A mãe pôz-se a sorrir

E — dize — respondeu.

« Mas faz? » replicou elle

« Faço » « Faz mesmo?!... » « Sim! »

« Pois bem, não vê aquelle

Adereço gentil, que ali fulgindo está?!

Desejo-o muito... muito... e quem promete, dá ;

Por isso... » Mas a mãe interrompeu-lhe a phrase,
Fitou-lhe o traje humilde e, soluçando quasi :
« Aquelle, não, — tornou, — mas outro que tambem
E' lindo e vale mais... » « Qual é?! » « Ora ahi tem! »
E assentou-lhe na testa um prolongado beijo.

III

A creança entendeu. Sumiu-se-lhe o desejo.
« De certo, disse a rir, joia melhor não ha :
Mas si tão rica, assim, e generosa está,
Sem demora, em signal de nosso regozijo,
Mais um broche, um collar e uma pulseira exijo! »

A CARTA

Tudo sombrio e triste. No aposento,
Sôa apenas a voz
Do relógio que bate lento... lento...
Emquanto eu sinto a pulsação afflicta
De minh'alma que soffrega se agita,
Cheia de angustia por se ver a sós.

De uma invisível mão lembrando os dedos,
Os ponteiros fataes
Mostram as horas, impassiveis, tredos...
E o cavo som da pendula parece
Dizer em lingua que ninguem conhece
Que os tempos voam, sem volver jamais.

Mas a carta reli, e de alegria
Senti transfigurado o coração...
— Ella, emfim, escrevia!
E as suas lettras tinham tal condão,
Que, apenas de entrevel-as,
Brotou-me um archipelago de estrellas
Nas ondas da afflicção!

Nas devezas da vida,
Desde a hora nefasta da partida
Genera um sopro frigido e lethal ;
Mas agora, á missiva, de repente,
Passa por ellas o carinho quente
De fecunda lufada matinal.

Tudo, em róda de mim, na terra ufana,
Toma altivo e poetico semblante...
Minh'alma tem levezas de estudante
E a força sobre-humana
De um bondoso gigante.

Mil saudações levantam-se a meu lado...
— Escuto-as remoçado,
Transbordante de olympicos desdens,
Emquanto lindo passaro pousado
Na ramaria perto
E' do universo o interprete, de certo,
Que, a trinar, me apresenta os parabens!

A ESMOLA DOS MORTOS

Foi na quadra infernal da grande epidemia...

Morrera ao pobre cego o velho cão, seu guia,
E ás tontas elle andava.

Um dia foi parar,
Depois de voltas mil, dos tumulos no lar.
E sem saber que estava em funeral cidade
Perdido, intercedia em vão a caridade
De ao menos no caminho o collocarem.

Mas,
Como era de suppor, ninguem na eterna paz
Replicava ; e, já noite, o triste repetia,

Tropeçando, a chorar, transido de agonia,
Nas campas de em redor

« O' tende compaixão

Do misero sem luz que vos estende a mão...
E n'um canto qualquer de vosso tecto amigo
Ao coitado, por Deus, não recuseis abrigo. »

Foi ouvido?! não sei. Mas, na manhã seguinte,
Frio, ali foi achado o corpo do pedinte.

NA QUARESMA

« Estamos na quaresma... E, pois, depressa
Confessar-vos deveis ;
Quem, prezados irmãos, não se confessa
Da Igreja offende as leis. »

O vigario, domingo, assim falava
Na predica usual
E a turba dos devotos o escutava
Com ar sentimental.

Ouvindo aquillo, de gentil menina,
Que orava com fervor,
Elle achega-se e diz : « pomba divina,
Tu és o meu amor! »

« Que peccado ! » ella exclama e se acereja
Seu rosto de emoção.

Mas, rindo, elle accrescenta : « *offende á Igreja*
Quem foge á confissão ! »

A GUERRA

De gigantes a luta... A furia dos pampeiros
Parecia animar as destemidas alas,
Que marchavam após dos pavilhões guerreiros
Sob tectos de fogo e um vendaval de balas.

E por annos durou o pavoroso drama...
De ossadas levantou-se a estatua da afflicção :
Dissereis que do inferno extravasando a chamma,
Novo e horrivel diluvio assoberbava o chão.

Tombavam batalhões... E o dictador Solano
Sem nunca esmorecer, indomito, convulso,
A tropical pujança, o nervo americano
Mostrava acobertar no cerebro e no pulso.

A peste, que é da guerra a livida irman gemea,
Dos tumulos tambem ultrapassou o umbral,
E quiz por ovações os gritos da blasphemia
E de esqueletos feito um solio colossal.

Correu de sangue um mar. Mas da victoria ao porto
Chegamos a final, entre tufões de alarmas ;
E sobre o Paraguay, como o lençol de um morto,
Desdobrou-se o pendão das brazileiras armas.

A OFFICINA

Templo da industria... Da vontade escrava,
A força impulsos multiplos derrama,
Ao clarão da fornalha immensa, e cava
Qual um ninho de viboras de chamma.

Hauriam n'ella as machinas o alento
Que dava aos bronzes musculos e arteria,
Despertando nas mólas movimento,
Como que pondo uma alma na materia.

A' fulva luz, as rodas se moviam,
Rangiam ferros, retumbava o malho :
— Acclamações cyclopicas dir-se-hiam
A' magestade eterna do trabalho.

No inanimado turbilhona vida,
Agil se ágita a mais pesada massa,
E parece o operario, nessa lida,
— Rei popular n'uma atulhada praça.

Reveste o calmo aspecto sobranceiro
De quem cumpre um dever e um erro abate,
Com a gloria insangrenta do guerreiro
Triumphador de lucido combate.

O malho vai, em golpes incessantes,
Batendo a dura chapa... Amolgue-a, lustra-a...
Solta um collar de chispas fulgurantes,
Que são estrellas para os céos da industria

De tremendo estridor tudo partilha...
Pensáreis que ás conquistas do direito,
Desmoronando vieis a Bastilha
Dos privilegios e do preconceito.

Ou então que de subito acolhido
Das immanentes forças no congresso,
Feriam na verdade o vosso ouvido
Os clangores da tuba do progresso.

Mensageira a fumaça, por ventura,
Ia narrar, no reino das procellas,
A's officinas fulgidas da altura
O esforço humano, igual talvez ao d'ellas.

E no ambiente ali se presentia
Tonico ardor, fecunda claridade :
— Fluidos vitaes que hão de animar um dia
O corpo são da nova humanidade!

A FLAUTA

I

De noite, aquelles sons de musica em distancia
Eram como a fragrancia
De um coração heroico em afflicções premido
Modulava-os na flauta um filho da miseria,
Na harmonia buscando animação e olvido.

Tinha uma filha o artista. Apparição etherea,
De tão leve e gentil, o rosto seu marmoreo,
De uma expressão incauta,
Tornava-se mais lindo e menos merencorio,
Quando, a esperar do somno o balsamo illusorio,
Enlevada escutava os meigos sons da flauta.

Talvez aquella voz commovedora e doce,
Que aos recessos subtis do sentimento vai,
Da fallecida mãe recordação lhe fôsse
E d'ella lhe trouxesse o anhelito de um ai...
Por isso, quanta vez em lagrimas furtivas
 Su'alma desatou-se,
 Na hora em que mais vivas
Soluçavam-lhe em róda as musicas do pai.

No miserando lar que dolorosas scenas!
Em busca de trabalho, elle sahia apenas
Vislumbrava no espaço albores da manhan ;
Voltava, quando a luz, no extremo arranco, ardia,
Trazendo as refeições asceticas do dia
E o cansaço cruel de prolongado afan.

E todo o tempo ali, na sordida mansarda,
 Com a menina, a sós,
 Ficava o anjo da guarda
 Que vigia por nós.

Horas mortas da noite, a inspiração sentida
Da flauta era a expansão d'aquella triste vida...
 Ouvindo as meigas notas,
O pensamento aos dois ia subindo além,
 A's vastidões remotas,
Onde esplende a mansão phantastica do bem!

A filha adormecia á vibração sonora...
Avelludava o pai o tom, ao vel-a assim :

Ella ia descansar até romper a aurora
E o sonho é náu de prata em mares de rubim.

E ao guardar o instrumento,
Lançava-lhe um olhar cheio de gratidão,
Pois com elle fazia, ao menos um momento,
Jubiloso bater da filha o coração.

Era-lhes, pois, a flauta a camarada, a amiga
Que da angustia lethal retinha-os no declivio,
Generosa lhes dando alentos na fadiga,
Nas provações — allivio.

Fazia-os divagar pelo paiz occulto
Das chimeras em flôr ;
E elles tinham por ella um verdadeiro culto,
O mais profundo amor.

Nada achavam melhor que a sua companhia,
Nem mais celestial que a sua voz singela ;
Acreditando até que uma alma possuia,
Preferiam morrer a separar-se d'ella.

II

Chegou, porem, o inverno. O lancinante frio,
Com seu cortejo atroz de neves e granizos,

Deu a tudo um aspecto apathico e doentio
Que afugentava os risos.

Vivia o pobre artista atrabiliario e mudo,
Mais que o corpo, sentindo o coração transido,
Partiu-se-lhe da fé o milagroso escudo,
Produzindo-lhe o esgar do luctador batido.

Faltava-lhe trabalho. Andava á lei da sorte.
Na inercia que enfraquece o musculo mais forte,
Jazia quedo o braço e não lhe dava o pão ;
Por isso, quando á noite a flauta dedilhava,
Irrompiam-lhe os ais do peito, como a lava
N'um convulsivo chão.

Veiu, por fim, a fome asperrima. A creança
Gemia semi-nua :
Tão intenso o pallor da sua face mansa
Que metteria inveja á pallidez da lua.

Si o pai, contendo o pranto a custo, por ventura,
Osculava-lhe a testa,
Sob os labios achava uma algidez funesta,
Propria de sepultura.

Comtudo, inda da flauta ella adorava os canticos,
— Aos sons, os olhos seus nostalgicos, profundos,
Pareciam buscar, em extasis romanticos,
Clarão estranho ao sol de imaginarios mundos.

Dos cilios lhe fugia o somno, e, a horas mortas,
Quando, como um mendigo, o vendaval ás portas
Batia, a rebramir sinistramente rouco,
Ella, do pai ao lado,
Pedia, ao contemplal-o exanime e vergado,
Que aos accordes da flauta a acalentasse um pouco.

Vertia uma candeia incerto lume baço
De crepes envolvendo ao quarto o desalinho,
E tremula a canção ia adejar no espaço,
Como pomba medrosa abandonando o ninho.

A menina escutava. Angelica alegria
Banhava-lhe as feições de mystico prazer
E nada lhe lembrava então que no outro dia
Não tinha o que comer.

A carestia, enfim, tão rude entrou no asylo
Que foi preciso ao pai ir empenhando aquillo
Que lhe era mais custoso e menos necessario :
Sahia occultamente ao despontar da aurora
E, tremendo, implorava á casa de penhora
O que a filha julgava o habitual salario.

Depois, punha-se a andar, tão lugubre e sombrio
Como ao pé do juiz quem um delicto esconde,
Desperdiçando o tempo, inutil e vadio,
Qual escravo disposto a trabalhar... Mas onde?!

Recolhia-se tarde. A refeição, silente,
E ás carreiras tomava, exausto sem labor,
Mas tornava, depois; a flauta a confidente
Da sua immensa dôr.

III

Recrudescceu, no entanto, a rispidez do inverno,
E a vida aos dois mudou-se em regelado inferno!
Já não raro do vento á fina vergastada,
Em afflicções sem nome,
Torcera-se a menina, exangue, allucinada,
Nas convulsões da fome.

Pesava no tugurio o fluido mau que existe
Na masmorra sem luz de um condemnado á morte;
Mas accordes a flauta inda casava triste
A's maldições do norte.

Tudo estava empenhado. Era a miseria muda
Que presente a loucura e o desespero em face...
Mas persistia a flauta... Aos céus talvez mandasse
Na doçura mentida uma ironia aguda.

IV

Quando ao cume chegou do pobre o soffrimento,
Elle um dia sahiu da ventania ao som;
Regressou logo após, no labio macilento
Mostrando um riso bom.

Folgou a filha ao vel-o,
E como elle trazia um optimo jantar,
Logo se lhe desfez do desconforto o gelo
Ao sol que alvoreceu de novo em seu olhar.

Naquelle imaginar voluvel de creança,
Depressa o acerbo transe
Deixou-lhe simplesmente a incommoda lembrança
De um tragico romance.

Poz-se então a falar, com prazenteiros trinos
Dizendo : « eu quero ter um jubilo completo :
Toca-me, pois, oh pai, na flauta, dos teus hymnos
Aquelle meu dilecto.

A flauta cuja voz amiga nos ampara,
A doce companheira, a irmã que eu amo tanto
Vai vel-a... » Mas o pai tão livido ficara
Que a interrompeu o espanto.

« A flauta... onde é que está? continuou tremente,
Vamos... » Porém o artista, os olhos razos d'agua,
Murmurou, de repente,
Segurando-lhe as mãos n'uma explosão de magua!

« A minha velha flauta. Oh! não me fales nella;
Hoje deu-nos talvez a musica mais bella
Partindo para alem! »

E accrescentou a rir e a soluçar á toa
« Tinhas-lhe amor de irman... não é assim?! Pois
(A angustia me atordoa [bem!
Mais funda do que em ti...)
Mas foi para salvar-te, oh! filha, me perdoa,
Que a tua irman vendi! »

NA FAZENDA

Dorme a fazenda. Uniformes,
Com seu inclinado tecto,
Tem as senzallas o aspecto
De um bando d'aves enormes.

Os cães, no pátio encoberto,
Repousam de orelha erguida ;
São como oasis de vida
Da escuridão no deserto.

De vagos tons uma enfiada
Com o torpor lucha e vence-o ;
E' no burel do silencio
Franja sonora bordada.

A's vezes, da porta estreita
Sae um chorar de creança,
Chamando a mãe que descança
Morta do afan da colheita.

Talvez no infantil assombro,
Já se lhe antolhe mais tarde :
O eito, enquanto o sol arde,
E o peso da enxada ao hombro.

Os cães levantam-se a meio,
Geme a creança um momento
E, a pouco e pouco, em lamento
Succumbe o isolado aneio.

Longe, na sombra perdido,
Ha no perfil de um outeiro
Algo de estranho guerreiro
Da cotã de armas vestido.

Ao lado reluz a linha
De extensa e alvacenta estrada,
Como a lamina da espada
Que lhe saltou da bainha.

E o disco da lua nova
No lar azul das esphéras,
De nuvens, que lembram féras,
Como um reptil sae da cova.

Ondula no espaço o fumo
De algum incendio invisível ;
Chóra a creança. Impassível,
Prosegue, a noite em seu rumo.

DOIS DRAMAS

Descera o panno. O drama
Accendera nas almas
Do enthusiasmo a chamma.
Fôra ardente e brutal o derradeiro arranco :
Da multidão o applauso arrebertara franco
N'um frenesi de palmas.

A commoção violenta
Contraídas tornara as linhas regulares
Da joven opulenta
Ao rosto encantador ;
Velaram-se de assombros
Seus limpidos olhares
E a breve mão que a capa accomodava aos hombros
Tinha as palpitações nervosas do tremor!

Estupido da peça
Era, entretanto, o enredo ;
Mas, sensível, a dama estava impressionada,
Cheia de pena e medo,
Entrando na caleça
Que rapida rolou nas pedras da calçada.

Chegou. De casa á porta,
Um servidor antigo,
Dedicado e sincero achou no limiar.
Passara-lhe a emoção : de fome e somno morta,
A ceia, e o quente abrigo
Do carinhoso leito urgia-lhe encontrar.

Mas o servo que tem? A moça, quando apeia,
Vê-lhe o rosto senil com pallidez atroz.
Que tem? Seu peito anceia,
Perturba-se-lhe a voz !

Com perigosa febre
Um filho do coitado,
Que vivia sósinho em misero casebre,
Jazia abandonado.

E o pobre pai fiel á obrigação que tinha
De á senhora esperar a volta em hora incerta,
Ali ficado havia,
Emquanto na mansarda esqualida e deserta,
O filho seu, talvez, da morte já vizinha,
Nas vascas se estorcia.

E a moça que do palco ao drama imaginario
Commoveu-se tanto,
Não fez um gesto só sympathico, ou de espanto,
Perante o drama vivo, honrado e solitario ;
Soltou um *ah!* de gelo, e, como a olhasse o velho,
Pedindo-lhe conselho,
Disse, com abandono,
De indiferença cheia,
Que podia ir velar do filho o extremo somno
Mas que fosse primeiro á mesa pôr a ceia.

MADRIGAES

I

No meu peito se embalança
Meu traquinas coração,
Como o berço onde a creança
Dorme aos sons de uma canção.

N'elle, envolto em scismas puras,
Jaz o amor a dormir :
Ai! que lindas travessuras
Quando alguém o despertar!

II

Era um dia um pobre cégo
Que vivia a mendigar,
Das tristezas sobre o pégo,
Da miseria em pleno mar.

Mas alguém, com meigo trato,
Fel-o ver... Que gratidão!
— Ama-a, pois, porquanto ingrato
Nunca foste, ó coração.

III

Quando as aves fugitivas
Vão do azul brótando á face,
Como esparsas flôres vivas
D'um jardim que se animasse,

Sinto, ao vê-las tão canóras,
Do ciume o acerbo espinho,
Pois que muitas tem seu ninho
Sobre a casa onde tu mórás.

IV

« Hoje um moço (esta noticia
Veiu, ha dias, n'um jornal)
Foi retido na policia
Pois na mão tinha um punhal.

O perigo de ser presa
Corres tu tambem... Meu Deus!
Se a policia, por surpresa,
Vir de perto os olhos teus.

V

Quando as bellas vão á festa
Levam joias de valia ;
Cada qual zelosa apresta
Mais ornato e pedraria.

Mas do amor na festa, — ufana,
Sem pulseiras, nem collares,
Foi minh'alma a soberana
Só levando os teus olhares.

VI

Quando alguém nos bate á porta
Cumpre abrir logo, á porfia ;
Não fazel-o assim importa
N'uma átroz descortezia. :

Meu olhar te busca, e entrada
No portal não se lhe deixa :
Venho, pois, fazer-te queixa
Da cortina inêdelicada. :

VII

Toda a gente diz que o dia
Com a noite alterna, e dura
Tanto tempo a treva escura
Como a luz que o sol radia.

Eu, porém, que, entre demóras,
Para ver-te instantes luto,
Tenho noites de cem horas,
Tenho dias de um minuto.

VIII

No momento da partida,
Por milagre, eu não morri...
Si tu eras minha vida,
Como, pois, viver sem ti?!

Hoje, á lei de dupla ausencia,
Na viuvez, a um tempo, estou
De teus olhos e da essencia
De minh'alma que ficou,

IX

Quem recebe em pleno peito
Flecha hervada, embora forte
Logo em terra cáe desfeito,
N'um momento o arrasta a morte.

Eu, porém, luz que me abrazas,
Vi que tenho alento infindo,
Pois até sorri-me, ouvindo
Que estás noiva e breve casas.

X

Houve um rei (caso inaudito
Da legenda nos annaes)
Que quiz ver em vida o rito
Dos seus proprios funeraes.

Ninguem sou, mas, caprichoso,
Vou além do grande rei,
Pois, a dar mostras de gozo,
Teu consorcio assistirei.

XI

Não te aprazem meus carinhos,
Teu desejo os de outrem quiz,
Rasga, pois, em pedacinhos
Os idyllios que eu te fiz.

Rasga-os, sim... Na angustia immersos,
Toda a vida lhes fugiu ;
Faze o mesmo aos pobres versos
Que ao amor que os produziu.

NA PAZ

I

Foi um dia de festa em toda a villa, quando
O soldado chegou, do Paraguay voltando.

Seis annos quasi havia, elle deixára o lar,
Espontaneo partindo afim de se alistar
Nos bravos batalhões que em triplice alliança
Batiam de Solano a intrepida pujança.

O sino repicava. Innumeros rojões
Propagavam no espaço a voz das ovações.
Aagitava-se o povo. As lojas se fechavam,
De colchas e pendões os peitoris se ornavam,
E, aos estridentes sons de uma banda marcial,

Tecendo enthusiasmada o hymno nacional,
Mil vivas dava a turba a Ozorio, o legendário,
Delirante acclamando o heroico voluntario,
Cujo regresso á terra enchia-a de altivez.

Mas elle estava triste e mesmo contrafez
O varonil semblante, ao ver, seguindo o rumo
Da sua antiga roça, enovelar-se o fumo
Indicador da casa onde, entretanto, a sós
Esperava-o a mãe, n'uma impaciencia atroz.

Caminhava indeciso e vagarosamente...
E, quando entre expansões freneticas da gente
Que o seguia, osculou da pobre velha a mão,
Si alguém lhe perscrutasse a consciencia então,
Havia de encontrar alguma cousa estranha,
Um pezar, uma dôr que subito se assanha,
Uma agonia vaga, uma afflicção qualquer.

Na casa, não mudára uma feição sequer,
Tudo no mesmo estado : o tamborete manco,
A mesa carunchosa, a falha d'agua, o banco,
Na parede um Jesus lythographado, ao pé
De um baço espelho, o fogo acceso sempre, e até
Ao longe, do quintal junto á banzeira porta,
Por entre a senhoril vegetação da horta,
Que brotava do chão com impeto brutal,
Um velho gato amigo e caprichoso, — o qual,
Como que a se lembrar, n'um indistincto anceio,

Resolvido a chegar-se e amedrontado a meio,
 Dardejava, rosnando, um pardo olhar subtil.

É as lembranças de outr'ora, em turbilhão, ás mil,
 Jam do militar o espirito invadindo.

Cada vez mais, porém, parece o recém-vindo
 Preza de pungitiva e inexplicavel dôr ;
 Não o anima da turba o festival rumor ;
 Dir-se-hia acabrunhado ao jugo da desgraça.
 — Eil-o junto da mãe, em attitude lassa,
 Distrahido a scismar, ouvindo com desdens
 Os encomios sem fim, e os vivos parabens...

II

Qual a occulta razão d'esse padecimento?!

Ao deixarem-n'o, emfim, sósinho no aposento
 De cujo aspecto humilde a placida expressão
 Realçava de em roda a funda solidão,
 Foi que elle proprio viu a causa da presença
 No pensamento seu de uma tristeza immensa.

Tudo paz em redor... No entanto, de tropel,
 Surgiam-lhe as visões saudosas do quartel.
 Antithese cruel! Horrivel realidade!
 Voltara venerado e celebre, é verdade,

Para o torrão natal que o reputava o heróe,
 A gloria, o orgulho seu, sem emulo ; mas dóe
 Volver a una existencia estreitamente calma,
 Depois de haver além convulsionado a alma,
 Em façanhas sem conta. Os toques do clarim,
 As marchas, os canhões, o acampamento, e emfim
 De aventureosa morte o risco permanente
 Tinham-se-lhe tornado, imprescindivelmente,
 O elemento vital, a necessaria luz.
 O mais se lhe antolhava insupportavel cruz ;
 Importava trocar esplendidos futuros
 Pela inercia lethal dos pantanaes escuros.

E o soldado sentia, em negro imaginar,
 Que o tranquillo existir monotono do lar
 Mataria sem dó todos os seus affectos...

Não mais da luta o encanto, os turbilhões dilectos
 Mas o socego vil de um vegetar boçal,
 Sem fogo, sem acção, propenso para o mal,
 Incapaz de laureis, quebrantador da gloria,
 Ao de um bruto qualquer igual, em cuja historia
 Só palpita a ambição do physico prazer !

Horrendo despenhar ! Melhor fôra morrer
 No campo da batalha, á sombra do estandarte,
 Do inimigo assaltando o rijo baluarte,
 Quando heroica a trombeta, interdizendo os ais,
 Desabrocha da gloria os sonhos immortaes :
 Quando a morte descerra os porticos da fama,

A quem cae nobremente a patria inteira acclama,
E é brado de victoria o último estertôr!

Mas qual! tinha de ser de novo o lavrador
Que arrancando da terra o pão quotidiano
E as forças exaurindo em labutar insano,
A' pobreza vergasse examine a cerviz.

O prestigio depressa esvae-se : nos ardis
Da inveja e da calumnia em breve cahiria.
Na rua, o despreço e o riso de ironia
Que desperta em geral dos fados o revez,
Haviam de se erguer aos passos seus. Talvez

Das miserias até rolasse ao precipicio,
Se affizesse ao contacto aviltador do vicio,
E, como um cão leproso, o repellissem. Sim!
Perspectiva cruel, sem duvida, onde, assim,
Aquelle que pulsara aos bellicos embates
E contemplara a gloria, em meio dos combates,
Depois de haver sonhado um épico porvir,
Sentia-se, infeliz, sem remissão, cahir
N'um d'esses tremedaes cuja lembrança enjôa,
Vagando por ahi, como uma cõusa á tôa,
E acabando, por fim, na enxerga do hospitaal.

III

A commoção, portanto, era-lhe natural...

Contemplando o solar das ambições desfeito,
 Despeitado e febril torcia-se no leito,
 Quando, subito, viu na sombra, ao pé de si,
 A espada que trouxera. E a descobrir ali
 Pareceu-lhe um signal symbolico. Excitou-se
 Inda mais seu pensar. Como se a espada fôsse,
 Mais que amada reliquia, um adorado ser,
 Nos braços a apertou, sorrindo de prazer.
 A bainha, porem, escorregou no instante
 Em que elle a comprimiu, e a lamina cortante
 Deu-lhe no peito um golpe extenso e fundo...

Então,

Chegou o desgraçado ao cume da afflicção.
 Figurou-se-lhe aquillo o extremo desencanto :
 A espada arremessou longe de si, enquanto
 Seu pobre coração vestia-se de dó,
 Como orphão que se vê abandonado e só.
 Apenas lhe restava aquella companheira,
 Doce recordação de uma existencia inteira;
 Tinha andado com ella em duras provações,
 D'essas que para sempre irmanam corações.
 Depositava n'ella uma confiança enorme ;

Quando a via pender luzente do uniforme,
De ousadias sem fim sentia-se capaz,
Certo de seu auxilio em qualquer lance...

Mas,

Agora que a penar elle ia ter com ella,
Implorando um sorriso ameno na procella
Que rugia-lhe n'alma, a ingrata, sem valer,
Ao desditoso amigo, em vez de o defender,
Assassina covarde acutilava o seio
Que a acarinhava incauto e de esperança cheio!

IV

E o misero pedia, em desespero atroz,
Que a morte lhe acudisse, a libertar veloz
Su'alma do entrevisto e aterrador fadario,
E pensava

« Meu Deus, sem rumo, solitario,
Que negro fim vou ter... Não vejo mais ninguem
Que os passos meus ampare ou que me entenda...

[quem?

Que encanto sobrenada ou que affeição me resta
N'este convulso mar?... » N'isto, por uma fresta,
Entrou no quarto o alvor tranquillo da manhan.
E o soldado escutou a voz da mãe no afan
De despertar um nucleo activo de trabalho.
Viu, a um canto, depois, humilde, como a um ralho

Antigo servidor tradicional do lar,
N'uma postura triste e suplice, a brilhar,
Alguem que d'elle fôra, outr'ora, o camarada
Fiel da juventude : — a sua velha enxada.

QUE PÉS !...

A prima de meu amigo
Tem pés de tal perfeição,
Que é sacrilegio e perigo
Deixal-os ir pelo chão.

Deviam pés tão suaves,
Dois verdadeiros primores,
Viver no céu, como as aves,
Ou n'um jardim, como as flôres.

Oh! releva-me esta phrase
Que as conveniencias transgride :
— Da tua prima é na base
Que a culminancia reside.

Quando tu m'a apresentaste
 (Que maganão que tu és...)
 Com certeza te enganaste,
 Ou te fizeste de sonso ;
 Devias ter dito : « Affonso,
 Eu te apresento estes pés! »

Só visões do hachich e do opio
 Pés assim soem mostrar :
 Vou comprar um microscopio .
 Para os poder contemplar.

Fosse eu tu, e quando andasse
 De algum salão atravez,
 Diria a quem perguntasse :
 « E's primo d'aquella moça? »
 « D'ella?... não » « Mas como?! » « Oh! ouça
 Sou primo só de seus pés! »

Que estas estrophes lhe contem
 Quanto eu me sinto captivo ;
 São pés no diminutivo,
 Parecem nascidos hontem.

Tão tenues e homœopaticòs
 Saltam, no entanto, por dez...
 Oh! meu amigo, os extaticos
 Sonhos meus dá que eu exprima :
 — A tua prima — obra prima
 Tem em dois tomos nos pés...

VESTIDO CURTO

Quando hontem te falei
E me apertaste a mão,
Notaste em mim, bem sei,
Certa perturbação...
Emquanto eu, a teu lado,
Em vão buscava, a furto,
Que fim tinha levado
O teu vestido curto.

Em tempos que vão perto,
Mas cheios de saudade,
Recordas-te, de certo,
Da nossa intimidade.
Porém, parti... e horror!
Depois de curta ausencia,

Com toda a reverencia,
A ti, dou-te Excellencia;
A mim, dás-me doutor.

Mais bella estás. E linda
Já eras! Mas em ti
Da velha amiga, ainda
Nada reconheci.
Nem ousou te lembrar
Cousas que já lá vão,
As quaes de angustia um mar
Trazem-me ao coração.

Seria, certó, expor-te
Ao galhofeiro riso
Da turba que divizo
A te fazer a côrte.

Contemplo-te feliz,
Formosa, requestada ;
Si lembras-te, sorris
De tanta creançada ;
E's mesmo, ao que se diz,
Um bom partido, enquanto
Eu vou vivendó a esmo,
N'um afastado canto.

Pois, olha, quando mesmo
Viésses inda a mim,
Não sei porque motivo

Meu coração esquivo
Não te quizera assim.

Eis-te de encantos cheia,
Esplendida mulher...
Mas a saudade aneia
No peito meu, e quer
Ver-te o vestido curto
Que me deixava a meia
Te lobrigar, a furto.

A cauda que se espalha
Soberba atraz de ti
E' como que a mortalha
Do meu passado. Ali —
— Vê lá quanta doidice! —
Tu sem saber arrastas
Mil phantasias castas
De minha meninice...

ROSA

Rosa colhia sósinha
Lindas rosas no jardim
E nas faces também tinha
Duas rosas de carmim.

Ceguei-me e disse-lhe Rosa,
Qual d'essas rosas me dás?
As da face primorosa
Ou essas que unindo estás?...

Ella fitou-me sorrindo,
Inda mais enrubeceu ;
Depois, ligeira fugindo,
De longe me respondeu :

« Não dou-te as rosas das faces
Nem as que tenho na mão :
Daria... si me estimasses,
As rosas do coração. »

A UMA ARTISTA

Seu passo deixa a scena embalsamada,
Como um frasco de aromas sacudido;
E' musica animada
Um meneio qualquer de seu vestido.

•

Das linhas de seu rosto, ora seraphico,
Ora cheio das sombras da ameaça,
Formára um sabio o mappa geographico
Dos paizes da graça.

Seus olhos petulantes,
Ninhos negros de celicos arcanos,
Tem o aprumo vivaz dos estudantes,
Junto á nobre altivez dos soberanos.

Ha nelles um ancian de vozes tremulas...
 Um abysmo de sóes, em cujas bordas
 Brincam auroras emulas
 Das que no espaço o astro-rei produz...
 No fundo, harpas habitam
 De que raios lunares são as cordas...
 * E espargem sobre nós quando nos fitam,
 Um chuveiro de petalas de luz.

 Seu riso cyrstalino,
 Cortado de relampagoŝ ironicos,
 Nos afoga o scismar, — nervoso e fino,
 Na voragem dos bárathros harmonicos.

Palpita em sua voz tanta cadencia,
 Tamanha seducção, encantos taes,
 Que não sei si de Cicerò a eloquencia
 Arrebatara mais.

 Emfim, não se descreve
 Com dois traços banaes, essa beldade ;
 Não ha quem não se enleve
 Perante a sua excelsa magestade.

Encantador dilemma a quem a avista
 Impõe-se logo, faça o que fizer :
 — Ou, enlevado, rende preito á artista;
 Ou se curva á belleza da mulher.

Por isso ha resplendores
No palco em que ella pisa. E tentações
Sente o povo de aos pés, em vez de flores,
Atirar-lhe *bouquets* de corações.

MINHA FILHA

I

Quando, ó filha, a face mansa
Vens poisar no rosto meu,
Não sei bem si mais creança
Serás tu, ou serei eu.

Sinto á plena meninice
Regressar meu coração :
— Julgar-me-ia, quem o visse, *
Não teu pai, mas teu irmão.

II

Ha palavras, nas legendas,
Que, em apenas murmuradas,
Abrem portas encantadas
De opulencias estupendas.

Com talvez maior magia,
Me desvendam paraizos,
Debeis sons, máis que indecisos,
Que o teu labio balbucia.

III

De taes vozes se fizera
Symphonia angelical...
— Que orador em mim pudéra
Produzir effeito igual?

Nenhum ha que te pretira
Nos torneios do dizer,
Si eloquencia tem por mira
Deleitar e convencer.

IV

No dilúvio de amarguras
Da existencia, sobrenada
No teu berço, arca sagrada,
Minha fé nas coisas puras.

E dos olhos teus ao lume
De tristeza o mar immenso
Se me esvae, como n'um lenço,
Tenue gotta de perfume.

V

N'um só beijo (um só!) te abranjo
Toda inteira a mão sem par,
Quando a quero, meigo archanjo,
De caricias enluvar.

Mas, expliquem-me este arcano :
— Sobre mim tão debil mão
Póde mais que a de um tyranno,
Tem mais força que Sansão.

VI

Todo o tempo que hei transposto
Sem te ver, pomba adorada,
Foi-me escura e infinda estrada,
Sob um céu de torvo rosto.

Teu olhar, ninho de afagos,
Para o bem hoje me léva,
Meu pharol em mar de treva,
Minha estrella dos reis magos.

VII

Teu condão tudo avassala :
Nuvem, ave, aroma, flôr,
Nada... nada... nada... eguala
Nem de longe o teu primor.

E, comquanto riso inspire,
Dií-o-hei... Que sobre mim
A primeira pedra atíre
Quem fôr pai, não sendo assim.

NO TEMPLO

Hontem a vi na missa. De tão bella,
Reverberando mysticos clarões,
Não á imagem do altar, porém a. ella
Deveriam se erguer as orações.

Por mais que em rezas levantar quizesse
A captivada mente, eu não rezava ;
Como alçar a minha'alma n'uma prece
Si aos olhos d'ella vinculada estava?!...

Nas angelicas linhas do seu vulto,
Nos mysterios da luz do seu olhar,
Eu contemplava minha fé, meu culto,
Minha crença, meu céo e meu altar.

Ao sacerdote alheio, sem respeito
Das campainhas á pancada pia,
Varias vezes a mão levei ao peito,
Sentindo o coração como batia.

Talvez meu proceder culpado seja
Da devoção perante a' estricta lei;
Mas si archanjos adoram-se na igreja,
Hontem, durante a missa, eu não pequei.

TERCEIRA PARTE

VERSÕES

NOCTURNO

(H. HEINE)

I

Havia um velho rei. Encanecida
Tinha a cabeça e exausto o coração...
E uma linda mulher, cheia de vida,
Eis que espósa o ancião.

Havia um bello pagem louro. Tinha
Leve a cabeça e o coração também...
E aos soberbos vestidos da rainha
Elle a cauda sustem.

II

III

E havia um tredo algoz... (Porém o enredo
Sabeis da historia)... O régio, executor
Rainha e pagem, trucidou-os cedo,
Por delicto de amôr.

CONCETTI

(MARINO)

I

Teus olhos trajam de luto...
Morreu-lhes acaso alguém?
Ou pagam assim tributo
A's penas que dado têm?!

II

Sou caçador, mas pretendo,
Antes de á caça partir,
Ver si em teus olhos aprendo
A arte de bem ferir.

MORTO VIVO

(A. DUMAS)

Mais pavoroso fado
Não sonha a phantasia :
Por morto ser tomado
Alguem que inda vivia ;

Sentindo-se gelado
Do susto na agonia,
No féretro p̄regado
Baixar á terra fria !

Mas oh ! inda é mais triste
(Porém eu sou altivo,
Não peço compaixão !) :

Sentir que o corpo existe,
Mas é sepulcro vivo
De um morto coração.

DOR INCOGNITA

(H. HEINE)

Si do vergel as flores
Pudessem ver meu coração ferido,
•Seguramente ao pobre desvalido
Trariam logo um balsamo de olores.

Si as aves da floresta
Suspeitassem-me a intima agonia,
Buscariam com hymnos de alegria
Afugentar-me esta afflicção funesta.

E os astros lá da altura,
Para as trevas bannir do meu tormento,

Desceriam talvez do firmamento
Se vislumbraassem minha mente escura.

Muda, porem, consome
A dôr meu ser, que os transes não revela;
Conhece-os ella só, mas, oh! foi ella
Quem essa dor causou-me!

NUMERO DO INTERMEZZO

(H. HEINE)

Tens nas faces côr de rosa
O viço e as galas do estio,
Mas teu coração, formosa,
Como o inverno é triste e frio.

Em breves dias fugaces
As scenas se mudarão :
Terás o inverno nas faces,
O estio no coração.

IDIOMA DE ESTRELLAS

(H. HEINE)

Milhares de annos ha — que nas alturas
Isoladas estrellas resplandecem
E, de assim contemplarem-se, padecem
De estranho amor, talvez, as desventuras.

Mas falam entre si... Quanta mensagem
Soberba de mysterio e de harmonia !...
Nunca os sabios puderam, todavia,
Decifrar-lhes a lucida linguagem.

Esse idioma, porem, minh'alma entende-o,
Aprendi-o, sorindo, n'um instante
Servio-me de grammatica e compendio
Teu rosto, ó minh'amante!

AMOR DESCOBERTO

(CANÇÃO GREGA)

Quando, oh donzella, nos beijamos,
Era de noite... Quem nos viu?
Quem o segredo que occultamos
Nos descobriu?!

Viu-nos a noite, e a aurora, e a estrella,
E a lua... A estrella se abaixou
E ao mar, que ruga e freme ao vel-a,
Tudo contou.

O mar narrou o caso inteiro
Ao remo... E o remo que é que fez?

Tudo narrou ao marinheiro,
Por sua vez.

E tudo á porta da formosa
Que lhe prendera o coração,
Do marinheiro a voz queixosa
Cantou então.

A NATIVIDADE DE JESUS

MYSTERIO EM QUATRO ACTOS

Versão livre do allemão.

PERSONAGENS

MARIA, JOSÉ, O MENINO JESUS, ISACHAR, DAM,
RUBEN, BENJAMIN, GASPAS, MELCHIOR,
BALTHAZAR, HERODES, UM ANJO.

ACTO PRIMEIRO

Campo nos arredores de Belem; noite de luar. Isachar,
Ruben, Benjamin. Mais tarde, um anjo.

SCENA PRIMEIRA

ISACHAR.

Irmãos, irmãos!... a redempção não tarda!
Num sonho, eu vi o Senhor Deus, sentado
Em seu throno, entre archanjos resplendentes,
E Elle a excelsa noticia transmittiu-me.

« Vai cumprir-se, me disse, nesta noite,
 A promessa que fiz no Paraizo.
 Meu filho descerá do céu á terra
 Para, a forma dos homens assumindo,
 Habitar entre vós, soffrer comvosco,
 Até vos dar, com sua morte, a Vida. »

BENJAMIN.

Ah! quem déra que emfim possamos vel-o!
 Tem custado bastante o Omnipotente
 Em nos mandar o Salvador celeste!
 Ha já quatro mil annos decorridos
 Após nossa expulsão do Paraizo.
 Ha, pois, quatro mil annos que esperamos
 Da promessa ali feita o cumprimento.

RUBEN.

Si mais que um sonho fôsse!... Suspiramos
 Ha tanto tempo pela vinda d'Elle,
 Sujeitos ao ludibrio dos romanos,
 Gemendo sob a colera do Altissimo!
 Senhor, Senhor, misericordia tende!
 Mandai-nos o Messias desejado,
 Para vencermos nossos inimigos!

BENJAMIN.

Chegou, no entanto, a hora. Vários factos,
 De accordo com os dizeres dos prophetas,
 Fazem crer que não tarda o nascimento
 Do Divino Messias promettido.

ISACHAR.

Ajoelhemo-nos, pois, e, fervorosos,
 Roguemos ao Senhor que as nossas preces
 Attenda enfim, — mandando o Soberano,
 O Eleito, o Redemptor do nosso povo
 Que espanque as densas trevas que nos cercam
 E, como um sol esplendoroso, brilhe.

BENJAMIN.

Irmãos, cantemos, nesta clara noite,
 O cantico saudoso que cantavam
 Nossos avós, o Salvador chamando.
(Caem de joelhos, cantando.)

Oh! vinde, vinde, Emmanuel,
 Livrar o povo de Israel!
 Mandai, mandai, mandai, Senhor,
 Nosso Divino Salvador.
(Invisível côro de anjos.)

Alegre fica, oh Israel,
 Breve terás teu Emmanuel.
 Ergue-te, povo do Senhor,
 Não tardará teu Salvador.
(Levantam-se os pastores, assustados.)

RUBEN.

Mas que é isto, Deus meu?! De paz sublime
 Encheu-me o doce canto. Não foi canto

De miseros mortaes. Foi cõro de anjos,
Indicando a chegada do Messias.

(Para Isachar, com enthusiasmo :)

Sim! teu sonho em verdade se converte!
Nasce o Messias! Salvação teremos.

SCENA SEGUNDA

(Apparece um anjo, cercado de luz celeste. Os pastores inclinam-se deslumbrados.)

BENJAMIN.

Oh! que fulgor! Não podem nossos olhos
Suster-lhe a chamma. Cegos, nos curvemos...

O ANJO.

Salve, homens bons ! Alegre nova eu trago :
Fui mandado por Deus que, compassivo,
Ao homem peccador, no Paraizo,
Prometteu salvação, pois é eterna
Do Eterno a caridade. Nesta noite,
A ineffavel promessa se executa.
Chegou a Redempção. Fez-se o milagre,
Nasceu o Redemptor.

(Grande alegria entre os pastores.)

ISACHAR, *commovido.*

Mais bellas novas,
Mensageiro do ceu, formoso archanjo,
 Não poderias dar!

(Olhando para o firmamento.)

Oh! Deus supremo,
 Graças a vós que ouvistes, finalmente,
 O clamor destas almas torturadas!
 Do pó meu povo vai se erguer agora,
 Despedaçando as sordidas cadeias,
Expulsando do reino os vis estranhos,
 Pois veio o grande Rei que elle aguardava
 E esse Rei lhe dará soberbas forças
 Para se impôr ao universo inteiro.

(Voltando-se para o anjo.)

Mas, dizei-nos, bom anjo, onde acharemos
 O sagrado menino? Sem demora,
 Desejamos correr para adoral-o.

O ANJO.

Ide a Belem. E' perto. Lá repousa
 Do Eterno o Eterno Filho, humildemente,
 Oh! mysterio da altura! — em rude gruta!
Aquelle que tirou do nada os mundos,
 Que deu o ser á terra e ao firmamento,
 Que reina sobre tudo quanto existe,

Lá jaz deitado, envolto em pobres pannos,
Fragil, pequeno, imbélle, num presepe!

(Aparecem muitas anjos, cantando.)

Gloria a Deus nas alturas, e, na terra,
Paz aos homens que têm vontade bôa!

(Melodia do Oratorio — Natal — de Müller.)

SCENA TERCEIRA

BENJAMIN.

Irmãos, chegou da salvação o dia!
O proprio Deus baixou da sua gloria
E, para nos remir, homem tornou-se.

ISACHAR.

Vamos, vamos... Corramos pressurosos,
Para ao pé do gentil recém-nascido,
Que luz fará na sombra em que vivemos,
Que é sol que bannirá o noso frio,
Que é fogo que arderá em nosso peito
Todo inflammado pelo amor divino.

RUBEN.

Mas a rebanho fica sem pastores?

BENJAMIN.

Deus que dá o seu filho estremecido
Para o mundo remir de seus peccados

E nos livrar do ignobil captiveiro,
De certo guardará nossas ovelhas.

ISACHAR.

O mais lindo cordeiro do rebanho
Levemos ao menino. E' pobre a offerta,
Mas immenso o carinho com que é feita.

DAM, *joven partorzinho.*

Sim, caro pai, para Belem corramos!
Quero ver o assombroso pequenino,
E a minha capa dar-lhe, pois na gruta
Deitado está, conforme o archanjo disse,
E a noite vai tão fria!... Vamos... vamos...

UM DOS PASTORES.

Corramos, sim, para Belem
A procurar o Summo Bem,
O Redemptor Divino ;
Vamos levar-lhe nosso amor...
Honra sem fim, gloria, louvor
Ao celeste menino.

*(Canto dos pastores do Oratorio — Natal —
de Müller.)*

OUTRO PASTOR.

Corramos a Belem ver o que se pasou
Ver o que o Senhor Deus ali nos preparou.

OS VELHOS PASTORES.

Vamos, vamos...
Sim, a Belem corramos!

ACTO SEGUNDO

SCENA PRIMEIRA

MARIA.

Eis-te deitado em misero presepe
Oh Deus, senhor de tudo, e aqui tão pobre,
Oh Deus tão grande e forte, e aqui tão fraco!
Não te posso envolver em ricas faxas;
Com velhos pannos deves contentar-te.
Não posso reclinar-te em lisa cama ;
De almofada te sirva a palha dura.
Em vez de confortavel aposento
Que do rigor do tempo te abrigasse,
Rude gruta aqui tens... Tu, soberano
Do mundo inteiro, soffres taes vexames
Por nossas culpas... Como tanto affecto
Poderemos pagar-te?!

JOSÉ.

Deus permitta

Que o mundo saiba quanto lhe concede

De Deus a inesgotavel caridade!

*(Invisivel côro de anjos canta, segundo a melodia
do Oratorio — Natal — de Müller.)*

Noite feliz! noite feliz!

O Senhor Deus bondoso quiz

Pobrezinho nascer em Belem...

Eis na gruta Jesus, nosso bem!

Repousa em paz, dorme Jesus!

Noite feliz! noite feliz!

Do Senhor Deus de amor e luz

E' tão grande o immortal coração,

Que Elle quiz se fazer nosso irmão,

Só para nos salvar!

Noite feliz! noite feliz

Já pelo espaço eis a cantar,

Cheios de amor,

Aos pastores os anjos dos céus,

Annunciando a chegada de Deus,

Do Salvador!

JOSÉ.

O cantico dos anjos comprehende :

Communicar-nos querem a chegada

De bons pastores que adorar desejam

O celeste menino... Escuta... escuta...

Vão entrar já...

(Entram os pastores.)

SCENA SEGUNDA

BENJAMIN.

São elles, com certeza.

Salve, Senhor ; meiga Senhora, salve!

(Caem todos de joelhos.)

UM DOS PASTORES.

Sagrado menino,
 Senhor dos senhores,
 Os pobres pastores
 Vos tecem um hymno.
 Por vós tem fervores
 De culto divino,
 Senhor dos senhores,
 Sagredo menino.

ISACHAR.

De Deus o filho amado
 Do throno quiz descer
 E, Verbo humanizado,
 Veiu hoje aqui nascer.

Louvemos a ternura,
Louvemos tanto amor
Que á sua creatura
Revela o Creador.

Oh! adorado menino,
Do céu melindrosa flôr,
Como estais tão pequenino
Sendo tão grande, oh Senhor!

RUBEN.

De duro captivo
Os homens vem livrar,
O reino sobranceiro
Das culpas dominar.
Ao mundo vem dar paz,
Aos pobres a riqueza,
Aos cegos lume traz
Que os faça caminhar
Para a eternal belleza,
Sem desviar.

Oh! meu menino adorado
Do céu melindrosa flôr,
Meu coração seja atado
Com laços do vosso amor.

BENJAMIN.

Só um amor extremo
Podia isto fazer :

Até nós o Ser Supremo
 Se abater:
 Cheguemos, sem temor ;
 Que um Deus feito menino
 Nos dá, certo, o penhor
 De que no mesmo céu,
 Donde Jesus desceu,
 Nos ponha o amor divino.

Meu menino sacrosanto
 Meu Deus e meu Salvador,
 Eu te offereço o meu pranto
 Do frio contra o rigor.

DAM, o pequeno pastor, com o cordeirinho,

Eu te trago um cordeirinho
 Manso e fino.
 Sou um pobre pastorzinho
 Pequenino;
 Mas te falo com carinho,
 Pois também
 Tu és ainda menino
 E, certo, do cordeirinho
 Gostas bem.
 Pareces meu companheiro,
 Mas és de Deus o Cordeiro
 Que abrirá
 Aos homens os céus fechados
 Por causa de seus peccados.
 Homem e Deus verdadeiro,

Oh! luz do nosso caminho,
 Toma lá
 Este manso cordeirinho
 Que o pastorzinho
 Te dá.

*(Os pastores ajoelham-se outra vez, inclinam-se
 e saem, enquanto o côro canta .)*

O bom Jesus saudemos,
 Louvores lhe devemos,
 Seu nome bendigamos
 E graça lhe rendamos,
 Oh! doce Jesus!

Vinde! O menino amemos,
 Os corações lhe dêmos.
 Humildes, prosternados,
 Cantemos enlevados :
 Oh! doce Jesus!

Louvemos o menino
 Tão grande e pequeniño ;
 Cada vez mais, o amemos,
 A benção lhe imploremos,
 Oh! doce Jesus!

SCENA TERCEIRA

JOSÉ.

Já vòa pela terra a alegre nova ;
Já sabem todos ter chegado ao mundo
A salvação que o Senhor Deus lhe envia.
O effeito de tal nova aquilatal-o
Nos pastores pudemos, pois saúdaram
Do povo o Redemptor no doce infante.
Venham os homens todos conhecel-o!
Neste humilde presepe jaz o Eterno,
Jaz Deus, o Forte, o Justo, o Omnipotente,
Que desceu das alturas sublimadas
Para salvar o que perdido estava !

ACTO TERCEIRO

No palacio do rei Herodes.

SCENA PRIMEIRA

HERODES.

Eis, emfim, alcançado o que meu peito
Fremente, ha longo tempo, ambicionava :

E' meu, é meu o throno deste povo
Que eleito do Senhor se diz... Embora
Vacille um tanto ainda o meu imperio,
Por força hei de firmal-o, em breve prazo.
Para ganhar o coração das gentes,
De nova pompa enfeitarei o templo
E obrigarei a turba a venerar-me!
Só de uma coisa resta-me o receio
E' que, segundo uma vetusta lenda,
Esperam os judeus constantemente
Um Messias que deve libertal-os
Das cadeias de Roma... Mas que importa?!
Appareça o Messias! Não lhe cedo
O throno conquistado. Forças tenho ;
Havemos de lutar. Conto vencel-o,
Comquanto a plébe contra mim revólte,
Pois do Cesar augusto dos romanos
O invencivel apoio me sustenta.

(Entra um criado.)

SCENA SEGUNDA

O CRIADO.

Reina, senhor, espanto na cidade.
Chegaram lá da extrema do Oriente
Tres poderosos magos, escoltados
De innumerável turba de vassallos
E guardas que os defendam no caminho.

HERODES.

Conduze-m'os aqui, para que digam
 O que desejam. Traze-os, sem demóra.
(Sae o criado.)

SCENA TERCEIRA

HERODES.

Que será?! Porventura elles pretendem
 Celebrar contra Roma uma alliança;
 Ou vêm apenas me offertar presentes,
 No intuito de ganhar-me a sympathia
 Que as ajude a lutar contra inimigos?!
(Entram os tres reis.)

SCENA QUARTA

GASPAR.

Somos tres reis. Partimos do Oriente,
 Seguindo o rumo que uma estrella clara,
 Quál jamais se avistou nos indicava.
 Nossos pais nos haviam ensinado
 Que um dia um astro novo incomparavel
 Na terra dos judeus despontaria.
 Vendo a estrella, pensamos eis cumprido

De nossos velhos país o vaticinio.
 E seguimos a estrella que, fulgindo,
 Foi nos guiando sempre, lá do espaço,
 Pelas longinquas terras percorridas.
 Mas, ao entrar nesta real cidade,
 Sumiu-se, de repente, aos nossos olhos,
 Signal de que não é por estes sitios
 A morada do rei recém-nascido.

HERODES, *aterrado.*

Não sei quem seja o rei de que se trata.
 Deste reino o senhor sou eu ainda.

(Recobra o animo. Pausa.)

Recebereis talvez melhor resposta
 Dos sacerdotes; pois, si não me illudo,
 Fala a Escripura do tal rei vindouro.
 Esperai-me um momento, emquanto indago
 Onde e quando nasceu, si é que é nascido.
(Sae, regressando ao cabo de alguns instantes.)

Enganai-vos. Aqui, nesta cidade,
 Jerusalem, da minha côrte a séde,
 Não achareis o rei que andais buscando.
 Ouvi, porem, o que um Propheta disse,
 Ha longos annos « De Judá na terra,
 Tu, Belem, não serás entre as primeiras
 A menor, pois de ti virá o Chefe
 Que ha de reger o povo israelita,

E durará seu reino eternamente. »

(*Saudando os magos.*)

Portanto, ide a Belem. Pelo menino
Perguntai, com afinco. E, quando o achardes,
Dizei-m'o, que tambem estes meus joelhos
Perante o novo rei quero dobral-os.

MELCHIOR.

Mil graças te rendemos... Sim, depressa,
Si acharmos o menino, avisaremos.

(*Saem os reis magos.*)

SCENA QUARTA

HERODES.

Presagô'o coração não me mentia!
Inseguro meu throno eu suspeitava
E lá vem novo rei que uma revolta
Suscitará, de certo, entre a gentalha,
Empregando freneticos esforços
Para arrancar-me o sceptro! Mas não fujo!
Tremam do mundo os intimos recessos!
Havemos de lutar desesperados!
Herodes, rei, por graça do sublime
Cesar Augusto, imperador romano,
Não cederá o passo a um vil menino.
O throno é meu! E' meu... Ninguem me affronte!

Sinão, que a terra inteira se ensanguente :
Martyrios... ferro... fogo... morte... morte!...

ACTO QUARTO

Na gruta de Belem. Os tres reis entram e caem de joelhos.

SCENA UNICA

GASPAR.

Eis-nos, emfim, chegados! Encontramos,
Depois de longa e rispida viagem,
O celeste menino procurado.
Ha muitissimo tempo caminhamos.
Montes, vales, campinas, percorrémos ;
Na capital buscamol-o de balde.
Como saber alguém que elle se achava
Da terra de Judá neste recanto?!
Mas um signal nos dirigia os passos :
Mal de Jerusalem fômos sahindo,
Tornou a nos luzir a linda estrella
Que até Belem nos conduziu, parando
Aqui, em cima desta gruta. Logo,

O menino que jaz neste presepe
E' o rei celeste que adorar queremos.

MELCHIOR.

Sáudo-te, criança encantadora!
Embora em rude gruta e humilde berço,
Impropios de um monarcha, reconheço
A tua incomparavel magestade,
Oh! Principe sem par, nos teus olhares
Onde dos céus o lume se reflecte.
Não é da terra tão formoso rosto.
Sentem-se, em torno a ti, benções divinas
— Pequeno soberano, a minha offerta
Digna-te de aceitar. Ouro te trago,
Ouro que aos reis se dá, que te é devido
Pois és o rei dos reis do mundo inteiro!

GASPAR.

Incenso eu dou. Da terra aos altos ares
Sóbem do incenso as perfumadas nuvens.
Por isso, os homens só a Deus costumam
Incenso offerecer. E, neste instante,
O coração convicto me assegura
Que um rei não és igual aos reis do mundo,
Um rei mortal, e, sim, um rei divino,
Do Eterno o Eterno Filho. E, pois, incenso
Mereces, como Deus, Incenso eu trago.

BALTHAZAR.

Myrrha offereço. Myrrha symbolisa

Que muita dôr padecerás na terra,
Padecerás o que ninguém ainda
Sonhou que padecer se poderia.
Dura paixão terás na vida inteira
E, para redimir a culpa humana,
Tu, innocente, tu, immaculado,
Has de morrer da mais horrivel morte.

CÔRO (*Melodia do Oratorio de Müller*).

Oh! salve infante tão gentil
Oh! salve, salve eterna luz!
A ti rendemos graças mil,
Oh salve, salve, bom Jesus!

Já desde o berço, oh Redemptor,
Teu meigo rosto em nós produz
Immensa fé, immenso amor,
Oh! salve, salve, bom Jesus!

Por ti, nosso coração
Palpita de gratidão,
Pois te fizeste nosso irmão,
Pois te fizeste nosso irmão!

TREVAS

(H. HEINE)

Quando menina medrosa
Vê-se de sombras em meio,
Canta com voz sonora
Para enganar seu receio.

Brilhou-me no céu da vida
Luz de esperanças, outr'ora ;
Mas foi, em breve, expellida,
Na escuridão vivo agora.

Por isso, igual á menina
Que garganteia na treva,
Minh'alma threnos eleva
Carmes de gloria e de amor...

Mas as canções que imagina
Coitadas! servem apenas
Para illudir minhas penas
E acalentar minha dôr.

INFINITO AMOR

(H. HEINE)

Das perolas o mar tem a riqueza,
Possue o céo dos astros o esplendor,
Mas sobreleva-os a minh'alma, presa
De um infinito amor.

O mar é vasto, o firmamento infindo ;
Mas curva-os ao seu sceptro encantador,
Mais que as estrellas e os aljofres lindo,
Esse infinito amor.

E esse infinito amor, amplo e profundo,
E' só teu, minha flor ;
Oh! não zombes de mim, porque confundo
O firmamento e o mar com esse amor!

A ESPOSA

(CATULLE MENDÉS)

Ahod era pastor.

Um dia de verão,

Sua esposa, depondo o cantaro, no chão,

A' sombra, adormeceu e teve de repente

Um sonho que foi 'este, assim :

— Primeiramente,

Pareceu-lhe acordar do seu marido á voz

Que dizia « Mulher, levanta-te veloz...

— Ha um anno, de Segôr vendi aos mercatores

Cem ovelhas das quaes inda são devedores...

Mas a distancia é grande, e velho estou. Alguem

Precisa ir a Segor em meu logar. Mas quem?!...

Diligente e fiel é raro um mensageiro

Vai tu e cobra lá depressa o meu dinehiro. »

Ella não objectou o deserto, o temor,

Os bandidos... « Mandais?... escrava eu sou, senhor... »
 E quando « E' por alli » elle disse, apontando,
 O seu manto de lan tomou e foi andando.
 O caminho era atroz, tão aspero de andar
 Que poz-lhe em sangue os pés e em lagrimas o olhar.
 Andou por todo o dia... A' noite, andava ainda,
 Sem já ouvir nem vêr na immensa estrada infinda,
 Quando subito um vulto elastico saltou
 Da sombra em cima d'ella : a bocca lhe tapou,
 Brutalmente arrancou-lhe o manto, e, satisfeito,
 Evadio-se, um punhal cravando-lhe no peito...

N'isto, do sobresalto ás vibrações febris,
 Desperta...

Estava ao lado o esposo que lhe diz :
 « Ha um anno de Segor vendi aos mercadores
 Cem ovelhas das quaes inda são devedores...
 Mas a distancia é grande, e velho estou. Alguem
 Precisa ir a Segor em meu logar. Mas quem?!
 Diligente e fiel é raro um mensageiro :
 Vai tu e cobra lá depressa o meu dinheiro. »

A mulher respondeu :

« Ordenais? Prompta estou
 A obedecer-vos já, meu senhor. »

E chamou

Os filhos. Do maior sobre a cabeça ativa
 Poz um instante as mãos. Beijou a frente esquiva
 Do mais moço que, ao vel-a, os bracinhos abriu,
 No seu manto de lan envolveu-se...

E partiu.

O CIUME

(H. HEINE)

Nos teus olhos azues brilha, profusa,
Das saphiras a côr...
Oh! tres vezes feliz quem lhes produza
Scintillações de amor.

Teu coração angelico diffunde
Do diãmante o fulgor...
Oh! tres vezes feliz quem o circumde
D'um engaste de amor.

São teus labios rubis — uma obra prima
De mimo e de frescor...

Oh! tres vezes feliz quem os comprima
N'um escriptorio de amor.

Sim! tres vezes feliz... Mas oh! — inferno!
Si eu a sós o encontrar inerte, — então
Ai delle!... o seu amor, julgado eterno,
Não terá duração...

A VIDA

(FRANÇOIS COPPÉE)

Tremes, a cogitar : E' preciso morrer! —
Só a morte, entretanto, é clemente e dá paz ;
Cada dia nos gasta e afflicções novas traz
Deves tremer, pensando : — E' preciso viver! »

LEGENDA ORIENTAL

« Oh! por quem és, consente-me, Senhor,
Que, a humana forma retomando, eu veja
Por um segundo ainda, um só que seja! —
Essa que a morte me causou de amor... »

Era de um bardo o espirito que, enfim,
Tendo expirado aos moldes da materia,
Deus avistara, na mansão etherea,
E, saudoso da terra, orava assim.

È o Senhor respondeu : « Pois bem! Irás,
Conforme imploras, novamente ao mundo
Para revel-a, apenas um segundo,
Essa que até no céu te impede a paz.

Mas incorre em tremenda punição
Quem, pela terra vil, deserta o empyrio :
Por isso, cem mil annos de martyrio
Custará teu segundo de illusão... »

E elle, — ao preço carissimo, a mercê
Comprando, — parte, e, no outorgado instante,
Nos braços de um rival a sua amante
(Por quem morrera!) venturosa vê!...

Volvendo ao céu, o misero : « Eis-me aqui! »
Brada constricto, — « cumpra-se a promessa :
Os cem mil annos de afflicção, depressa
Inicia-os, Senhor, que os mereci... »

Mas Deus exclama : « Basta de soffrer ;
A pena já curtiste acerba e dura,
Pois mais que cem mil annos de tortura
Punge uma ingratição de amado ser... »

O CORAÇÃO HUMANO

(T. GAUTIER)

O humano coração de olvido é cheio. E' qual
Uma agua que se agita e não guarda signal.
A herva menos depressa entre os sepulcros cresce
Que n'alma um novo amor. A lagrima que desce
Não precisa seccar, para que o riso assome
Do coração no livro inscrevendo outro nome.

QUARTA PARTE

SONETOS

NO BAILE

Hontem, ao contemplal-a decotada,
Ao primor do seu collo descoberto,
Senti-me tonto, da vertigem perto,
Fremente o pulso, a vista deslumbrada.

E, como em lactea fonte perfumada,
Sorvi-lhe sonhos mil no seio aberto,
Com a sêde de um filho do deserto
Que encontre enfim a lympha suspirada.

Gyram em derredor das niveas flôres,
Soffregamente, insectos zumbidores...
*— Meus desejos então fôram assim...

Mas arredei os olhos, de repente,
Pois meu olhar podia, de tão quente,
Crestar-lhe a fina cutis de setim!

FELIX CULPA

Penso em ti... penso em ti... Posto o não queira,
De ti não se me vai o pensamento ;
E sinto que o pensar deste momento
Sempre o mesmo será, na vida inteira.

Pensar, sem pausa, em ti, desta maneira,
Sem de esperança alguma ter alento,
E' remorso, é saudade, é sofrimento,
E' castigo, é loucura verdadeira.

Sim! Do meu crime a pena ora padeço!
Que é pena em ti pensar, quando contigo
Leve instante passar não mais mereço.

Mas, oh! crime de amor e seu castigo,
Sois de existencia minha o encanto e o preço,
Quanto mais me affligis, mais vos bendigo!

TEDIUM VITÆ

Esta aversão a toda actividade;
Esta fadiga, sem ter feito nada ;
Esta melancolia desbotada ;
Esta imprecisa e estúpida anciedade ;

Este sentir que tudo desagrada,
Que tudo é vão na humana sociedade ;
Este julgar uma inutilidade
Qualquer esforço e o mundo uma cilada;

Este aborrecimento, este fastio,
Este constante espirito sombrio,
Este soffrer sem dôr e sem remedio :

E's tu, enfermidade indefinida,
Que, num supplicio transformando a vida,
Nem siquer dás a morte, horrivel tedio!

SENHORITA

Ella, ás vezes, nas rendas da mantilha,
Com a esbelteza audaz de uma hespanhola,
A trança negra, onde aureo pente brilha,
E o busto altivo donairoza enrola;

E provocante, languida, casquilha,
Desferindo fragancias de corolla,
Captiva muito orgulho, que se humilha
Pedindo amor, como quem pede esmola!

Então, os seus olhares atrevidos,
Não sei porque, recordam dois bandidos,
Armados de punhaes longos e finos,

Que entre as moitas floridas de alva estrada,
Traíçoeiramente, ficam de emboscada
Para assaltar incautos peregrinos!

PORTO CELESTE

Andei em longas excursões distantes :
Vi palacios, sacraríos, monumentos,
Fócos da industria, artisticos portentos,
Praças soberbas, capitaes gigantes.

Mas lia, em toda a parte, nos semblantes,
Dôres... lutas... identicos tormentos...
— Onde a patria dos risos?!... Desalentos
Colhi apenas, mais crueis que d'antes.

Achei, emfim, n'um pequenino porto,
Crenças, consolações, calma, conforto,
Tudo o que anima, enleva e maravilha :

Ninho de encantos que a innocencia habita,
Promontorio do céo, plaga bemdita,
E' junto ao berço teu, ó minha filha.

13 DE MAIO DE 1888

(A. S. A. I. REGENTE)

Princeza, em vossa mão de aristocrata,
Mão de criança, melindrosa e fina,
Estúa a intrepidez adamantina
Que dos heróes a fabula relata.

Bem dita mão! Angelica, arrebatada
A infancia escrava ás garras da rapina,
E a luminosa lei que ella hoje assigna
Raça inteira de miseros resgata.

Ante iminentes pavorosas crises,
Na redemptora mão dos infelizes
Não sei si o sceptro ficará, ou não :

Mas da historia no intermino cortejo,
Das gerações o reverente beijo
Sempre tereis, Princeza, n'essa mão!

QUE IMPORTA?!

Para exprimir-te a graça extraordinaria,
Mistér seria que formassem liga
A palheta, o cinzel e a forma varia
Que ao sentimento a melodia instiga.

Desabrochasses, flôr, na Grecia antiga,
Resplendesses na Roma legendaria,
Tornára-te immortal a estatuaria,
Venus, de zelos, fôra-te inimiga.

E's um modelo esthetico! Que importa
Nada te mova a consciencia morta,
Ferva-te n'alma um pelago de insidias?!

De inspirações em ti que larga mésse!
— Talvez de alguém o teu amor fizesse
Um grande artista, — um Raphael, um Phidias...

SORRISO TRISTE

Sorriu... Mas seu sorriso
Foi antes um anseio
De magua, ou de receio
Relampago indeciso.

Que desconforto, leio,
Quanta afflicção diviso
N'esse mentido aviso
De amargurado seio!

Foi lagrima sentida,
Rolada dos abrolhos
De occulto padecer,

Que, rapida, contida,
Chegar não poude aos olhos,
Nos labios foi morrer!

A SUA MÃO

Na encantadora mão de minha amada,
Vê-se das obras primas o segredo:
O artistico poder de alguma fada
Pôz-lhe um mimo na palma e em cada dedo.

Perante a transparencia delicada
De a contundir com beijos têm-se medo;
Deve lhe ser occupação sagrada
Cuidar de flôres, — fraternal folguedo.

Salve! futuro meu, — montanha immensa
De sonhos, ambições, amôr e crença,
Que o sol da gloria esperançoso banha!

Salve! Nada os teus pincaros domina...
Aquella mão, porém, pallida e fina,
Torna em pó n'um minuto essa montanha!

ANJO ENFERMO

Geme no berço, enferma, a creancinha,
Que não fala, não anda e já padece...
Penas assim crueis porque as merece
Quem mal entrando na existencia vinha?

O' melindroso ser, ó filha minha,
Si os céos me ouvissem a paterna prece,
E a mim o teu soffrer passar pudesse,
Gôso me fôra a dôr que te espesinha.

Como te aperta a angustia o fragil peito!
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,
Deus que é bom, Deus que é pai, Deus que é perfeito.

Sim... é pai, mas a crença nol'-o ensina :
Si vio morrer Jesus, quando homem feito,
Nunca teve uma filha pequenina !

A' MORTE

Si és simplesmente um somno que não cessa,
A paz, perfeita, o imperturbavel nada,
No seio teu acolhe-me depressa,
Morte, libertadora abençoada.

Mas si um novo existir em ti começa,
Degráu apenas de infinita escada,
Bem hajas sempre!... Encerras a promessa
De outra phase, de certo melhorada.

Seja o que fôr, tens a attração do abysmo
No teu egualitario despotismo
A lei das leis universaes eu vejo :

Esquecimento, solução, remedio,
Nas contorsões da duvida e do tedio,
Quantas vezes te chamo e te desejo!

PRIMEIRA COMMUNHÃO

I

Foi no dia da Assumpção da Virgem Maria e no antigo palacio imperial de Petropolis.

Sete horas e meia da manhan. Fresco, limpido o ambiente : — um azul muito claro, muito alto, muito meigo.

O palacio, dominando amplo^o parque, todo constellado de azaléas, tem um ar austero e risonho, ao mesmo tempo. Affluem carruagens senhoras, homens, crianças, trajos de gala, a physionomia jubilosa. Alguma coisa sympathica e attraente vai se passar.

Entra-se em largo vestibulo, com severos ador-

ãos ; sóbe-se magestosa escada, em meio de extensa galeria, na qual se aprumam, sustendo o tecto, soberbas columnas.

Chega-se a pequena, mas formosa, graciosissima capella.

E' quadrilatera, inteiramente branca, decorações de estuque no fôrro elevado. Por vastas janellas derrama-se a luz, penetram virações cheirosas, descortina-se, ao longe, risonha paizagem — caprichosas collinas transbordantes de vegetação. Notavel a capella pela singeleza elegante. Num unico altar uma unica imagem. Innumerous cirios ; e, por exclusivo enfeite, azaléas brancas, ramos de bambú.

A imagem não está em um nicho, porem afastada da parede. Dir-se-ia solta no ar. E' a Virgem de Sion, vestida de azul, as mãos cruzadas, calcando aos pés a serpente symbolica. Como é bonita a Virgem de Sion! Genuina obra prima, feita com devoção por grande artista. Nos traços, de incomparavel finura, radia belleza sóbrehumana. Illumina-lhe o semblante ineffavel sorriso. Que feições suavissimas, que tocante postura! E tudo leve, ethereo, immaterial... Acódem insensivelmente aos labios de quem a contempla os qualificativos da saudação : — clemente, piedosa, mãe de misericordia, vida, esperança, doçura!...

II

Nota-se, ao pé do altar, um espaço reservado com dezoito cadeiras vazias. Agglomera-se, em seguida, a turba variegada dos assistentes, anciosa, porem reverente e calada.

No fundo, em filas de bancos paralelos, as cento e muitas alumnas do collegio. Todas de branco, um véu branco sobre a cabeça e os hombros. Permanecem quasi immoveis, á espera. Entre a assistencia, gyram rapidas algumas *irmans*, professoras e empregadas no pensionato. Não falam ; deslisam como sombras, mettidas no habito escuro, o escapulario á cinta, uma especie de capuz orlado de branco emoldurando o rosto. Parecem contentes e ditosas. Destaca-se a superiora, pequena, olhos azues brilhantes, sorriso permanente, aspecto de autoridade sob os modos humildes, vendo tudo, providenciando ácerca de tudo, vivaz, expedita, incançavel.

Reina expectativa impaciente. Mas que respeito, que silencio, que recolhida emoção!...

De subito, ouvem-se vozes, ao longe, entoando um hymno religioso.

— « Ah! vêm ellas... » — murmura-se.

Cresce a emoção. Todos os olhares se cravam na entrada da capella. As vozes se approximam. Vozes debeis, mas afinadas, de um timbre terno e pene-

trante. Repassa o hymno uncção fevorosa. Sôam passos lentos, cada vez mais perto. São as novas commungantes... Vem cantando, em vagarosa procição, pela galeria do palacio, afim de receber, a vez primeira, o corpo e o sangue de Christo. Sóbem a escada, cantando sempre. Assomam vultos alvos á porta. Eil-as...

II

A' frente, o niveo estandarte de Sion, com a cerelea figura da Santa. Empunha-o uma menina, das grandes, inteiramente de branco. Pendem do estandarte fitas brancas, nas quaes seguram as mais pequeninas discipulas do collegio, vestidas de anjo. Agora as commungantes : duas a duas, comprida roupagem branca, larga facha branca á cintura, grinalda de rosas brancas na fronte, longo veu branco na cabeça e nas espadoas, branco cirio na mão. Aacam-se do altar sérias, graves, as feições espiritualizadas, palidas, frementes. Fazem uma reverencia á Virgem. Ajoelham. Começa a missa. Oh! nunca as praticas do culto tivéram tanta poesia, tanta significação tanta magestade! Ha effluvios divinos no espaço. As almas se embebem do celeste mysterio.

Rezam baixinho as commungantes, mas as companheiras, em distancia, cantam psalms, ao som do

orgão, de uma maneira velada, cheia de infinita melodia.

Choram muitos dos circumstantes. A santa do altar resplandece ; augmenta a bondade de seu sorriso, enquanto as vélas despedem clarões mais fortes, o perfume do incenso se mistura ao aroma sylvestre trazido pela aragem e a voz do sacerdote vai proferindo em surdina as frases do ritual. Com que reverência todos se inclinam quando elle abençoa !...

Já elevou pela segunda vez a hostia e o calix, já partiu o sagrado emblema.

— *Agnus Dei... Agnus Dei...* Cessaram os canticos e a musica. E' intenso o silencio, indizivel a commoção. Chegou-se ao momento supremo da solemnidade.

— *Dominus non sum dignus... Dominus non sum dignus...*

Ha um repique compassado de campainhas. Volta-se o sacerdote e profere breves e eloquentes palavras sobre a grandeza do acto que vai começar. Dois dos pequenos anjos desdobram diante do sacerdote alva toalha de rendas, conservando-a estendida, á guiza de mesa. Erguem-se duas a duas as commungantes, prosternam-se junto á toalha, recebem a sacrosanta particula e voltam para os seus lugares, — solemnes, hirtas, mais palidas ainda, as mãos postas, os olhos baixos, banhadas de mysticismo. O silencio é augusto. Como que se escutarã bater os corações. Tudo rapido, tudo simples, mas

produzindo impressão imperecível que abala suavemente o mais íntimo do ser.

IV

Terminou a série das primeiras commungantes. Foram dezoito.

Agora, toca a vez ás companheiras. O Collegio inteiro vai tambem commungar. Duas a duas igualmente, com identico fervor, na mesma attitude embevecida, desfilam cerca de duzentas donzellas, numa ordem perfeita. Passam, passam, extaticas todas, dando vaga e deliciosa sensação de vi-lactea, de uma coisa muito elevada, muito pura, muito branca.

Acabou-se?... Ainda não. Adiantam-se por seu turno as antigas discipulas do collegio, vindas de procedencias varias e longinquas, para tomar parte na festa. Moças feitas algumas, encantadoras senhoras, talvez já victimadas pelas decepções da existencia, trazem tambem o véu branco sobre os vestidos formosos.

Acabou-se?... Não... Restam os pais e os parentes das meninas, pessoas idosas, alumnas de outros collegios, num prestito interminavel. Grande multidão commungou, sem que por um instante arrefecesse ou se alterasse a nobreza pathetica do acto. Recomeçam, por fim, os hymnos, presentemente festivos.

Os accóordes do orgão tornam-se satisfeitos, vibrantes, triumphaes.

E a missa conclue, ouvida sempre com geral devoção, a que se juntou candida alegria.

V

Precipitam-se todos para as primeiras commungantes, abraçam-nas, festejam-nas, acclamam-nas. Parabens! Parabens! E ellas radiantes, felizes, trocam entre si piedosas lembranças, destinadas a perpetuar a data gloriosa.

Feliz na realidade, esse momento, minhas meninas. Não encontrareis outro assim, cem annos que vivais. Horas virão de prazer, de interessante novidade, — o casamento, o baptisado do primeiro filho, que sei eu ? — porém travadas de apprehensões e melancolia, complicadas; nenhuma singela, casta, branca, qual a que passastes ha pouco. A vossa ventura foi ahi completa, como só póde ser um momento no mundo, como nunca mais será.

Mas ha gotas imperceptiveis de perfume que bastam a embalsamar por longo prazo vasto recinto. Pois bem! Sejam quaes forem as vicissitudes do vosso destino, a recordação desse momento vos dará sempre um lampeio branco, vos encherá sempre, sempre, de regozijo e consolação.

ITHAMAR

POEMA TRAGICO EM UM ACTO

ITHAMAR

(Em Belem de Judá, pouco menos de dois annos depois do nascimento de Christo. Pequena sala de singela habitação. Uma janella, duas portas, — dando a primeira para os aposentos interiores, e a segunda, bem como a janella, para a rua. Muito simples a mobilia : uma mesa; uma esteira com almofadas por terra; escabellos; vasos de argila.

Martha, sentada numa das almofadas, tem o filhinho no collo e o embala docemente. Joven, mas os traços assignalados de lutas e desillusões. Denota seu ar intensa tristeza, a par de infinito amor ao filhinho. Percebendo que elle adormeceu, fica immovel, fitando-o com ineffavel

meiguice. Ouvem-se passos. Martha volta a cabeça, sorprendida. Abre-se a porta que deita para a rua. Entram Ozias e Manassés.)

OZIAS.

A paz do Senhor seja contigo, Martha.

MANASSÉS.

Martha, eu vos saúdo.

(Ella sorri, sem responder. Faz aos visitantes um gesto de silencio, mostrando o filhinho adormecido. Levanta-se, depois, com mil precauções, e, carregando a criança, como fragil fardo precioso, encaminha-se para o interior da casa. Do limiar da porta, recommenda, por meio de novos gestos, que a esperem e falem baixo, evitando barulho. Pausa. Ozias e Manassés abancam-se nos escabellos.)

OZIAS,

Pobre Martha! Desgraçada mãe! Afaga Ithamar, o filhinho adorado, toda embebida nelle, e não suspeita, nem póde suspeitar, a terrivel sorte que hoje mesmo vai ter esse filhinho! Que fazer, Manassés?

MANASSÉS.

Que fazer, Ozias? Tanto como vós, ou menos do que vós, sei eu o que fazer. Sei apenas que me sinto acabrunhado, como estais. Sei apenas que em tempo e lugar algum, nos fastos do mundo, nunca, jamais, se deparou aos descendentes de Adão conjunctura

difficil e angustiosa, qual esta em que óra nos achamos. Que fazer, Ozias?

OZIAS.

Infelizmente, não exagerais, Manassés. Situação horrorosa, em verdade, e mais horrorosa a da desditosa Martha. Como dizer áquella apaixonada mãe, tão extremosa para o seu mimoso menino : « Mulher, entrega esse menino ; entrega-o, sem demora, a fim de que elle morra ; entrega-o ao carrasco que o deve assassinar ! » E é essa a missão que viemos cumprir aqui. Minha velhice não se sentiu forte bastante para a desempenhar. Recorri á vossa mocidade. Ambos nós fomos amigos de Josias, o finado esposo de Martha. Ambos prezamos Martha. Eu a vi nascer ! Brincou-me nos joelhos ! E quão digna de nossa estima, quão meiga, quão sensível ! Senhor Deus, como a prevenir da proxima catastrophe, como lhe communicar que Ithamar, seu estremecido filhinho, a consolação exclusiva de sua viuvez, o encanto unico de sua vida, o seu universo, a sua razão de existir, vai ser trucidado, em poucas horas por implacavel algoz. Será possível ?

MANASSÉS.

Parece um pesadelo, mas é a tremenda realidade. Si a vossa velhice, cheia de experiencia, treme e vacilla, que fará a minha imperita juventude ? Sim, o rei Herodes mandou matar todas as crianças do nosso sexo, existentes em Belem, de menos de dois

annos de idade. As determinações de Herodes, — não o ignorais, — são inflexíveis e inappellaveis. Ithamar, o filho que Martha, a doce e carinhosa Martha, está acalentando lá dentro, veiu á terra não ha seis mezes. Acha-se condemnado. Forçosamente, hão de arrancar-o á mãe, e matar-o hoje mesmo.

OZIAS, *apertando a cabeça nas mãos.*

Senhor Deus! Senhor Deus!

MANASSÉS.

Cumpre que a prévinamos, procurando attenuar-lhe a rudeza do golpe. Do contrario, enlouquecerá ou morrerá tambem. Convidastes-me a cumprir comvosco esse doloroso dever. Aqui me vêdes, não calculais com que pena e com que dôr.

OZIAS.

As determinações do rei Herodes são inappellaveis, dissestes. Repugna-me crer que não reste meio de tentar commover o rei Herodes, de modo a conseguir delle a annullação da ordem sanguinaria. Não commoveu Esther o rei Assuéro, não destruiu as machinações de Aman, não alcançou a revogação do edicto que ordenava a matança de todos os hebreus?

MANASSÉS.

Commover o rei Herodes?! Em que terra e em que tempo viveis, Ozias?! Não conheceis, então, o nosso

rei, Herodes, o Grande?! O Grande!... Grande, sim, — grande o seu poder, grandes as suas crueldades, grandes os seus crimes. Esqueceis que mandou matar o summo Pontifice Hyrcano, principe dos hebreus, sem respeito ás cans e á alta dignidade do augusto ancião, seu antigo protector?! Esqueceis que mandou afogar no Jordão seu joven cunhado Aristobulo?! Esqueceis tantas outras de suas numerosas e illustres victimas, — os membros do Sanhedrim que se lhe mostravam desfavoraveis, seus dois proprios filhos, seu outro cunhado José, e, sobretudo, sua esposa Marianna, a mais bella mulher destes tempos, — Marianna, que elle amava loucamente, mas de quem concebeu injusta suspeita? Esqueceis tudo isso... Não existe Esther capaz de enternecer este Assuéro, uma vez que Marianna foi trucidada sem piedade. Não importa que Herodes tenha o auxilio dos romanos, seja amigo de Augusto, haja exterminado os bandidos da Galliléa, embellezando cidades, edificado palacios, theatros e circos, reconstruido o templo, no intuito de exceder o de Salomão, não importa que se manifestasse magnanimo durante a fome de Jerusalem, a ponto de mandar fundir as suas joias e baixellas para soccorrer as familias pobres. Ha inapagaveis nodoas de sangue em suas mãos. Gotteja sangue de sua historia. Não tem valor para elle a vida alheia. Sua carreira é um tecido de lutas e perseguições.

OZIAS.

O ardor dos verdes annos vos suggere palavras imprudentes. Moderai-vos.

MANASSÉS.

Deixai-me falar. O rei Herodes é um despota, cegamente obedecido. Sua ordem de matar os innocentes será cumprida sem remissão. O filho de Martha, como tantas outras crianças, tem de morrer. Não podem fracos meninos indefesos encontrar mais yalimento perante o espirito implacavel do soberano do que os membros da sua propria familia, nobres mancebos, venerandos velhos, e a formosa Marianna que elle adorava, a ponto de ficar quasi doido quando a soube morta. Tudo sacrifica ás suas ambições e ás suas desconfianças. E' omnipotente e inexoravel. Ithamar, o filho de Martha, coitada! tem de morrer.

OZIAS.

Mas Herodes é habil. Porque esta iniquidade inutil contra inoffensivas crianças?

MANASSÉS.

Inutil para elle, não. Chegou aos ouvidos de Herodes que em Belem de Judá nasceu o Messias annunciado pelas prophetas. Ora, o Messias, segundo os prophetas, lhe arrebatará a corôa, tão custosamente alcançada, tão energicamente man-

tida. Jacob vaticinou que se não tiraria o sceptro de Judá ao príncipe estrangeiro (e Herodes é estrangeiro) enquanto não viesse o Messias. Herodes assustou-se com a noticia do nascimento. Receia, quando mênos, que dahi se origine inconveniente agitação popular. Não sabendo, ao certo, qual seja o supposto Messias, manda matar todas as crianças da presumida idade d'este. Acredita que assim elle não escapará.

OZIAS.

E como teve conhecimento Herodes do nascimento desse, como dizeis, supposto Messias?

MANASSÉS.

A commoção vos oblitera a memoria, ou quereis que eu repita cousas geralmente sabidas, para encher o tempo, enquanto Martha não volta. Olvidais que « vieram do Oriente uns magos a Jerusalem, dizendo : onde está o rei dos Judeus que é nascido? porque nós vimos no Oriente a sua estrella, e viemos adoral-o. E o rei Herodes ouvindo isto se turbou e toda Jerusalem com elle. E convocando todos os Principes dos Sacerdotes e os Escribas do Povõ lhes perguntava : onde havia de nascer o Christo. E elles lhe disseram : em Belem de Judá. »

OZIAS.

Em verdade, está escripto pelo propheta que

daqui, de Belem de Judá, sahirá o Conductor que ha de commandar o povo de Israel.

MANASSÉS.

« Então, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu delles com todo o cuidado que tempo havia que lhes apparecera a estrella ; e enviando-os a Belem, disse-lhes Ide, e informai-vos bem que menino é esse ; e depois que o houverdes achado, vinde-m'o dizer, para eu ir tambem adoral-o. Elles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram ; e logo a estrella que tinham visto no Oriente, lhes appareceu, indo adiante delles, até que chegando, parou sobre onde estava o Messias. »

OZIAS.

O menino é o filho de Maria, a desposada de José, e descendente de David. O nascimento está envolto em mysterios. Dizem que Maria o cõncebeu virgem, cumprindo-se o que falou o Senhor pelo propheta Izaiás. Puzéram no menino o nome de Jesus. Onde está elle? Escapará á matança?

MANASSÉS.

Ouvi. » Quando os magos viram a estrella, foi sobremaneira grande o jubilo que sentiram. E entrando na casa, acharam o menino, com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram ; e abrindo os seus cofres lhe fizéram suas offertas de ouro, incenso, e myrrha. E. havida a resposta em sonhos que não

tornassem a Herodes, voltaram por outro caminho para a sua terra. Partidos que elles fôram, eis que apparece um anjo do Senhor em sonhos a José, e lhe disse : levanta-te e toma o menino, e sua mãe e fôge para o Egypto, e fica-te lá até que eu te avise. Porque Herodes tem de buscar o menino para o matar. José levantando-se, tomou de noite o menino, e sua mãe, e retirou-se para o Egypto. »

OZIAS.

E lá estão em segurança ! Porque não ter podido fazer o mesmo com, o filhinho de Martha ? !

MANASSÉS.

« Herodes, então, vendo que tinha sido illudido dos magos, ficou muito irado por isso e mandou matar todos os meninos que haja em Belem, e em todo o seu termo, que tiverem dois annos, e dahi para baixô, regulando-se nisto pelo tempo que tinha exactamente averiguado dos magos. » Herodes ignora a fuga para o Egypto. Pensa que vai supprimir o Messias. Tambem se enganam os potentados ! Eis a razão porque está condemnado Ithamar, o filho de Martha, e nós aqui viemos para prevenil-a.

OZIAS.

E já começou a execução da barbara sentença ?

MANASSÉS.

Sim. Esta madrugada. Tudo deverá estar consum-

mado antes da noite. Por isso, se ouve em Belem um clamor, um choro, e um grande lamento. São as mulheres deplorando a sua desgraça. Correm mais lagrimas dos olhos das mãis do que agua na fonte, ora deserta, onde ellas vão encher os seus cantaros.

OZIAS.

Cumpre-se ainda uma vez o que annunciara o propheta Jeremias quando descreve Raquel em Ramá chamando a seus filhos, sem admittir consolação pela falta delles!

MANASSÉS.

E' incrível que Martha não o saiba, não desconfie sequer. Vistes como, ha pouco, acarinhava tranquilla e venturosa o pequeno Ithamar, qual si nada o ameaçasse.

OZIAS.

Que quereis? Só hoje se divulgou a ordem da carnificina. Demais, Martha, depois que perdeu o esposo, não conhece outra occupação, outro interesse sinão adorar o filhinho. Não se arréda um instante de ao pé d'elle. Sômos quasi as unicas pessôas que a visitam. Vive alheia a tudo, inteiramente entregue á sua querida obsessão. Tambem o filhinho reclama todos os seus cuidados. Fragil criatura! Sempre doente, mais de uma vez tem estado a expirar. O desespero de Martha nessas conjuncturas é que me enche de pavor, imaginando o que vai succeder daqui a pouco.

MANASSÉS.

Antes o Senhor lh'o houvesse arrebatado numa dessas occasiões do que reserval-o para o transe que se prepara !

OZIAS.

Inescrutaveis são as vistas do Senhor. O que nos cumpre agora é chamal-a e prevenil-a. Si pudesse fugir !

MANASSÉS.

Fugir ? ! E' tarde... Nem pensar em fugir. Guardas numerosas vigiam as estradas. Herodes sabe executar o que delibéra. Tomou as devidas precauções. E' tarde, Ozias. Só nos resta pedir a Deus coragem para avisar a pobre mãe e procurar consolal-a depois.

OZIAS.

Coragem nunca me faltou. Combati em moço os inimigos da nossa raça. Tomei parte em batalhas sangrentas. Durante o meu longo percurso na terra, sobejos perigos tenho arrostado e a muitas scenas dolorosas assistido. Nunca, em emergencia alguma, tremeu-me o corpo ou conturbou-se-me o espirito. Entretanto, neste momento, a perspectiva do desespero de Martha pôe-me nos membros, — vêde, — um tremor de susto, e no animo um desfallecimento mortal.

MANASSÉS, *vendo Martha assomar à porta.*

E o momento terrível chegou. Martha ahi está.

MARTHA, *approximando-se.*

Perdão, Ozias ; perdão, Manassés. Demorei-me tanto, porque meu filhinho despertou e tive de o fazer adormecer novamente. O descanso de meu filhinho é sagrado. Ninguem lh'o perturbe, antes que elle se queira mover... Depois, puz-me a contemplar o adormecido, e esqueci-me do tempo, que foi passando, sem eu sentir, esqueci-me de tudo. Pois contemplar meu filhinho, o meu exclusivo amado, é mais encantador que contemplar o lirio dos campos e a acucena dos vales. Todo elle é um lirio, distillando doçura. Todo elle é formoso e sem macula. Todos os louvores que se teceram, no Canticos dos Canticos, á Sulamita pouco valem ante os louvores que sem cessar rende a meu filhinho o meu coração. A sua face, os seus olhos têm mais lindeza e mandisção do que as pombas. E' galante e engraçado como um veadinho, ou como a cabra subindo o monte de Galaad. Como é gracioso, como é bello aquelle a quem a minh'alma estremece, o amiguinho meu, o immaculado meu, o querido meu, o perfeito meu, o filhinho meu, o escolhido meu entre milhares. Como um ramalhete de myrrha elle, sim, elle mora entre os meus seios. Beijal-o é mais suave a meus labios e á minha garganta do que sugar um favo delicioso de leite e mel, ou um cacho de Chypre das vinhas

de Engaddi. Desfalleço de amor diante delle. Seu corpo pequenino, pouco maior que o meu coração, encerra para mim mais bellezas do que os pavilhões de Salomão e as tendas de Cedar. Ainda não sabe falar, mas eu entendo as cousas deleitosas que elle diz, a sós comigo, porque elle é verdadeiramente o meu **filhinho**, eú sou para o meu filhinho, o meu **filhinho** é para mim, e é para mim só que elle se volta, e é só para elle que me volto eu! Tal é o meu filhinho, amigos meus, o unico para aquella que lhe deu o ser. E' a minha vida, mais que a minha vida; é a minh'alma, mais que minh'alma; é o meu tudo, mais que o meu tudo: é o meu filhinho. Meu **filhinho**... meu **filhinho**... Mal de mim, ingrata, que estou aqui a falar, tão perto delle, e, ha tanto tempo, apartada delle, deixando de o contemplar! Esperai. Vou **espreitar** si continua dormitando e breve tornarei, si **dormitar** ainda, para ouvir o que desejais. (*Sae.*)

OZIAS.

Quanto ella o ama, Manassés. Palpita em cada uma de suas palavras um mundo de amor! E' mais ainda do que eu pensava! Menos disposto fiquei, depois que a ouvi, a lhe fazer a terrivel revelação.

MANASSÉS.

Mas é preciso... é preciso... O tempo urge. Peior será si **algum** dos esbirros de Herodes chegar inopinado e brutalmente lhe arrancar dos braços o **filhinho**.

MARTHA, *voltando*.

Meu filhinho continúa dormindo, porem não é bom o seu ar. Está pallido, estremece, parece soffrer. O coração presago não me engana. Vai-lhe succeder alguma cousa desagradavel e perigosa. Ah! meu Deus! Talvez uma daquellas crises da costumada molestia. Tem escapado com tanta difficuldadè! Julguei que se houvesse curado... Supplico-vos, Manassés, vós que sois moço, ide depressa, trazei-me o magico que, segundo asseguram, conjura as molestias, devidas, porventura, a espiritos malignos. Expulse elle os males de meu filhinho, por meio de imprecações, palavras santas, ou empregando o succo de hervas uteis. Que venha... que venha... Promettei-lhe todos os siclos de prata que eu possúa.

MANASSÉS.

Para que?

MARTHA.

Para que?! Para salvar meu filhinho, Manassés, para impedil-o de soffrer. Ide, ide sem detença. Dar-vos-ei a beber, quando regressardes, um vinho de confeição aromatica, ou um licor novo das minhas romans. Ide, que eu volto para junto de meu pobre Ithamar. (*Sae.*)

OZIAS.

Ah! si a crise da enfermidade se manifestasse.

antes da vinda dos emissarios de Herodes... Talvez, vendo o pequenino contorcer-se nas vascas da molestia, adiassem a execução da sentença... Do adiamento quem sabe? — proviria a salvação...

MANASSÉS.

Não o esperéis. Cumpre-nos aguardar a mais dolorosa solução. Está escripto em Isaias : Eis ahi virá o dia do Senhor, o dia cruel e cheio de indignação, e de ira, e de furor, para pôr a terra numa solidão, e para fazer em migalhas os seus peccadores, exterminados della.

OZIAS.

E accrescenta Izaias : Preparei os filhos para uma morte violenta, por causa da iniquidade de seus pais...

MANASSÉS.

Iniquidade de seus pais!... Que iniquidade, entretanto, commetteu Martha, a pura, a bondosa Martha?...

MARTHA, *voltando*.

Então, Manassés, ainda não fostes, ainda não correstes, ainda não voastes? Onde está a vossa amizade? Bem se vê que nunca tivestes um menino ao peito, um filhinho das vossas entranhas. Ide, Manassés, por Deus; ide depressa.

MANASSÉS.

Irei, mas...

MARTHA.

Como?! Hesitais?... Que é isso?! Ide... ide...

OZIAS.

Fazei-lhe a vontade... Ide, Manassés, mas não vos demoreis...

—

(*Sae Manassés.*)

MARTHA.

Meu filhinho não vai bem... Ithamar não vai bem... Estranhos presentimentos me agitam. Entrai, Ozias, observai meu filhinho. Vêde si não parece mais enfermo que de costume. Eu vos acompanho... Não... Entrai sosinho; sem mim, observareis mais á vontade. Verificai si o seu somno não se assemelha ao somno da morte. Ao somno da morte... Que digo?! Santo Deus, Santo Deus... Estou desvairando. Entrai, Ozias... Entrai... Mas, ouvi... Entrai de manso, bem de manso... Não o acordeis, não o perturbeis... De vagar, de vagarinho...

(*Impelle Ozias para o aposento.*)

OZIAS.

Ahi vou... Ahi vou... (*Sae.*)

MARTHA, *cahindo de joelhos.*

Senhor, Deus de Israel, vós que, na terra do

Egypto, fizestes as parteiras dos hebreus desobedecerem á ordem do rei de matar, na hora do parto, os filhos varões do nosso povo; vós que fornecestes a Amarão e Jacobed meios de occultarem, durante tres mezes, Moy és pequenino, condemnado a morrer, e, depois, mettido elle no cestinho de junco, exposto no canaveal junto á ribanceira do rio, determinastes fôsse salvo pela filha de Faráo e criado pela propria Jacobed, sua mãe; Senhor Deus forte, protector dos fracos, Senhor Deus de Abrahão, de Isaac e de Jacob, não permittais que meu filho soffra ou pereça; Senhor Deus, tende compaixão de meu filhinho; salvai-o, curai-o, Senhor Deus...

(OZIAS volta.)

OZIAS.

Já o observei, Martha.

MARTHA.

E como o achais?

OZIAS.

Conforma-te com a vontade do Altissimo. Não acho bom teu filho. Acho-o mal. E' funda a sua pallidez; tem estremecimentos convulsos... Talvez Deus o queira levar.

MARTHÁ.

Mal... convulsões... Deus levar meu filhinho!...

Não... não é possível... Seria crueldade excessiva... Corro para elle. Vou abraçal-o tão estreitamente que a morte não se atreverá a leval-o, ou, então, nos carregará juntos.

(Precipita-se para o quarto.)

OZIAS, *detendo-a.*

Escuta, Martha ; preciso communicar-te alguma cousa de grave.

MARTHA, *afastando-o.*

Deixai-me... Não ha nada de grave sinão o sofrimento de meu filho.

OZIAS.

E' mesmo a proposito de Ithamar, teu filho...

MARTHA.

A proposito de meu filho?... Já sei... Quereis dizer-me que o julgais mal e é preciso cural-o. Não posso demorar-me longe delle, não posso demorar-me a ouvir.

OZIAS.

E' necessario que eu te fale.

MARTHA.

Vinde falar-me junto a elle... Mas, cautella, falai de manso... Pisai de vagar, que o não molesteis. Ouvi um gemido... Talvez elle me chame na sua

linguagem sem phrases, e me esteja exprobrando o havel-o deixado tanto tempo. Ithamar, meu adorado filhinho, que é que queres, que é que tens?! (*Sae.*)

OZIAS, *cahindo de joelhos.*

Senhor, Deus de Israel, vós que disséstes a Abrahão : toma a Isaac teu filho unico, a quem amas, vai á terra da Visão, e ahi o offerecerás em holocausto ; vós que permittistes Jafthé sacrificasse sua filha, tambem unica, em cumprimento do voto feito ; vós que consentistes em que Joad atravessasse com tres lanças o coração do moço Absalão, não obstante a ordem formal de o pouparem dada por seu pai, o rei David, que chorou amargamente aquella morte ; Senhor, Deus forte, Deus Justo, Deus de Jacob, chamai a vós o filho de Martha, antes que o esbirro de Herodes lh'o arrebatte. Piedade, misericordia, Senhor Deus...

MANASSÉS, *entrando, a physionomia alterada.*

Ahi vem os executores da ordem de Herodes...

OZIAS.

Que dizeis?!

MANASSÉS.

Precedo de poucos passos um dos carrascos, escolhidos adrede entre homens de longes terras, sem filhos, sem parentes, sem amigos, sem conhecidos em Belem de Judá.

OZIAS.

Que fazem elles ?

MANASSÉS.

Não imaginais o horror do que vai por ahi. E' inacreditavel! Já mataram centenas de crianças. Em geral, estão applicando o supplicio ordinario das nossas leis, a estrangulação, porque a sentença não especificou o modo como a morte seria infligida. Certos algozes, porem, immolam os meninos por meio da espada, decapitando-os, enterrando-lhes no fragil peito a lamina cortante. Outros os suffocam entre almofadas, ou apertam-lhes o tenro pescoço, com os dedos e as unhas. Mães valorosas resistem; defendem a prole, desesperadas; lutam com os carcosos, arrancam-n'os, mordem-n'os, tentam furar-lhes os olhos. Em vão!... Serve isso apenas para lhes acirrar a crueldade. Outras, agarram se ás espadas que elles vibram, ensanguentando as mãos, decepando os dedos. A maior parte cae em passiva prostração, vizinha do anniquilamento, ou prorompe em gritos e gestos allucinados. Mas, a despeito de tudo, a terrivel determinação de Herodes está sendo cumprida á risca. Alguns algozes mostram certa piedade, não assassinam os meninos no lar materno; carregam-n'os para pontos remotos, donde não se ouçam os gemidos. Alguns, sem dó, brutaes, desvaiados de fereza, esmagam-n'os sob os pés, esmigalham-lhes o craneo de encontro ás pedras, entre

gargalhadas, com requintes inauditos de perversidade. Que abysmos de maldade na besta humana, solta aos seus instinctos!... E o mais compungente é que das mimosas victimas, tantas tão bellas, ostentando todas a candura da primeira infancia, varias como que comprehendem, revoltam-se, repellem com os melindrosos bracinhos os seus assassinos, disputando a vida, — esta vida que não vale a pena viver, — emquanto outras, illudidas, habituadas só a caricias, acreditando que ninguem se atreverá a lhes fazer mal, abrem affaveis esses bracinhos, sorrindo, confiantes, aos ignobeis sicarios que nem tal sorriso consegue desarmar!...

OZIAS.

Que horror!

MANASSÊS.

Toda cabeça está enferma, todo coração abatido, como exclamou o Propheta. Mil calamidades predisseram os Prophetas, em consequencia dos crimes de Judá. Não ousaram, todavia, cogitar de desolação igual a esta.

OZIAS.

Repitamos, como Jeremias Senhor tu de todo o ponto nos rejeitaste; tu te iraste contra nós asperamente.

(Ouvem-se passos.)

MANASSÉS.

Ahi vem elles! A vez de Martha chegou!...
*(Os passos se approximam. Batem á porta que dá
 para a rua.)*

OZIAS.

Quem bate?

VOZ DE FORA.

Abri em nome do rei.

OZIAS.

Que quereis?

VOZ DE FORA.

Abri... abri...

MANASSÉS.

E' inutil, Ozias, abri...
*(Abre-se a porta, junto á qual postam-se na rua
 soldados armados. Entra um official. Ozias e
 Manassés fazem gesto instinctivo de interceptar a
 porta que dá para o aposento interior.)*

O OFFICIAL.

Nesta casa existe uma viuva com um filho de poucas mezes. Cumprindo as ordens do nosso rei, venho buscar a criança. Espero que m'a entregueis docilmente, não me coagindo a empregar violencia.

OZIAS.

Para que fim buscais a criança?

O OFFICIAL.

Não o ignorais.

OZIAS.

No Deuteronomio está escripto : Maldito o que perverte a justiça do estrangeiro, do orfão e da viúva : e todo o povo responderá : Amen!

O OFFICIAL.

Entregai-me a criança. Obedeço ás ordens do meu rei, a quem deveis tambem obediência.

OZIAS.

Dix o Exodo : Não fareis mal algum á viuva e ao orfão.

O OFFICIAL.

Está escripto no livro dos Reis : este será o direito do rei que vos ha de governar : elle tomará os vossos filhos.

OZIAS.

Accrescenta o Senhor no Exodo : não fareis mal algum á viuva nem ao orfão. Si vós o offenderdes, elles gritarão por mim, e eu ouvirei os seus clamores.

O OFFICIAL.

O rei foi constituido para governar. O que elle ordena é lei sagrada. O rei é o escolhido de Deus. Não podeis julgar os designios de Herodês.

OZIAS.

Até á vida dos animaes se deve ter respeito. O justô attende pela vida de seus animaes, mas as entranhas dos impios são crueis. Moysés levava o respeito á vida dos homens a ponto de ordenar a lapidação de um boi que com as pontas matara um ser humano.

O OFFICIAL, *impaciente.*

Basta de palavras. Assás vos ouvi! Sou o braço que executa. A cabeça é o rei. O braço obedece á cabeça. Entregai-me o menino.

OZIAS.

Tende compaixão de um pobre innocente, gravemente enfermo, prestes a morrer.

O OFFICIAL.

Compaixão?! E quem tel-a-ha de mim, si eu não cumprir as ordens do rei? Compaixão? Porque?! Acaso tantos outros meninos já não foram executados? Que merece este mais do que os outros? Si está prestes a morrer, melhor; menos soffrerá. Vamos, vamos, entregai-m'ô.

MANASSÉS.

E se vos déssemos quantos siclos de prata e ouro possuissemos...

O OFFICIAL.

Guardai vosso dinheiro. Perdeis tempo tentando corromper-me. Si eu cedesse, viriam novos emissarios, encarregadas da mesma tarefa, e menos complacentes, pois não se demorariam a escutar-vos. Já teriam realizado o que lhes cumpre. Entregai-me o menino.

MANASSÉS.

E si não o entregassemos, si resistissemos, si lutassemos...

O OFFICIAL.

Calai-vos, temerario mancebo. Não me leveis a proceder com energia. Meus soldados virão ao mais leve chamado meu. Todas as sahidas estão tomadas. E' inutil fugir ; é inutil discutir ; é inutil lutar. Ainda uma vez, a ultima : entregai-me por bem o menino.

OZIAS.

Senhor, Senhor socorrei-nos !...

O OFFICIAL.

Ah! Não obedeceis?!... Vou procural-o por mim proprio...

(Dirige-se para o porta do interior, apartando Ozias e Manassés. Martha entra, como que fóra de si, sem prestar attenção ao official, cuja presença os outros dissimulam.)

MARTHA.

Meu filhinho vai mal... Vai mal... Depois dos estremecimentos, prostração extrema. A pallidez augmentou. Que terá elle? Porque padece, tão pequenino? Não é justo... não é justo... E Manassés que não traz o homem que sabe curar... *(Dando com o Manassés.)* Ah! enfim! Voltastes, Manassés... Obrigada... Obrigada! *(Dando com o official.)* E trouxestes o homem... Muito bem... *(Para o official.)* Bem vindo sejais, senhor, por haverdes accorrido ao chamado de uma triste viuva. Bem vindo sejais, pois viéstes por causa de meu filho.

O OFFICIAL.

Aqui estou só por causa do vosso filho.

MARTHA.

E ides libertal-o de todos os seus males? Não é assim?

O OFFICIAL, *sorrindo.*

Vou libertal-o, sem duvida, de todos os seus males na terra...

MARTHA.

Bem vindo sejais... Bem vindo sejais... Eu vou trazel-o já, e vol-o entregarei.

O OFFICIAL.

Ide, trazei-m'ó já, e entregai-m'ó.

OZIAS.

Espera, Martha. Aqui, não. Não o tragas. Volta para junto de teu filho. Acorda-o, abraça-o, beija-o. Este homem irá lá ter. Eu lhe explicarei a molestia. Acompanhai-a, Manassés. Não vistes ainda Ithamar.

O OFFICIAL.

Trazei-m'ó... trazei-m'ó...

OZIAS.

Vai, Martha... (*Para o official*) Escutai...
(*Martha e Manassés obedecem.*)

O OFFICIAL.

Não me retenhais. Deixai-me cumprir o meu dever.

OZIAS.

Sei que recebestes ordens inilludiveis. Não tento

siquer contrapor-me a ellas. Seja feita a vontade de Deus! Mas a criança que jaz ali dentro parece agonizante. Creio que lhe restam poucas horas de vida. A mãe ignora a tarefa de que estais incumbido. Tomou-vos, desgraçada, pelo magico que cura, em vez de matar. Entrai. Si achardes, realmente, mal o menino, não o arrebateis logo dos braços da mãe. Deixai que elle morra naturalmente. Desde que se extinga, ficará desempenhada a vossa obrigação. Permitti á mãe a consolação suprema de chorar sobre o pequeno cadaver.

O OFFICIAL.

Não posso. As ordens são formaes. Devo matal-o.

OZIAS.

Matal-o-heis... matal-o-heis... E' a ordem. Mas não deveis matar igualmente a mãe. E ella succumbirá si lhe levardes agora o seu menino. A fuga é impraticavel, não ha salvação possivel, disséstes. Pois bem! Deixai-me apenas o tempo necessario para preparar o animo daquella pobre mulher. Entrai ; verificai o estado da criança, e voltai daqui a uma hora. Aproveitarei a vossa ausencia... Si, quando regressardes, ainda o encontrardes vivo, praticareis o que vos aprouvér. Suspendei somente por breve periodo a execução. Ide a outras casas. Que mal haverá nisso? Eu vos exóro, eu vos conjuro, eu nome do que mais prezardes no mundo, em nome da vossa amada, em nome da vossa mãe...

O OFFICIAL.

Não conheci mãe, não tenho amada...

MARTHA, *apparecendo á porta.*

Porque vos demorais?! Vinde... Ithamar, o meu filhinho está prompto para receber-vos. Vinde...

O OFFICIAL.

Ahi vou... (*Entra.*)

OZIAS, *de joelhos.*

Senhor, Deus de Israel, vós que determinastes a Abrahão o sacrificio de Isaac; que permittistes a immolação da filha unica de Jefthé e a morte do moço Absalão, não obstante a ordem em contrario de seu desolado pai, o rei David; Senhor Deus forte, justo e omnipotente; chamaí a vós o filho de Martha, antes que Herodes o trucidé. Misericordia, senhor Deus. Matai depressa Ithamar!

O OFFICIAL, *voltando.*

Sim, o menino está mal. Pouco poderá durar. Accedo ao vosso pedido. Adio o cumprimento da ordem. Ou antes, — não foi o vosso pedido que me moveu. Foi a attitude da mãe, o seu ar junto á criança enferma. Regressarei dentro de uma hora. Si então não estiver tudo acabado, farei o que me cumpre.

MARTHA, *entrando*.

Como achastes o meu filhinho? Contempleste-o profundamente, e sahistes sem nada dizer...

O OFFICIAL.

Vosso filho está mal... muito mal...

MARTHA.

Mas ides cural-o... Não é assim?! Que devemos fazer?

O OFFICIAL.

Nada... Voltarei daqui a uma hora.

MARTHA.

Não vos afasteis... Não vos afasteis... (*O official sae.*) Deus não pode abandonar-me. Meu filhinho ha de salvar-se... Ha de salvar-se...

OZIAS.

Martha, é melhor que o teu filhinho morra...

MARTHA.

E' melhor que o meu filhinho morra!... Enlouqueceste Ozias!... E' melhor que o meu filhinho morra... Que contrasenso! Que monstruosidade!... Não... nunca... E' melhor que o meu filhinho viva... Meu filhinho ha de viver... Ha de viver. Estão todos contra nós. Mas resta-nos Deus... (*Cahindo*

de joelhos.) Senhor Deus de Israel, vós que na terra do Egypto livrastes os filhos varões dos hebreus condemnados por Pharaó; vós que protegestes Moysés pequenino e abandonado no cesto de junco sobre as agóas do rio, Senhor Deus de Verdade, Senhor Deus de Justiça, Senhor Deus de Clemencia, Senhor Deus de Perdão, não consintais que o meu filhinho pereça ; attendei-me, Senhor Deus, salvai-o... salvai-o...

MANASSÉS, *na soleira da porta.*

Depressa, Martha... Vossa presença é junto a Ithamar...

(Martha se precipita. Ouve-se um grito desesperado, seguido de horriveis soluços.)

MARTHA, *correndo como doida.*

Chamai o homem que cura... chamai-o para o meu filhinho...

MANASSÉS.

Vosso filho não tem necessidade de mais nada na terra.

MARTHA, *torcendo as mãos.*

Meu filho está immovel... Meu filho está hirto...
Meu filho está frio...

OZIAS.

Morto?!

MANASSÉS.

Morto!...

MARTHA.

Não é possível... Mentis... Não é possível. Meu
filho não morreu... Deus não podia abandonar-me.

MANASSÉS.

Deus vos protege, Martha.

MARTHA.

Deus abandonou-me...

OZIAS.

Bem dita seja a misericórdia de Deus! Gloria ao
Senhor nas maiores alturas!

VILLA PETIOTE PETROPOLIS.

INDICE

PRIMEIRA PARTE

VERSOS AVULSOS

Amigos	1
Livros.	3
Alma varia	5
A confiança .	7
A indiferença .	9
A vontade .	11
A gratidão.	13
Nada! .	15
Uma rosa .	19
Dór de amar.	21
O somno.	23
A alegria	25
Phantasmas	27
Imprecações .	29
Tem dó	35
A ambição.	39
Num leque.	41
Morrer.	43
Encore et toujours	45
Minha idade .	47

Dezembro	49
Minha estrella.	51
Presentimentos.	53
Tuas armas	55
Silencio	57
Desejo e receio.	59
Dôr sem consolo	61
Sempre!.	63
Nosso romance	65
Orphan!.	67
Cabellos brancos.	69
Vagabundendo.	71
Porque?!.	75
Transmutação .	77
Anhangá	79
Princesse lointaine.	83
Minha frota .	85
Cartas a minha filha.	87
O prisioneiro. .	93
Supplicio injusto.	95
Gentil chapéu	97
Alegria e tristeza	99
Capella Branca.	101
O gorro de papai (comedia)	103

SEGUNDA PARTE

RIMAS DE OUTR'ORA

A' minha esposa	129
-----------------	-----

TÉLAS SONANTES

Quadros biblicos.	133
Paysagem triste .	141
Dôr infantil	145

Em familia.	147
Fructos da época	149
A felicidade .	151
A joia .	153
A carta	157
A esmola dos mortos	159
Na quaresma	161
A guerra.	163
A officina	165
A flauta .	169
Na fazenda	177
Dois dramas.	181
Madrigaes .	185
Na paz	191
Que pés .	199
Vestido curto	201
Rosa	205
A uma artista .	207
Minha filha	211
No templo .	215

TERCEIRA PARTE

VERSÕES

Nocturno.	217
Concetti .	219
Morto vivo.	221
Dôr incognita	223
Numero do Intermezzo.	225
Idioma de estrellas.	227
Amor descoberto	229
A Natividade.	231
Trévas.	253
Infinito amor.	255
A esposa.	257
O ciume.	259
A vida.	261

Legenda Oriental	263
O coração humano.	265

QUARTA PARTE

SONETOS

No baile.	267
Felix culpa	269
Tedium vitæ.	271
Senhorita	273
Porto celeste.	275
13 de Maio de 1888	277
Que importa.	279
Sorriso triste	281
A sua mão	283
Anjo enfermo	285
A' morte.	287
Primeira communhão.	289
Ithamar	297

EXTRACTO DO CATALOGO

DA

LIVRARIA DE H. GARNIER

71, rua do Ouvidor, 71
RIO DE JANEIRO

6, rue des Saints-Pères, 6
PARIS

I. — LITTERATURA

1.º — PROSA

- Ancla eterna.** Romance de JULIA LOPEZ DE ALMEIDA. 1 vol. in-18 enc. br.
- Alfarrabios.** Chronica dos tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR; contendo :
- I. **O Garatuja.** 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- II. **O Ermitão da Gloria e a Alma de Lazaro.** 1. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Alma (A) e o cerebro,** estudos de psychologia e de physiologia, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º 8\$000
- Baroneza (A) de amor,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Ben-Hur.** Romance dos tempos de Jesus-Christo, por LEWIS WALLACE. 1 vol. br. 3\$008, enc. 4\$000
- Brazilceiras celebres,** por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Caça (A) de um baronato.** A herança esperada e inesperada, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Casa de pensão,** por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Casamento de tirar o chapéo.** O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da Campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br. 1\$000
- Carteira (A) de meu tio,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. 2\$000
- Casamento (Um) no arrabalde,** por FRANKLIN TAVORA 1 v. in-4.º br. 1\$000
- Chammau.** Romance de GRACA ARANHA (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 br. 4\$000, enc. 5\$000, souple. 6\$000
- Ciganos no Brazil (Os).** Contribuição ethnographica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Cinco minutos. A Vinvinha.** Romances, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000

- Commentarias e Pensamentos**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, 3\$000
- Condessa vesper (A)**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Confederação (A) dos Tamoyos**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 1 v. 8\$000
- Contos da roça**, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR, 2 vs. enc. 3\$000, br. 2\$000
- Contos ephemeros**, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. enc. 4\$000, br. 3\$000
- Contos Fluminenses**, contendo Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto. O segredo de Augusta, Confissão de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Contos fora da moda**, por ARTHUR AZEVEDO (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Contos possiveis**, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Contos sem pretensão**. A alma do outro mundo. O ultimo concerto. O homem e o Cão, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Correr (Ao) da Penna**. (Folhetins.) Revista hebdomaaria das paginas menores do « Correio Mercantil », por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Cortiço (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Coruja (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000 br. 3\$000
- Crime (O) do Padre Amaro**, por EÇA DE QUEIROZ, 1 gr. v. in-8.º br. 9\$000
- Culto (O) do Dever**. Romance, pelo do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. 2\$000
- Curiosidades**, Noticias e variedades historicas brasileiras, por MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Curso de litteratura brasileira**. Ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta*, pelo Dr. A. S. DE MELLO MORAES FILHO, 3.ª edição consideravelmente melhorada. 1 grosso v. in-4.º enc. 6\$000
- Curvas e Zig-Zags**. Contos humoristicos, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Diva**. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Dom Casmurro**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Dôr**, por ESCRAGNOLLE DORIA. Livro de contos, 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Dous (Os) Amores**. Romance brasileiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Dous dias de felicidade no campo**, seguido do Curso de experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie,

- mas de grande profundidade. O relógio de Gertrudes, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Doutor (O) Benignus**, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 2 vs. in-8.º enc. 2\$000 br. 3\$000
- Ensaio de sociologia e litteratura**, por SYLVIO ROMERO (da Academia Brasileiro). 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Epochas e Individualidades**. Estudos litterarios por CLOVIS BEVILAQUA. 1 v. in-8.º enc. 4\$000 br. 3\$000
- Ermítão (O) da Gloria, A Alma de Lazaro**, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º 3\$000 br. 2\$000
- Ermítão (O) de Muquem**, ou a historia da romaria de Muquem na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Esboços Litterarios**, por ABHERBAL DE CARVALHO. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Escriptos e Discursos litterarios**, por J. NABUCO (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. 4\$000
- Estudos de Litteratura brasileira**, por JOSÉ VERISSIMO (da Academia Brasileira). 3 vols, in-18, cada vol. amador 6\$000, enc. 5\$000, br. 4\$000
- Escrava (A) Isaura**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Estudos e Ensaos**, por J. C. DE SOUZA BANDEIRA. 1 vol. in-18 enc. 4\$000 br. 3\$000
- Factos do Espirito Humano**, pelo Dr J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 1 v. in-8.º enc. 8\$000, br. 6\$000
- Factos e Memorias**. Romance por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- A Familia Agulha**, por LUIZ GUIMARÃES junior, 2 vols. in-18 enc. 6\$000, br. 4\$000
- Fantina**, scenas da escravidão, por F. C. DUARTE BADARÓ. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Fatalidades (As) de dous jovens**. Recordações dos tempos coloniaes, por TEIXEIRA E SOUZA. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Flores e Travos**, por ROZENDO MUNIZ. Romance. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Grugido (O)**, por PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO, com uma policia biographica, por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Restas e tradições populares do Brazil**, pelo Dr. MELLO MORAES Filho, 1 v. com illustrações, in-4.º enc. 8\$000 br. 6\$000
- Forasteiro (O)**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. 6\$000
- Os Francezcos no Rio de Janeiro**. Romance historico, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Garatuja (O)**, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Carlumpetro (O)**, romance por BERNARDO GUIMARÃES, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000

- Gaúcho (O)**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Guarany (O)**. Episódios da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Girandola de Amores** já publicado com o título. *Mysterio da Tijuca, litteratura dos vinte annos*, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Guerra dos Mascates**, chronica dos tempos coloniaes, por SENIO (J. M. ALENCAR). 2 v. in-8.º enc. 6\$000 br. 4\$000
- Guerra dos Mundos**, par H.-G. WELLS. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Helená**, romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historias Brasileiras**, por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historia da litteratura Brasileira**, por SYLVIO ROMERO. 3 vols. in-8.º eno. 24\$000, chagr. 30\$000. Vendem se cada volume separadamente enc. 8\$000, chagr. 10\$000
- Historias da Meia Noite**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historias sem data**, por MACHADO DE ASSIS. 1 vol. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Holocausto**, romance por XAVIER MARQUES. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Homem (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Homens e cousas estrangeiras**, por JOSÉ VERISSIMO (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. 4\$000
- Homens e livros**, por MAGALHÃES DE AZEREDO (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Hora (A)**, por NECTOR VICTOR. 1 vol. in-18 enc 4\$000 br. 3\$000
- Ilha (A) maldita. — O pão de Ouro**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Indio (O) Affonso**, scguido de : **A Morte de Gonçalves Dias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Instrução (A) publica no Brazil**, pelo Conselheiro Dr. JOSÉ LIBERATO BARROSO. 1 v. in-4.º enc. 7\$000
- Iracema**, lenda do Ceará, por J. M. DE ALENCAR; 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Lendas e Romances**. Uma Historia de Quilombolas. A Garganta do Inferno. A Dansa dos Ossos, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º, enc. 3\$000, br. 2\$000
- Litteratura do Norte**, por FRANKLIN TAVORA : 1º *O Cabeleira* — 2º *O Matuto* — 3º *O Lourenço* — 4º *Um casamento no arrabalde*. 4 v. in-18 que se vendem separadamente, cada vol. enc. 4\$000, br. 3\$000
- Livro (O) de uma sogra**, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.ª edição. 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Lobos de Pariz (Os)**, por JULIO LERMINA. 3 v. br. 9\$000

- Lourenço de Mendonça.** Episodio dos tempos coloniaes, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 2\$000, br. 2\$000
- Luciola.** Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Luísa (A) magica,** pelo Dr JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Mão Tapuia** (contos), por MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira). 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Malas (Os),** episodios da vida romantica, por EÇA DE QUEIROZ, 2 grossos volumes in-8.º br. 16\$000
- Mandarim (O),** por EÇA DE QUEIROZ, 1 v. in-8.º, br. 4\$000
- Manuscrito de uma mulher,** pelo visconde DE TAUNAY, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Mares e Campos.** Contos, por VIRGILIO VARZEA. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Marposas,** romance brasileiro, por EDMUNDO FRANK 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Martyres da vida intima,** por PIRES DE ALMEIDA. Photographias. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br. 1\$000
- Martyrio (O) do Tiradentes,** ou Frei José do Desterro, lenda brasileira, por NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-12, enc. 1\$600, br. 1\$000
- Mauricio** ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, por BERNARDO GUIMARÃES. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Memorias posthumas de Braz Cubas,** por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Memorias da rua Ouvidor,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Memorias de um Sargento de Milicias** (romance de costumes brazileiros), por M. A. DE ALMEIDA, precedido de uma Introducção litteraria, pelo Dr. José VERISSIMO, da Academia brasileira. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Memorias do Sobrinho de meu Tio,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Minas (As) de Prata.** Complemento do « Guarany »; Episodio da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes. Romance historico; por J. M. DE ALENCAR. 3 v. in-8.º enc. 1\$600, br. 9\$000
- Minha Formação,** por JOAQUIM NABUCO (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 amador 6\$000, enc. 5\$000, br. 4\$000
- Mocidade de Trajano,** por SYLVIO DINARTE. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Moco (O) Leiro,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. 4\$000
- Modernas idelas (As) na Litteratura Portugueza,** por THEOPHILO BRAGA. 2 vs. enc. 12\$000, br. 10\$000
- Morenhinha (A),** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Northala de Alzira (A.).** Romance. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000

Morte dos Deuses. Romance, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br	3\$000
Morte moral (A). Novella por A. D. DE PASCUAL. 4 v. in-8.º enc. 16\$000, br.	12\$000
Parte primeira. — <i>Cesar</i> .	
Parte segunda. — <i>Antonieta</i> .	
Parte terceira. — <i>Annibal</i> .	
Parte quarta. — <i>Almerinda</i> .	
Mulato (O). por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Mulheres (As) de Mantilha, romance historico, pelo, Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.º enc.	6\$000
br.	4\$000
Mysterios da Tijuca. Vide <i>Girandola de Amores</i> .	
Mythos e Pocmas. Nacionalismo, pelo Dr MELLO MORAES FILHO. 1 v. enc. 4\$000, br	3\$000
Namoradeira (A). Romance pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br.	6\$000
Narrativas militares (scenas e typos), por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Nina. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
No Declinio, por Visconde de TAUNAY. 2.ª edição, 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br	3\$000
Noivo (Um) a Duas Noivas. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br.	6\$000
Nocturnos. Prosa, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, com uma introdução do Conselheiro JOSÉ DE ALENCAAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Noivos (Os) de MANZONI	10\$000
Novellas, por Dr FABIO LUZ. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br.	3\$000
Novellas extraordinarias. Contos, por EDGARD POE. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br.	3\$000
Novena do Candelaria (A), 1 nitido vol. enc. dourada	5\$000
Novos estudos de Litteratura Contemporanea, por SYLVIO ROMERO. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br.	4\$000
Obras de H. de Balzac :	
<i>Eugenia Grandet.</i>	<i>Physiologia do casamento.</i>
<i>O Lyrio do valle.</i>	<i>Esplendor e miseria das</i>
<i>O Tio Goriot.</i>	<i>cortezãs.</i>
D cada vol. enc 3\$000, br	2\$000
Obras do Dr. ANTONIO FERREIRA. 4.ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego FERNANDES PINHEIRO, 2 vs. enc. 8\$000, rica enc.	12\$000
Obras de MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, precc- didas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estran- geiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza e Silva. 5.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 v. in-8.º enc. 9\$000, br.	6\$000
Opusculos historicos e litterarios, pelo Dr. J. G. DE	

MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.º enc.	8\$000
Opusculos recreativos e populares , pelo Dr. HAMVUL-TANDO. 1 v. in-4.º enc. 5\$000, br.	4\$000
Ouro sobre azul , pelo visconde de TAUNAY, 3.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br.	4\$000
Paginas recolhidas , por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br.	4\$000
Papeis avulsos , por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Passcio (Um) pela cidade do Rio de Janeiro , pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-4.º com numerosas estampas.	8\$000
Pata (A) da Gazella , por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Pégadas , por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Philomena Borges , por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Primo (O) Bazilio episodio domestico, por EÇA DE QUEIROZ, 1 grosso volume in-8.º br.	8\$000
Prosadores contemporaneos brasileiros , por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 cartonado	3\$000
Provinciano (Um) ladino . Onde se encontra a verdadeira felicidade, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br.	1\$000
Quadros e chronicas , por MELLO MORAES FILHO, com um Estudo por SYLVIO ROMERO. 1 v. in-8.º enc. 6\$000, br.	5\$000
Quatro (Os) Pontos Cardenas. A Mysteriosa . Romances, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Quincas Borba , por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Quo Vadis . Romance, por HENRYCK SIENKIEWICZ, amador. 1 vol. in-18 5\$000, enc. 4\$000, br.	3\$000
Regeneração . Romance social, por CURVELHO DE MENDONÇA. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br.	3\$000
Reliquia (A) , por EÇA DE QUEIROZ. 1 v. in-8.º br.	6\$000
Resurreição . Romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Resurreição dos Deuses . Romance, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br.	3\$000
Retrada da Laguna (A) , pelo Visconde de TAUNAY, tradução do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO.	5\$000
Rio (O) do Quarto , pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Romances da Semana , pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 2\$000, br.	3\$000
Rosa . Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
Rosaura. A Engeitada , romance brasileiro, por BERNARDO GUMARAES, 2 vs. in-8.º, enc. 6\$000, br.	4\$000

Sabedoria e O Destino (A) , por M. MÆTERLINCK. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br.	3\$000
Scenas da vida republicana , reminiscencias do feliz tempo escolar, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br.	1\$000
Seminarista (O) , romance brasileiro por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Senhora . Perfil de Mulher, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Sertanejo (O) , romance brasileiro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br.	4\$000
Sonhos d'Oiro , por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
Tronco (O) do Ipé , por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Til . Romance, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
Ubirajara , lenda tupy, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Ultimo . Romance, por MACHADO DE ASSIS, da Academia brasileira. 1 vol. enc. 4\$000, br.	3\$000
Uma lagrima de Mulher , por ALUIZIO AZEVEDO. 2.ª edição, enc. 4\$000, br.	3\$000
Varias historias , por MACHADO DE ASSIS, da Academia brasileira. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br.	3\$000
Vicentina , romance, por JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
Victimas Algozes (As) . Quadros da Escravidão pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br.	4\$000
Yáyá Garcia , por MACHADO DE ASSIS. 2.ª edição, 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br.	4\$000

2.º — POESIA

Album do Trovador Brasileiro , escolha de lindas modinhas recitativos, lundús, romances, arias, canções, melodias, etc., etc. 1 vol. in-8.º br.	\$500
Alecyones , poesias por CARLOS FERREIRA. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Alvoradas , versos de LUCIO DE MENDONÇA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Americanas , poesias, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in 8.º enc. 3\$000, br.	2\$-000
Aspasia , poesias, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8.º nitidamente impresso, enc. 3\$000, br.	2\$000
Brazilianas , poesias por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 1 vol. in-8.º enc.	6\$000
Cachocira (A) de Paulo Alfonso . Poema original brasileiro. Fragmento dos escravos, sob o titulo de <i>Manuscriptos de Stenio</i> , por CASTRO ALVES. 1 v. in-4.º enc. 3\$000, br.	2\$000

- Cancloneiro dos Ciganos.** Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo fórmulas magicas, velorias e superstições d'esse povo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Cancloneiro do Brazil,** pelo Dr. MELLO MORAES Filho. Collecção escolhida de poesias, lendas e canções populares do Brazil. E composta dos tres volumes seguintes, que se vendem separadamente :
- I. — *Tradiciones* : Bailes pastoris.
- II. — *Actualidades* : Scenas comicas, monologos e canções, recitativos ao piano ou ao violão.
- III. — *Hymnos* : Modinhas e lundús, seneratas, barcarolas. 3 vols enc 10\$500 br. 7\$500 vendem-se separadamente cada volume.
- Canticos Funebres,** pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, br. 6\$000
- Cantora brasileira (A.)** Nova collecção de Poesias tanto ajenoras como sentimentaes, precedida de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. E composta dos tres volumes seguintes :
- Modinhas brasileiras.* 1 v. in-12 enc. 2\$000 br 1\$500
- Recitativos.* 1 v. in-12 enc. 2\$000, br. 1\$500
- Hymnos, Canções e Lundús.* 1 v. in-12 enc. 2\$000, br. 1\$500
- Cantos do Equador,** por MELLO MORAES Filho. Edição definitiva com estudos litterarias de SYLVIO ROMÉRO e XAVIER MARQUES. 1 v. in-12 enc. 3\$000 br. 2\$000
- Caramuru** poema epico de descobrimento da Bahia, por FR. JOSÉ DE SANTA-RITA DURÃO.
- Nova edição brasileira, precedida da biographia do autor pelo VISCONDE DE PORTO SEGURO, 1 vol. in-8.º enc. 3\$000
- Chrysalidas,** poesias por MACHADO DE ASSIS. com um prefacio do Dr. CAETANO FILGUEIRAS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Colombo,** poema por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 2 v. in-4.º enc. 8\$000
- Corymbos.** Poesias por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-4.º br. 3\$000
- De Amor,** por JAYME GUIMARÃES. 1 vol. in-18 br . . . 2\$000
- Espumas fluctuantes,** por CASTRO ALVES. Nova edição. 1 v. enc. 3\$000, br. 2\$000
- Filagranas,** por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Flora de Maio,** por OSORIO DUQUE ESTRADA. 1 vol. in-78 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Flôres e Fructos,** poesias por BRUNO SEABRA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br 2\$000
- Flôres entre espinhos,** contos poeticos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Flôres Silvestres.** Poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000

- Folhas do Outomno**, collecção de primorosas poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000. br. 2\$000
- Horas Sagradas**, por CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO, 1 v. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Hugonianas**, poesias de VICTOR HUGO, traduzidas por poetas brasileiros, colligidas por MUCIO TEIXEIRA. 1 v. in-4.º br. 5\$000
- Iliada de Homero**. Trad. em verso portuguez por MANOEL ODORICO MENDES. 1 v. in-4.º enc. 6\$000
- Os Lusíadas**, por LUIZ DE CAMÕES, poema epico, edição classica com uma noticia sobre a vida e obras de autor pelo Conego Dr. J.-C. FERNANDES PINHEIRO e com um estudo sobre *Camões* e os *Lusíadas* pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brasileira. 1 v. in-12, enc. amador 6\$000, dourado 5\$000, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Lyra do trovador**. Collecção de modinhas, lundús, serenatas, etc. 1 v. in-8.º br. 1\$000
- Marilia de Dirceu**, por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000
- Moniz Barretto, o repentista**, estudo, por ROZENDO MONIZ. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Murmúrios e Clamores**, poesias de LUCIO DE MENDONÇA (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Nebulosa (A)**. Poema, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-4.º enc. 4\$000
- Novas Poesias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º 3\$000, br. 2\$000
- Obras completas** de J. M. CASIMIRO DE ABREU, colligidas, annotadas, precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e seus escriptos por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, nova edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Obras Poeticas**, de CLAUDIO MANOEL DA COSTA. Edição revista por JOÃO RIBEIRO (da Academia Brasileira). 2 vol. in-18. enc. 6\$000. br. 4\$000
- Obras poeticas**, de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PERKOTO, colligidas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos, por J. NORBERTO E SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Obras poeticas** de LAURINDO RABELLO, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. 2\$000
- Obras poeticas**, de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, colligidas, annotadas e precedidas do juizo dos autores nacionaes estrangeiros, e de uma noticia biographica sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000
- O outomno**, collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br. 4\$000

- Opalas**, poesias por FONTOURA XAVIER. 1 v. in-8.º br. 2\$000
- Paraíso Perdido (O)**, epopéa de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez, por ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. 2 vs. in-4.º enc. 12\$000
- Parnaso Brazilleiro**, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o *Auto de S. Lourenço*, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 2 grossos vs. in-8.º enc. 10\$000, br. 8\$000
- Parnaso Juvenil ou poesias moraes**, colleccionadas, adaptadas e offerecidas á mocidade, por ANTONIO MARIA BARKER. 8.ª edição 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Phalenas**, por MACHADO DE ASSIS. Poesias: Varia, Lyra chinesa. Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Poesias**: Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações, seguidas de notas, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias avulsas**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, br. 6\$000
- Poesias**, de A. GONÇALVES DIAS. 8.ª edição augmentada com muitas poesias, inclusive os Tymbiras, e cuidadosamente revista por J. NORBERTO DE SOUZA e SILVA, precedida da biographia do autor, pelo Sr. Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. 4\$000
- Poesias** de FRANCISCO DE PAULA BRITO, precedidas de uma noticia sobre o autor pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias**, por ANTONIO SALLES. 1 vol. in-18 enc. 4\$000 br. 3\$000
- Poesias** de MEDEIROS ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias**, por OLAVO BILAC. 1 vol. in-18 souple 5\$000, enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias**, por ALBERTO DE OLIVEIRA, da Academia Brasileira. Meridionaes, Sonetos e poemas. Versos e Rimas, por amor de uma lagrima e Livro de Emma, edição definitiva, com juizos criticos de Machado de Assis, Araupe Junior e Affonso Celso (todos da Academia Brasileira) cem o retrato do autor. 1 vol. nitidamente impresso em Paris, enc. 6\$000, br. 5\$000
- Poesias completas**, por MACHADO DE ASSIS (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 amador 6\$000, enc. 5\$000, br. 4\$000
- Poesias completas**, por LUCIO DE MENDONÇA. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias escolhidas**, por AFFONSO CELSO da Academia Brasileira 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Poesias escolhidas**, por MUCIO TRIXEIRA. 2 vols. in-18.
- Poesias posthumas** de FAUSTINO XAVIER DE NOVAES. 1 vol. in-4.º enc. 6\$000
- Poetas brasileiros contemporaneos**, por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 cartonado. 3\$000

Primeiros versos , por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.º enc.	3\$000, br.	2\$000
Quadros , Poesias, de JOAQUIM SERRA. 1 v. in-8.º enc.	3\$000, br.	2\$000
Revelações , poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço; é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. 1 v. in-4.º enc.		5\$000
Serenatas e saraus .— I. <i>Tradiciones</i> .— II. <i>Actualidades</i> .— III. <i>Hymnes</i> . 3 vols in-18 que se vendem separadamente cada vol. enc. 3\$000, br.		2\$500
Solans . Livro de versos, por D. FERNANDES, 1.º vol. cr.		1\$000
Suspiros Poeticos e Saudades , pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.º enc.		8\$000
Transfigurações . Poesias de NESTOR VICTOR. 1 vol. br.		3\$000
Urania . Collecção de 100 poesias ineditas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 vol. in-4.º nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado.		8\$000
Vesperas , poesias dispersas, por THOMAZ RIBEIRO, 1 v. in-4.º br.		4\$000

3.º — THEATRO

Azas (As) de um Anjo . Comedia em um prologo, 4 a. e 1 epilogo, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Cincinnati Quebra-Louça . Comedia em 5 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º br.	2\$000
Comedias de Martins Penna , com um estudo critico sobre o autor e o theatro no Rio de Janeiro por MELLO MORAES FILHO e SYLVIO ROMÉRO, enc. 5\$000, br.	4\$000
Demonio (O) Familiar . Comedia em 4 a. por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º br.	2\$000
D. Ignez de Castro . Drama em 5 actos e em verso, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br.	3\$000
Jesuita (O) . Drama em 4 a., por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Mãe . Drama em 4 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Moleiro de Alcalá (O) . Opereta em 3 actos e 4 quadros, por EDUARDO GARRIDO; musica de J. CLERICE. 1 v. br.	2\$000
Olgiato . Tragedia em 5 actos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAY. 1 v. in-4.º br.	2\$000
Pecados Velhos , farça em um acto, por EDUARDO GARRIDO 1 vol. in-8.º	1\$000
A Pera de Satanaz , magica por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.º, br.	2\$000
O Primo da California . Opera em 2 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º br.	1\$000

Scenas e Cançonetas em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.º, br.	3\$000
Scenas e Monologas , em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.º (no prelo).	
Sorvedouro (O) . Drama em 5 actos. 1 vol. in-18 illustrado enc. 3\$000, br.	2\$000
Theatro alegre ; comedias, operetas, magicos, etc., por EDUARDO GARRIDO, tomo I. O moleiro d'Alcalá, opereta. A pera de Satanaz, magica e Peccados velhos farça. 1 vol. in-8.º, enc.	5\$000
Theatro do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO . 3 vs. in-8.º ni tidamente impressos; enc. 9\$000, br.	6\$000
Volume I : Luxo é Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.	
Volume II : A Torre em Concurso, o Cégo, Cobé, Abrahao.	
Volume III : Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othelo.	
<i>As seguintes peças também vendem-se separadamente :</i>	
A Torre em concurso	1\$500
Lusbella	1\$500
Fantasma Branco	1\$500
Novo Othelo	\$500
Tragedias : Antonio José, Olgiato, Othelo, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000	
Verso e Reverso . Comedia em 2 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. br.	1\$000

4.º VIAGENS

Peregrinação pela provincia de S. Paulo, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 1860-1861, 1 v. in-4.º	6\$000
Viagem ao redor do Brazil , por Severiano da FONSECA. 2 vols. enc. (raro).	25\$000
Viagem Imperial , por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º br.	\$400

5.º — HISTORIA

Memorias do meu tempo , pelo Conselheiro, J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 v. in-4.º enc. 14\$000, br.	10\$000
Apontamentos para a Historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil , por M. E. DE CAMPOS PORTO. 1 v. in-1.º enc. 8\$000, br.	5\$000
Criminosos celebres . Episodios historicos : Pedro Hespagnol, Vasco de Moraes, os Salteadores da Ilha da Caqueirada, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br.	2\$000
Estatistas parlamentares , ou biographias de 24 notaveis parlamentares brasileiros, por TIMON. 1 v. in-folio br. contendo 7 retratos.	4\$000
Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes .	

- A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupira, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historia da Guerra do Paraguay** por TH. FIX, traduzida por J. FERNANDES DOS REIS, e annotada por ***. 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br. 4\$000
- Historia da Republica jesuitica do Paraguay** desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo CONEGO JOÃO PEDRO GAY, 1 grosso volume in-4.º enc. 12\$000, br. 10\$000
- Historia Geral do Paraguay**, desde a sua descoberta até nossos dias, seguida de uma noticia biographica do estado actual do Paraguay, por DEMERSAY 1 y. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Historia dos Jesuitas**, por A. J. DE MELLO MORAES. 2 vs. in-4.º enc. 16\$000
- Historia dos Martyres da Liberdade**. por A. ESQUIROS, vertida da lingua franceza por A. GALLO, e augmentada com episodios tirados da Historia do Brazil e da de Portugal. 2 v. in-4.º enc. 10\$000, br. 8\$000
- Historia Universal da Egreja**, pelo Dr. JOÃO ALZOG; traducção de JOSÉ ANTONIO DE FREITAS; obra publicada com a approvação e sob os auspicios do episcopado lusitano e brasileiro. 4 v. in-4.º enc. 40\$000
- Homens do passado**, chronicas dos seculos XVIII e XIX; pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Jeronymo Corte-Real**. Chronica do século XIV, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA, 1 v. in-8.º enc. 3\$000; br. 2\$000
- Manoel de Moraes**. Chronica do seculo XVI, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Marquez (O) de Pombal**. Obra commemorativa do centenario de sua morte, mandada publicar pelo Club de regatas GUANABARENSE do Rio de Janeiro, ornada de um retrato do Marquez. 1 grosso vol. br. 6\$000
- Memorias do Marquez de Santa Cruz**, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, metropolitano e primaz do Brazil. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Primero (O) Reinado** estudado á luz da sciencia; ou a revolução de 7 Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia, por L. F. DA VEIGA. 1 grosso volume in-4.º gr. enc. 8\$000, br. 6\$000
- Resumo da Historia Litteraria**, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 grossos volumes in-4.º nitidamente impressos, enc. 17\$000, br. 14\$000
- Rio (O) de Janeiro**, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vs. in-4.º enc. 15\$000, br. 12\$000
- Um estadista do Imperio Nabuco de Araujo**, sua vida, suas opiniões e sua epoca, por seu filho JOAQUIM NABUCO. Tomo primeiro 1817-1852, enc. 15\$000, br. 10\$000
 — segundo 1857-1866, enc. 15\$000, br. 10\$000

- Tomo terceiro, 1866-1879, enc. 15\$000, br. . . . 10\$000
Vendem-se separadamente cada volume.
- Varões (Os) Ilustres do Brazil durante os tempos coloniacs**, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 3.^a edição, augmentada e correcta. 2 v. in-8.^o. 8\$000
- Viagens em Marrocos** por RUY DA CAMARA, com illustrações. 1 v. in-4.^o br. 5\$000
- Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde marquez, duque de Caxias**, desde o seu nascimento, em 1803, até 1873, pelo Padre PINTO DE CAMPOS. Ornado de um bello retrato do Duque de Caxias. 1 v. in-4.^o br. 5\$000

7. — OBRAS DIVERSAS DE INSTRUÇÃO E ESPIRITISMO

- Alcorão (O)**, escripto por MAHOMET e traduzido cuidadosamente para o portuguez. 1 v. in-4.^o grande enc. 25\$000, enc. de luxo. 30\$000
- Alma é immortal (A)**, por GABRIEL DELANNE. 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. 4\$000
- Animismo e Espiritismo**, por ALEXANDER AKSAKOF. 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. 4\$000
- Bertoldo e Família**. 1 v. in-12 enc. perc. 2\$000
- Chancellor de ferro (O)**. Pelo conde de ROCHESTER. 1 vol. in-18 enc. 5\$000. br. 4\$000
- Confissão de um badense**, seguida de : **O Coronel Hap-petaler**. Lembrança da guerra Franco Prussiana; Estudos humoristicos sobre o genio, temperamento, character, inclinações, usos e costumes dos Allemães, pintados á imitação da natureza, por A. ASSOLANT. Versão de A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Depois da morte ou a vida futura**, segundo a sciencia, por LUIZ FIGUIER, versão do DR. FERREIRA DE ARAUJO. 1 v. in-8.^o enc. 4\$000 br. 3\$000
- Deus na Natureza**, por CAMILLO FLAMMARION, traduzido da 11.^a edição. 2 vs. in-8.^o enc. 6\$000, br. 4\$000
- Diccionario abreviado da fabula**, por CHAMPRE, para intelligencia dos autores antigos, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica. 1 v. in-18 enc. 3\$000
- Dr. Judassohn (O)**. Estudo sobre o character allemão, por A. ASSOLANT, vertido do francez por A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. 1\$000
- Ensaio de revista geral**, por D.^r E. GYEL. 1 vol. enc. 3\$000 br. 2\$000
- Evolução Anímica (A)**, por GABRIEL DELANNE. Unica traducção autorisada pelo autor e approvada pela FEDERACÃO, ESPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. in-8.^o enc. 5\$000, br. . . . 4\$000
- Foé : Aventuras de Robinson Crusoe**, traduzidas do

- original Inglez. Dois volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras. 10\$000
- Grande Invenções (As)** antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes, a Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polyvora, a Bussola, o Papel, os Relogios, a Porcellana e Louçaria, o Vidre, os Oculos de alcance, o Telescópio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Applicações da electricidade estatistica, Applicações da electricidade dynamica, os diversos systemas de illuminação, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes pensis, o Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscópio, a Drenagem, por LUIZ FIGUIER, 1 v. in-4.º enc. 25\$000
- Homem primitivo (O)**, por LUIZ FIGUIER, obra illustrada com 40 scenas da vida do homem primitivo, desenhadas, por EMILIO BAYARD e com 256 figuras representado os objectos usuas das primeiras épocas da humanidade. Traduzida por MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS. 1 v. in-4.º enc. 16\$000
- Os mundos Imaginarios e os mundos Reaes.** Viagem pittoresca pelo céu, por C. FLAMMARTON. Revista critica das theorias humanas, scientificas e romanticas, antigas e modernas, sobre os habitantes dos astros. Ornados de uma bonita gravura. 1 grosso volume in-8.º enc. 5\$000, br 4\$000
- Narrações do infinito. — Lumen. — Historia de um Alma. — Historia de um Cometa. — A vida Universal e Eterna.** por C. FLAMMARTON. 1 grosso volume in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- No Paiz das Sombras**, por M^{me} d'ESPÉRANCE. 1 vol. in-18, enc. 5\$000, br. 4\$000
- No Sanctuario**, por VAN DER NAILLEN. 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. 4\$000
- Nos templos de Himalaya**, por VAN DER NAILLEN. Unica traducção autorizada pelo autor. 1 v. enc. 5\$000, br. 4\$000
- Phenomeno Espirita (O).** Testemunhos dos Sabios com 20 gravuras. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRASILEIRA, por GABRIEL DELANNE. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Phenomenos occultos**, por COSTE, prefacio de Medeiros e Albuquerque (da Academia Brasileira) 1 v. in-18.
- Pluralidade dos Mundos Habitados.** Estudo em que se expõe ás condições de habitabilidade das terras celestes discutidas sob o ponto de vista da astronomia, da physiologia e da philosophia natural por C. FLAMMARTON. Traduzida da 23.ª edição por M. VAZ PINTO COELHO e ornada de gravuras. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br 4\$000
- Porque da Vida (O)**, por LÉON DENIS. 1 vol. in-18 enc. 3\$000 br. 2\$000
- Raças humanas (As)**, por LUIZ FIGUIER, versão de ABILIO LOBO. 1 v. in-4.º enc 22\$000
- Sabios illustres (Os)** (Christovão Colombo), por LUIZ FIGUIER, traducção de A. E. ZALUAR. 1 v. in-4.º br. 2\$500

- Sugestão mental**, pelo Dr. J. OCHOROWICZ. 1 grosso vol. in-18 enc. 5\$000, br. 4\$000
- Supremacia intellectual da Raça Latina**, resposta ás allegações germanicas; por EMM. LAIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Um caso de desmaterialisação**, por ALEXANDER AKSAKOF. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Vingança do Judeu**. Romance social espirito do CONDE DE ROCHESTER. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000

II. — MISCELLANEA

1.º — OBRAS DE UTILIDADE PRÁTICA. — ECONOMIA DOMESTICA, ETC.

- Arte (A) do Alfaiate**, por E. COMPAING, director do « Jornal dos Alfaiates ». Traducção completa do côrte do vestuario. 1 v. in-folio com gravuras explicativas, enc. 4\$000
- Conselheiro (O) da Familia Brasileira**, encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica. Um grosso volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre : habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos uteis, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrasas viciosas, receitas culinarias, etc., etc., pelo Dr. FELIPPE NERY COLLAÇO, bem encadernado 6\$000
- Conselheiro (O) secreto das damas**, segredos de toucador e receitas infalliveis para conservar e embelleçar as diversas partes do corpo. 1 v. n-32. 2\$000
- Correspondencia commercial (A)**, contendo mais de 300 cartas, circulares, offercimentos de serviços, cartas de introdução et de recommendação, cartas de credito, pedido de informações, ordens de bolsa, operações de cambio, negocios me participação, consignações, transportes, seguros, transacções geraes, etc., etc., por HENRIQUE PAGE. 1 v. in-8.º enc 5\$000
- Cozinheiro nacional** ou collecção das melhores receitas das cozinhas brasileira e européas, para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixe, crustaceos, ovos, leite, legumes, pudins, pasteis, doces de massa e conservas para sobremesa, etc. etc., acompanhado das regras de servir a mesa e de trinchar. 1 grosso vol. in-8.º ornado com numerosas e boas estampas. 3\$000
- Cultura das abelhas**, tratado completo e pratico de apicultura, por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.º enc. 2\$500
- Doceto Nacional** ou Arte de fazer toda a quallidade de doces. Obra contendo 1,200 receitas conhecidas e ineditas acompanhada dos diversos processos usados para a depu-

- ração e extractação do do assucar contido nas plantas saccharinas Ornado com numerosas estampas. 1 v. impresso em Paris. 3\$000
- Encyclopedia popular** (leituras uteis). Noções escriptas e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos humanos; notícias relativas ás cousas e instituições do Brazil; apontamentos historicos, geographicos, estatisticos, biographicos, industriaes, litterarios, etc.; por BERNARDO SATURNINO DA VEIGA. 1 v. in-4.º grande enc. 16\$000
- Guia pratico do distillador**, por E. ROBINET. 1 v. in-8.º enc. 6\$000
- Jardineiro brasileiro**, por PAULO SALLES. 1 v. in-8.º com numerosas gravuras. 4\$000
- Manual do Capitalista**, por BONNET. 1 v. in-4.º enc. percalina. 6\$000
- Com alguma pratica em compulsar este livro, pratica que aliás se adquire facilmente, o negociante, o banqueiro, o guardalivros, o empregado de fazenda ficam habilitados a effectuar a mais complicada operação de juros, de conta corrente, de percentagem, emquanto o diabo esfrega um olho.
- Manual do Gallinheiro**. Arte de melhorar e trataras gallinhas e mais **aves domesticas**, contem do regras e conselhos sobre o cruzamento e descripção das raças, criação e produção, construcção e hygiene do gallinheiro, molestas e seu tratamento, etc.; por A. PAULO SALLES. 1 nitido vol. in-8.º com gravuras, enc. 3\$000
- Manual pratico de Viticultura**, por GUSTAVO FOEX. 1 v. in-8.º enc. 4\$000
- Memoria sobre a sericultura no Brazil**, por José PEREIRA TAVARES. 1 v. in-4.º com 5 grandes estampas explicativas, br. 4\$000
- Novo Conzinheiro nacional**, por JULIO BRETEUIL. 1 grosso vol. in-8.º illustrado com muitas gravuras e 4 chromo-lithographies, enc. perc. 8\$000
- Novo manual do cozinheiro**, ou Arte da cozinha posta ao alcance de todos, por CONSTANTIN CARNEIRO, chefe de cozinha. 1 v. in-18 com estampas, enc. 2\$500
- Novo manual epistolar**, ou Arte de Escrever todo o genero de cartas segundo o gosto actual. 1 v. in-18 enc. 2\$000
- Orador popular**, por JOSÉ ALVES CASTILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- Este livro contém modelos de discursos, uma infinidade de modelos, desde o de « duas palavras » que se dizem á sobre-mesa, em dia de annos, até a oração funebre, que se pronuncia á beira de um tumulo aberto. E de grande utilidade pratica.
- Secretario brasileiro**. 1 v. in-8.º enc. 3\$000
- O *Secretario* é um livro que contém nada menos de 306 modelos de cartas; ha n'elle cartas para o que a gente precisar, desde pedir desculpa de não ir a uma festa, até rogar ao senhorio mais alguns dias de praso para o pagamento da casa. O *Secretario* não é um livro — é um thesouro.

O *Secretario* e com o *Orador*, tendo-se boa memoria, um homem pôde rir desdenhosamente das cartas em que ha *amigo* com dous *mm* e dos discursos interrompidos frequentes vezes por aquillo a que chamam *caroço* ».

Thesouro das familias ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. Collecção de 1952 receitas utilissimas e necessarias a todas as classes da sociedade, sobre economia domestica, sciencias, artes, industria, officios, manufacturas, agricultura, etc., etc. Obra extrahida e compilada dos autores os mais afamados e os mais modernos de todos os paises e augmentada de muitas e variadas receitas privadas e ineditas; por VICTOR RENAULT. 1 grosso v. nitidamente impresso e enc. 6\$000

Tatado completo sobre o porco, sua origem e utilidades, raças, criação e engorda pelos systemas modernos, *molestias e seu tratamento*, seguida da **criação do coelho** e dos diferentes modos de commodar a carne aos paladares mais delicados, e de noticias sobre a *anta*, a *cupicara*, a *paca* a *cutia* e o *porquinho da India*, a companhia do **Charcuteiro nacional** ou arte de fazer numerosos preparados e conservas de carne de porco, taes como: presuntos, salames, salsichas, murcellas, linguas, queijo de porco, salames, geléas, etc., por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.º ornado de numerosas gravuras, enc. 3\$000

Tratado da fabricação da Licôres, por BEDEL. 1 vol. br

Tratado de cultura da Canna de assucar, trad. hespanhol por REYNOSO, e impresso por ordem do Ministro da Agricultura. 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br. 4\$000

Tratado pratico de Medicina veterinaria. Arte da prevenir e curar as enfermidades que atacam geralmente o cavallo, o asno, os muares, o boi, o carneiro, o porco e o cão; e contendo a Anatomia, a Physiologia e Hygiene, Symptomas, o Tratamento das doenças, a Therapeutica, o modo de administrar os remedios e a inoculação preventiva por H. VILLIERS, medico-veterinario, e A. LARBALÉTRIER, professor de Agricultura, Obra traduzida da ultima edição franceza, ornada de 35 gravuras. 1 vol. in-8.º, enc. 4\$000

Tratado pratico da fabricação do queijo e da manteiga, acompanhado de um tratado sobre as *vaccas*, *cabras* e *carneiros* meios praticos sobre a criação, reproducção e aproveitamento, por PAULO SALLES. 1 v. com gravuras enc. 3\$000

Tratado usual de Pintura de edificios e decoração, por PAUL FLEURY. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000

Trado do mundo (O), por DUBAUX DE LA JONCHÈRE, traducção de SIMÕES DA FONSECA. 1 v. in-8.º enc. 5\$000

Util Cultivador (O) instruido em todo o manejo rural e

accommodado a qualquer clima, pelo Dr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO. 1 v. in-4.º enc 5\$000.

OBRAS DE SAMUEL SMLES

- Ajuda-te**, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de***, 1.ª edição, 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . 3\$000
- Caracter (O)**, traduzido por D. ADELAIDE PEREIRA. 1 grosso v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Dever (O)**, com exemplos de coragem, paciência e resignação. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Economia Domestica Moral** ou a felicitação e a independência pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8.º br. 3\$000.
- Poder da Vontade**, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de A. J. FERNANDES DOS REIS, 2.ª edição. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000
- Vida (A) e o Trabalho**, tradução de CORINNA COARACY. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. 3\$000

HYGIENE DA GERAÇÃO

Pelo Dr. P. Garnier

- O Matrimonio** considerado nos seus deveres, relaçãoceco effeitos conjugaes desde o ponto de vista legal, hygiennico physiologico e moral, 1 v. in-8.º, com 36 gravuras, enc 5\$000, br. 4\$000
- A Esterilidade humana e o hermaphrodismo no homem e na mulher.** 1 vol. in-8.º com gravuras, enc. 5\$000, br. 4\$000
- O Celibato e os celibatarios**, caracteres, perigos e hygiene nos dois sexos, 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- A Geração Universal**, Leis, Segredos e Mystérios no homem e na mulher, 1 vol. in 8.º numerosas gravuras no texto, enc. 5\$000, br. 4\$000
- O Onanismo só e a dois**, desde todas as fórmãs e consequencias, 1 gr. v. in-8.º 4\$000
- Impotencia physica e moral nos dois sexos.** Causas signaes, remedios, 1 v. in-8.º, com gravuras. enc. 5\$000, br. 4\$000
- Phytographia ou Botanica Brasileira** applicada ás artes e industrias, seguida de um supplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelos indios em suas enfermidades pelo Dr. J. A. DE MELLO MORAES. Um grosso volume in-4º, com 550 paginas, em bom papel e nitida impressão, enc. . . . 15\$000

Revista da Exposição Anthropologica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. Obra illustrada com gravuras em madeira, 1 v. in-folio enc. 10\$000

Em preparação :

As Anomalias sexuaes, apparentes e occultas, com 230 observações, 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
0 Males de Amor, contagio, preservativos e remedios com 112 observações, 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br.. 4\$000

OBRAS RECREATIVAS, HUMORISTICAS, ETC.

BIBLIOTHECA POPULAR

Cada vol. 500 reis.

Astucias de Bertoldo. Novissima edição, 1 vol. enc. 4\$000, br. 3\$000

Historia da Princeza Magalona. Novissima edição, 1 v. br.

Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br.

Historia de João de Calais. Novissima edição, 1 v. br.

Historia do Pelle de Asno, ou a **Vida do Principe Cyrillo**. Novissima edição, 1 v. br.

Historia jocosa dos Tres corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se destreuve o equivoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br.

Historia do Grande Roberto do Diabo, Duque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, pelo que mereceu ser chamado *Roberto do Diabo* e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, pelo que mereceu ser chamado *Roberto de Deus*, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br.

Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Ladonio de Roma. Novissima edição, 1 v. br.

Nova Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze pares de França, contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldos de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br.

Confissão geral do Marujo Vicente por via das rogativas que lhe fez sua mulher Joanna e sua aparição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br.

Despedida de João Brandão a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da **Resposta de Carolina Augusta**. Novissima edição, 1 v. br.

Maria José, ou a filha que assassinou, degolou e esquer-

- tejou sua propria mãe Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848. 1 v. br.
- Simplicidades de Bertoldinho**, filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcofia, sua mãe. Novissima edição, 1 v. br.
- Vida de Cacasseno**, filho de simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição, 1 v. br.
- A noite na Taverna**, cantos phantásticos por ALVARES DE AZEVEDO. Precedido de um esboço biographico pelo DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. br.
- Galatá. Egloga.** 1 v. br.
- Vozes d'Africa. O Navio negroiro**, tragedia no mar. 1 v. br.
- Disputa divertida** das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para e pessoa que fôr casada. 1 v. br.
- Os Escravos. Manuscriptos de Stenio.** 1 v. br.
- Bom (O) do Sr. Leitão**, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12º, enc. 1\$600, br 1\$000
- Cartas Magicas.** Adivinhações faceis por meio da leitura de amenos versos. Um estojo com 32 cartas comprehendendo os quatro naipes, bem impressos e dignas do fim a que se destinam. 1\$600
- Conselheiro dos Amantes (O).** Collecção de diferentes modelos de cartas amorosas para ambos os sexos, seguido de um appendice contendo a linguagem das flôres, emblema das côres, terminando pelo telegrapho amatorio, ou modo de fazer signaes, nova edição. 1 v. in-8º br. 500
- Cantos Jocosos**, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12º enc. 1\$600, br 1\$000
- Cornucopia dos Salões.** Livro indispensavel a todos quantos desejem passar e mplena alegria. Mil noites festivas. Contendo completa collecção de sortes, jogos de sociedades, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Dados da Fortuna.** Modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brasileira, contendo 48 perguntas e 1,056 respostas em quadras rimadas. 1 v. in-8º, br. 1\$600
- Diccionario das Flôres**, folhas, fructas, hervas e objecto mais usuas, com significações, ou vade-mecum dos nomeados, offerecido aos fleis subditos de Cupido. 1 v. br. . . 500
- Esphinge (A).** Palestra enigmatica ou livro de adivinhações proprias a aguçar o espirito e a entreter a imaginação nas reuniões brasileiras, e para desenfado, recreio e passatempo sempre agradavel nas noites de fogueiras de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. 1 v. in-8º. 1\$600
- Jogo da Conversação** bello entretenimento de perguntas e respostas ou disparates e acertos engraçados para passa-

- tempo das familias brasileiras, 2 estojos com 100 perguntas e 100 respostas. 3\$200
- Letras Mysteriosas. — Adivinhações facéis por meio da leitura de trechos em prosa. Um elegante estojo com 25 bonitos cartões nitidamente impressos** 1\$600
- Livro dos Sonhos**, no qual se encontra a sua explicação ao alcance de qualquer pessoa. 1 v. in-12, br. \$500
- Livro (O) dos Sonhos**, edição revista e corrigida, illustrada. 1 v. in-18°. 2\$000
- Adivinhador. Livro feiticairo das Senhoras**, ou Novissimo oraculo de donas e donzellas, contendo 70 perguntas e 1,120 respostas de fazer pasmar pelo seu acerto, por O ADIVINHADOR. 1 v. in-8°, nitida edição. 1\$600
- Cartoes de amor. Jogo dialogado e em versos entre damas e cavalleiros para desenfado das noites de inverno. Um estojo com 100 cartões.** 1\$600
- Um marido por um pé de meia**, por KOCK JUNIOR, 1 v. in-12°, enc. 1\$600 1\$000
- Mata-Horas (O) Aborrecidas.** Nova e interessantissima colleção de jogos de sociedade, comprehendendo 127 jogos de prendas e de espirito ou imaginação, de dansa, de musica, de penitencia e de mystificação. 1 volume in-8°, bem impresso. 1\$600
- Mensageiro dos amantes**, ou Arte de agradar e obter successos em amores. Contêm modelos de correspondencia galante em todos os casos possiveis. 1 estampa. 1 volume in-18°. 2\$000
- Mosaico Brasileiro**, ou colleção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8°, enc. 3\$000
- Novissimo e completo Manual de dança**, tratado theorico e pratico das danças de sociedade, por ALVARO DIAS PATRICIO. 1 v. in-8°. enc. 3\$000 br. 2\$000
- Novo manual de Jogos de sociedade e de prendas.** 1 estampa. 1 v. in-18°. 2\$000
- Pandego (O)**, por KOCK JUNIOR. 1 volume in-12° enc. 1\$600, br. 1\$000
- « O Pandego » é uma narrativa cheia de interesse que, sobretudo, se recomanda pela proveitosa lição de moralidade que encerra.
- Oraculo das familias.** 1 v. br. 1\$600
- Prestidigitação**, por GASTÃO ROBERT. br. 2\$000, enc. 3\$000
- Roda do Destino.** Novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brasileiras nas noites de fogueiras, contendo 51 perguntas de novos e interessantes assumptos, e 1248 respostas em 4992 versos! Acompanhada de um mechanismo expressamente inventado para se tirar as sortes com toda a certeza e infaillibilidade. 1 v. 3\$500

- Sortes de physica recreativa**, por GASTÃO ROBERT, 1 v.
br. 2\$000, enc. 3\$000
- Sortes de Cartas**, por GASTÃO ROBERT, 1 v. br. 2\$000,
enc. 3\$000
- Verdadeiro oraculo** dos maridos e dos amantes, que res-
ponde de um modo infallivel a todas as perguntas. 1 v.
in-12°. 1\$500
- Verdadeiro livro de S. Cypriano (O.)**. Edição a mais
cômpleta, por POSSIDONIO TAVARES. 1 vol. in-8°, br. 3\$000
- Vinhateiros do Brasil**, por ULTIMO COURBASSIER, 1 vol.
br. 1\$000

DICIONARIO ENCYCLOPEDICO
ILLUSTRADO
DA
LINGUA PORTUGUEZA

CONTENDO

Vocabulario portuguez. — Historia. — Biographia.
Geographia. — Mythologia.

POR

SIMÕES DA FONSEGA

Antigo professor do Litteratura portugueza em Pariz; Membro e antigo Secretario
da Associação litteraria e artistica internacional.

Terceira edição melhorada

1 vol. gr. in-18 encadernada

8\$000

H. GARNIER, EDITOR, RIO DE JANEIRO

Alvarenga Peixoto (Ign. José de). <i>Obras poéticas</i> . 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Casimiro de Abreu (J.M.). <i>Obras completas</i> . 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Castro Alves . <i>Obras poéticas</i> . 2 vol. in-8°.	
Francisco de S. Carlos (Frei). <i>A Assumpção</i> , poema. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Gonçalves Dias . <i>Obras poéticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br.	4\$000
Gonzaga . Poema. 1 vol. in-8° enc.	3\$000
Gonzaga (Th. Ant.). <i>Marília de Dirceu</i> . 2 vol. in-8° enc.	6\$000
Guimarães (Bernardo). <i>Obras poéticas</i> . 3 vol. in-8° enc. 10\$000, br.	7\$000
Guimarães Junior (Luiz). <i>Corymbos</i> . 1 vol. in-4° br.	3\$000
— <i>Filigranas</i> . 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br.	2\$000
Junqueira Freire . <i>Obras poéticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br.	4\$000
Laurindo Rabello . <i>Obras poéticas</i> . 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br.	2\$000
Machado de Assis . <i>Obras poéticas</i> . 3 vol. in-8° enc. 9\$000, br.	6\$000
Macedo (Dr. J.-M. de). <i>A Nebulosa</i> , poema. 1 vol. in-4°.	4\$000
Magalhães de Araguaya (Dr. J.-G. de). <i>Obras</i> , 3 vol. in-4°.	24\$000
Mello Moraes Filho . <i>Obras poéticas</i> , 4 vol. in-8° enc. 19\$000, br.	15\$000
Santa Rita Durão (Fr. José). <i>Caramuru</i> , 1 vol. in-8° encad. 3\$000, br.	2\$000
Silva Alvarenga (M.-J. da). <i>Obras poéticas</i> . 2 vol. in-8° enc. 6\$000, br.	4\$000

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).